

Capítulo 3

O sensacional, o popular e o populismo nos jornais

3.1. Os jornais como intermediários políticos

A **Última Hora** se definiu, desde o início, como um “*movimento de reivindicação popular e nacional*”. **O Dia** veio às ruas afirmando não ter outro chefe senão o povo. E a **Luta Democrática**, em seu estilo combativo, exibia diariamente o slogan “*Um jornal feito por homens que lutam pelos que não podem lutar*”. **Última Hora**, **O Dia** e **Luta Democrática** tiveram, efetivamente, uma atuação como intermediários entre o povo e o governo. Criados para ampliar o apoio popular em relação a determinados líderes políticos, estes jornais empreenderam grande parte de suas forças fazendo propaganda destas lideranças, é verdade, e também veicularam reivindicações populares, chegando a prestar serviços importantes na intermediação entre cidadãos e autoridades, como no caso das seções de queixas dos leitores e de aconselhamento em relação a questões trabalhistas.

Última Hora, **O Dia** e **Luta Democrática** abriram espaço aos temas, preocupações e aspirações populares fazendo valer a imagem de “defensores do povo”. Esta imagem foi, para estes jornais, o seu patrimônio mais precioso – ainda que não fosse exclusividade deles, pois, com maior ou menor intensidade, outros periódicos também posaram como “advogados” das classes populares. Lapidada dia após dia – através dos serviços efetivamente prestados pelos jornais, mas também por um esforço retórico dos mesmos - a imagem de “defensores do povo” objetivou construir a legitimidade destes meios, bem como a das lideranças às quais estavam ligados.

Em seu primeiro número, no dia 12 de junho de 1951, a **Última Hora** estampou na primeira página uma carta de Vargas a Samuel Wainer. Segundo o dono do jornal, que cedeu o espaço de sua apresentação do novo veículo ao texto do presidente da República, a

carta de Vargas sinalizava “a grande responsabilidade que este jornal assume ao nascer”:

“A mensagem de confiança que ele encerra constitui o melhor programa que um jornal, apresentando-se como arma do povo, poderia desejar.”¹

Em seu livro de memórias, Wainer recorda:

“Eu pedira a Getúlio que escrevesse a carta, decidido a vincular o jornal desde o berço ao presidente eleito pelo povo. “Meu caro Samuel Wainer”, começava a carta, que depois se estendia em considerações sobre o conceito e a importância de uma imprensa popular. Jamais, em qualquer país do mundo, um jornal fora apresentado aos leitores por um presidente da República.”²

O texto enviado por Vargas ressaltava a importância da imprensa, e por conseguinte do novo jornal, como intermediário entre o governo e o povo:

“Nenhuma contradição existe – já o afirmei uma vez – entre o exercício da crítica honesta e as atribuições do poder público. Ao contrário, muito pode esperar o Governo da atuação dos jornais que lhe analisam os atos com isenção de ânimo e justeza de conceitos. A imprensa, respeitada pelo equilíbrio de seus comentários, com autoridade de opinião, pode influir proveitosamente no encaminhamento dos assuntos político-administrativos.

(...)

A maioria da imprensa, em suas linhas gerais e através dos seus órgãos mais representativos, sabe manter-se a um nível superior de crítica objetiva, onde ressaltam a experiência, o equilíbrio e a penetração daqueles em cuja formação intelectual o amor à verdade e a dedicação à causa pública superam as paixões partidárias e as divergências pessoais. Assim compreendido e assim exercido, o jornalismo desempenha uma grande missão social, que é a de esclarecer e orientar a opinião pública, auxiliando eficientemente o Governo na sua tarefa cotidiana de bem servir às necessidades e aspirações populares. Criadora, estimuladora, esclarecedora deve ser sempre a função primacial da

¹ Última Hora, 12/06/51, p.1. Grifo meu.

imprensa livre. E dessa imprensa necessita o governo, mais do que nunca. Os problemas sociais e políticos são de tal modo complexos, que só um contato vivo, perene e fecundo com a opinião pública de todo o país pode dar luzes e força ao governo, para enfrentá-los e resolvê-los. Nesse sentido, é na imprensa que se cristaliza o espírito do povo e é pelos seus órgãos mais representativos que se traduzem as exigências e os anseios coletivos.”³

Vargas, ex-ditador que censurou a imprensa durante o Estado Novo e na volta da democracia enfrentou a oposição dos principais jornais, realizava em sua carta a divisão simbólica entre o bom e o mau jornalismo, assinalando o primeiro como o exercício patriótico, identificado com o povo e acima dos interesses partidários ou pessoais. No entanto, a observação dos jornais **Última Hora**, **O Dia** e **Luta Democrática** – bem como a de outros veículos do período – revela que a distinção entre os bons e os maus meios de comunicação variou justamente conforme tais interesses, em que o combate a determinado personagem ou grupo político estendia-se frequentemente aos veículos que lhe davam apoio.

A retórica da carta presidencial pautou-se pela diplomacia: posto na berlinda pela maior parte dos jornais, Vargas elogiou “a maioria da imprensa” e reconheceu sua importância como ator no complexo contexto democrático. Durante seu segundo governo, foram frequentes as menções, por parte dos veículos de oposição, ao seu passado de ditador que cerceou a atividade jornalística. A **Última Hora**, na defesa do presidente, empenhou-se na construção da imagem do “Vargas democrático”, o que incluiu a idéia do respeito à liberdade de imprensa.

A proposta do deputado Paulo Pinheiro Chagas, do PSD, de que a mensagem presidencial fosse transcrita nos Anais do Congresso Nacional, como documento de “alto valor cultural” e de conceitos “saudavelmente democráticos”, transformou a carta em fato político, registrado pela **Última Hora** com destaque.⁴

Uma semana após a criação do jornal, Wainer escreveu na primeira página sobre a lei sancionada por Getúlio em relação ao

² Samuel Wainer, Minha razão de viver: memórias de um repórter, op.cit., p.142.

³ Última Hora, 12/06/51, p.1. Grifo meu.

fornecimento de papel para a imprensa. Segundo o diretor da **Última Hora**, Vargas teria tomado tal medida “*sob sua inteira responsabilidade pessoal e direta*”, contrariando as previsões da imprensa de oposição e mesmo os pareceres do Ministério da Fazenda:

“*Com esta atitude, o sr. Getúlio Vargas mostra, uma vez mais, a orientação construtiva que deseja imprimir ao seu governo no que se refere à liberdade de imprensa, pois a nova lei virá beneficiar precisamente os jornais que mais o combatem, sabido como é que na grande imprensa de oposição o problema da liberação do papel constituía a preocupação mais constante.*”⁵

A questão do fornecimento de papel, que durante o Estado Novo havia sido uma das formas de pressão da ditadura sobre a imprensa⁶, agora ajudava a construir a figura democrática, pluralista, de Vargas. A atitude do presidente, continuava Wainer, confirmava a “*sinceridade dos conceitos*” expressos no número inaugural do vespertino. Desta maneira, explicou o jornalista, “*nos sentimos mais à vontade ainda para prosseguir na rota que traçamos para este jornal, fazendo-o cada vez mais um jornal do povo para o governo*”.

Poucos dias depois, Wainer reafirmaria em sua coluna na primeira página, agora com todas as letras:

“*Somos um jornal do povo para o governo, e não do governo para o povo*”.⁷

Wainer invertia assim o vetor: o “jornal do Getúlio”, o jornal criado para ser a voz do governo junto à população, apresentava-se como “*um jornal do povo para o governo*”. Ao longo do governo Vargas, a **Última Hora** tentou administrar, ao mesmo tempo, sua vinculação política e a afirmação de independência jornalística. Mesmo esforço fez o jornal **O**

⁴ “Aprovado parecer pela transcrição da carta de Vargas nos Anais do Congresso”, *Última Hora*, 29/06/1951, p.3.

⁵ *Última Hora*, 19/06/1951, p.1. Grifo meu.

⁶ Juarez Bahia, op.cit., p.309.

⁷ *Coluna de Última Hora*, *Última Hora*, 03/07/1951, p.1.

Dia, que, quase simultaneamente à **Última Hora**, surgiu proclamando-se também “defensor do povo”:

*" (...) Não temos ligações político-partidárias. Nascemos do apoio popular e só a ele devemos contas de nossos atos. Livres de quaisquer compromissos com entidades ou grupos, estaremos onde estiver o interesse coletivo e não teremos outro chefe, outro orientador, senão aquele em cujo nome falaremos sempre: o povo. Na defesa de suas legítimas aspirações, na batalha pelo reconhecimento de seus direitos, no combate aos que o infelicitam, aos que o convertem frequentemente em pasto de ambições e apetites inconfessáveis, seremos inflexíveis, não olhando conveniências próprias ou alheias e só nos deixando guiar pela consciência do dever, que jamais nos faltou. Queremos o poder, que é do povo, exercido pelo povo e para o povo, pois não compreendemos e, menos ainda, admitimos que ele, sendo do povo, não se exerça exclusivamente em benefício do povo. Quer dizer: os sindicatos políticos e agrupamentos partidários não contarão conosco, senão quando estiverem a serviço das causas eminentemente populares, nunca quando delas se afastarem, seja a que pretexto fôr, para se converterem em aparelhos de mistificação das massas, em instrumentos de gozo pessoal ou de privilégios intoleráveis à luz da razão ou do regime."*⁸

O editorial de lançamento de **O Dia** funciona como a cena de abertura de um espetáculo teatral, onde são apresentados os personagens da trama e os elementos centrais do enredo. Ali o jornal anuncia o que será a sua trajetória: a luta em defesa dos direitos do povo, combatendo os "*sindicatos políticos e agrupamentos partidários*" quando estes não estiverem "*a serviço das causas eminentemente populares*".

Cotidianamente, os jornais são o lugar da representação dos acontecimentos. A analogia com o espetáculo teatral, ainda que um pouco simplificadora, visa enfatizar o papel da imprensa como espaço da dramatização do cotidiano, de apresentação dos personagens que compõem determinado contexto e das possibilidades de suas ações.

Na retórica do editorial de **O Dia**, o povo é o personagem principal, em função do qual os demais agem. Funcionando como uma espécie de

⁸ O Dia, 05/06/1951. Grifo meu.

carta de intenções ou profissão de fé, o texto do editorial articula elementos-chave do debate político dos anos 50: o povo e seus direitos, os partidos, os sindicatos, o regime democrático. O jornal coloca-se ao lado do povo e contra os possíveis abusos exercidos pelos partidos e sindicatos, ocultando a sua própria vinculação partidária (o PSP de Ademar de Barros e Chagas Freitas).

A luta assumida por **O Dia** já nasceu legitimada pela tradição de **A Notícia** como jornal popular. Ao comprar **A Notícia**, Chagas Freitas e Ademar de Barros herdaram e enfatizaram a atuação do jornal na defesa das classes mais humildes. Ao surgir nas bancas, **O Dia** anunciou: “*Este jornal nasce já com uma tradição*”. **A Notícia**, por sua vez, fez ampla divulgação do novo matutino durante todo o mês que antecedeu o seu aparecimento:

“No dia 5 de junho sairá O Dia – Um jornal como A Notícia – Um jornal que será o seu jornal! Sem compromissos partidários, leve, vibrante e noticioso; intérprete das angústias do povo carioca, recebendo as queixas dos trabalhadores nos sindicatos, oficinas e fábricas; visitando os bairros com os seus ‘Comandos’. Sem ligações partidárias. Um jornal que será o seu jornal – O Dia.”⁹

Também o aniversário d’**A Notícia**, tornar-se-ia, para **O Dia**, oportunidade para a afirmação de ambos como veículos “*incondicionalmente a serviço do povo*”.¹⁰

A **Luta Democrática**, ao surgir em 3 de fevereiro de 1954, trouxe em sua primeira página os versos do poeta popular Zé Alagoano como apresentação:

*“Alerta! Alerta, Zé Povo:
Vamos ver se isto endireita!
Foi fundada hoje esta folha,
Jornal que mete a marreta;
Ele em tudo se define:*

⁹ A Notícia, maio de 1951. Grifo meu.

¹⁰ “Um jornal identificado com as aspirações populares”, O Dia, 17/09/1954.

*Pertence a Baldessarini
E ao homem da Capa Preta.*

*Tenório e Baldessarini,
A quem no momento eu louvo,
Fundaram este jornal
Para defesa do Povo
E dar combate cerrado
A quem for interessado
Na volta do Estado Novo.”*

Também na primeira página, o “Homem da Capa Preta” anunciava as intenções de seu jornal:

“O povo brasileiro, ante o nosso surgimento, passa a dispor de mais um órgão da imprensa diária, devotado à intemerata defesa de suas tradições e das aspirações democráticas.”

Fazendo jus ao seu papel de “**Tribuna da Imprensa** dos pobres”, de veículo da oposição udenista a Vargas, a primeira manchete do jornal foi “*Arinos pulveriza Getúlio*”. Na continuidade de seu texto, Tenório constrói a idéia da “luta democrática” a ser empreendida pelo novo matutino. A eleição de Vargas teria sido “*um erro insanável, mas que não deverá ser repetido*”:

“Varridos das urnas precisam ser os aproveitadores dos mandatos eletivos, na manipulação das negociatas, do tráfico de influências, do suborno, da ilegalidade, dos assaltos aos erários, da orgia administrativa”.

Dois dias após o seu aparecimento, a prova “jornalística” de que o jornal já havia se tornado “*um baluarte invencível na luta pela defesa da democracia*”: fotos publicadas na contracapa mostravam a **Luta Democrática** “*sendo recebida com grande entusiasmo pela população carioca e fluminense*”. Nas fotos, pessoas liam o exemplar do dia anterior,

onde a manchete gritava “*Fome: objetivo do governo*”. Poucos dias depois, o registro do sucesso do periódico em Três Rios:

*“Foi aqui delirantemente aplaudido pelo povo o carro de Luta Democrática que distribuía os primeiros números de nosso jornal, cujo agente vendeu dois mil exemplares em menos de uma hora.”*¹¹

Imediatamente após a sua fundação, a **Luta Democrática** deu início à criação de sucursais em bairros populares do Rio de Janeiro. A cada inauguração, reforçava-se a idéia do jornal como “trincheira” popular. Em 22 de março de 1954, Tenório Cavalcanti e Hugo Baldessarini inauguraram sua filial em Campo Grande para atender ao chamado “Sertão Carioca”, que incluía também Guaratiba, Santa Cruz, Sepetiba e áreas próximas. No evento, além dos discursos dos fundadores, falaram um estudante e um operário, entre outros. Nos intervalos, tocou a “*magnífica banda dos pescadores da Pedra de Guaratiba*”. Na reportagem do matutino, o deputado Tenório Cavalcanti levava uma benfeitoria àquela região:

*“Luta Democrática será a adutora que carregará as lágrimas dos sofrendores e injustiçados até o trono dos soberanos, em solenes protestos.”*¹²

Poucos dias depois, a reportagem “*Lavradores em pânico*” dizia que um grupo de moradores da área “*correu para Luta Democrática*”, “*para evitar uma chacina*”. Eis a abertura da matéria:

“Decididamente a agência de Luta Democrática para o Sertão Carioca veio ao encontro de um grande anseio popular. O povo do Sertão estava ansioso por uma válvula de escapamento para suas angústias. São ondas de queixosos, partidas de todos os rincões, pedindo amparo, proteção e formulando protestos.”

13

¹¹ Luta Democrática, 09/02/1954, p.2.

¹² Luta Democrática, 23/03/1954.

¹³ Luta Democrática, 31/03/1954.

O jornal tentava aliar em sua imagem o papel de defensor do povo, o perfil de veículo moderno e a capacidade de falar às diferentes classes sociais:

*"Luta Democrática infiltrou-se em todas as camadas sociais confirmando o destino dos jornais modernos, cuja vitória não está sujeita ao fator tempo, ou melhor, antiguidade, mas ao segredo que poucos conhecem de melhor servir ao povo, refletindo os seus anseios e lutando pelos seus direitos. (...) Do Leme aos mais distantes municípios do Estado do Rio, Luta Democrática é, para gáudio dos seus dirigentes, um grande veículo do povo e o seu grande informante."*¹⁴

Manchetes indignadas, denunciando abusos contra a população, eram a marca principal dos jornais populares e sinalizavam cotidianamente sua postura em defesa do povo. A força gráfica das letras garrafais enfatizava a denúncia. Ficaram famosos no meio jornalístico os "zincos d'**A Notícia**", como eram chamados os títulos sensacionalistas, em tipos enormes, do irmão mais velho de **O Dia**. As denúncias em defesa da população tinham primazia na primeira página e na contracapa, espaços nobres do jornal em sua exposição nas bancas:

"Roncando de olhos abertos – A tragédia de um povo que só tem existido para sofrer e pagar impostos" (O Dia, 05/06/1951)

"Revoltante! Enquanto o povo sofre sede, a Prefeitura desperdiça milhões de litros d'água" (O Dia, 09/06/1951)

"Reação dos trabalhadores à ganância organizada dos tubarões do comércio" (UH, 14/06/1951)

"Desrespeito completo às leis trabalhistas" (UH, 05/05/1953)

"Transportes coletivos – a eterna angústia da população" (LD, 06/02/1954)

"Vitaminas podres intoxicando o povo" (LD, 12/02/1954)

"Ameaçam o povo com pão dormido" (LD, 17/02/1954)

Evidentemente, como um recurso possível do jornalismo, as manchetes em tom de denúncia estavam presentes também em outros jornais. A particularidade, no caso de **Última Hora**, **O Dia** e **Luta**

Democrática, é que o esforço de modelagem da imagem de “defensor do povo” integrava a tarefa maior de construção de um vínculo entre os leitores e determinadas lideranças políticas. Desta forma, os jornais de Samuel Wainer, Chagas Freitas e Tenório Cavalcanti travaram dia a dia uma verdadeira “batalha das manchetes”. Algumas delas nos dão idéia do trabalho de afirmação das lideranças às quais estes jornais estavam ligados, explicitando a dimensão da disputa entre as diferentes correntes populistas:

“Palavra de Vargas: aumento geral de salários” (**UH**, 25/06/1951)

“Casas, urgentemente, para a classe pobre – recomenda o presidente da República” (**UH**, 16/07/1951)

“Seis crimes com participação de Tenório” (**O Dia**, 06/09/51)

“Constata o Ibope: Ademar de Barros o líder político de maior prestígio popular” (**O Dia**, 25/03/1953)

“O povo está descontente e eu dou razão ao povo” [declaração de Ademar de Barros](**O Dia**, 27/03/1953)

“O presidente dirá amanhã aos trabalhadores: a revolução social apenas começou” (**UH**, 30/04/1953)

“Rebelião contra a chefia de Ademar” (**UH**, 06/05/53)

“Deturpados os cálculos do salário mínimo – Jango continua mudo...” (**LD**, 14/02/1954)

“Vargas trama contra o regime” (**O Dia**, 13/05/1954)

“Cem mil funcionários farão novo apelo a Getúlio” (**O Dia**, 01/07/1954)

“Milhares de pessoas ovacionaram Tenório Cavalcanti” (**LD**, 01/07/54)+

“Falou-se em greve na assembléia dos servidores públicos - indignados os barnabés por não terem sido recebidos pelo Presidente da República” (**LD**, 01/07/54)

Como deixam perceber as manchetes acima, a construção de uma imagem positiva para determinada liderança política se fez acompanhar pelo ataque aos seus concorrentes. Na udenista **Luta Democrática**, Vargas é o ditador do Estado Novo. Na **Última Hora**, Tenório Cavalcanti é

¹⁴ Luta Democrática, 02/07/1954, p.3.

o “pagé de Caxias”¹⁵ ou o deputado “cuja notoriedade não resultou de sua condição de parlamentar, mas de outras práticas nada parlamentares”¹⁶ e cuja “especialidade é o gatilho”.¹⁷

A tarefa de construção da imagem positiva do líder se espalha pelos diferentes espaços do jornal. É perceptível no noticiário, nas colunas e nos editoriais. No jornal **O Dia**, desde o início Ademar de Barros foi uma pauta frequente, gerando notícias, fotos e elogios que não raro ocuparam a primeira página. Já no primeiro número o “líder populista” foi saudado como o “criador da saúde pública”.¹⁸ Cada movimento de Ademar de Barros era cuidadosamente registrado por **O Dia**:

*“Uma das maiores manifestações populares já havidas em São Paulo. Foi a que recebeu ontem o sr. Ademar de Barros ao regressar dos Estados Unidos”*¹⁹

Conforme já escreveu Carlos Eduardo Sarmiento, “Ademar de Barros tinha sua imagem pública reforçada e tornava-se o mais importante símbolo político da fase inicial de **O Dia**: era o paladino das massas”.²⁰

Em 4 de janeiro de 1953, a *Carta aberta a Ademar de Barros*, do leitor Galba Campello de Carvalho, reforçava a função intermediadora de **O Dia**, ao mesmo tempo em que apresentava o político como solução para um grave problema nacional:

"Estou chegando do norte. Do nordeste, propriamente. Calcinado pela seca e tangido pela fome. Com a lembrança, bem viva, do que foi o ano de 1951. Gente pelas estradas, esfarrapada, olhar perdido na caatinga sem fim. Famintos de carne e de esperança. (...) Até quando, ó brasileiros, consentireis nesse crime? (...) Uma vez - 1950 - houve como que uma esperança nova. Porém logo se desfez. Vossa Excelência, senhor Ademar de Barros, que era a esperança

¹⁵ “Tenório disposto a provar o ‘salafrismo policial’”, Última Hora, 03/07/1951, p.1.

¹⁶ *O dia do presidente*, Última Hora, 17/03/1953, p.3.

¹⁷ *Na arena do parlamento – Maioria X Menoria*, Última Hora, 12/06/1951, p.3.

¹⁸ “Ademar de Barros proclamado ‘criador da saúde pública’”, O Dia, 05/06/1951, p.1.

¹⁹ Título de nota na 1ª página em O Dia, 06/07/51.

daquele povo, não quis assumir a chefia da nação. (...) Cinco anos que poderiam ter sido decisivos para a restauração econômica daquele pedaço do Brasil. (...) Vossa Excelência é a nossa esperança. (...) É a nossa salvação, como foi a de São Paulo. Será o nosso libertador, da estagnação, da seca e da morte."

Cabe ressaltar que esta carta apareceu em meio ao noticiário, como se fosse mais uma entre as várias matérias da página, e não em uma seção específica de cartas dos leitores. Um exemplo de como as escolhas editoriais enquadram a informação, compondo uma determinada visão da realidade. O destaque da carta garantiu a ela a relevância de um manifesto – no caso, um clamor à ação “salvadora” de Ademar de Barros.

No registro do jornal, era destacado o prestígio de Ademar não só junto às massas, mas também no meio político e na imprensa:

*“Está sendo esperado hoje, às 10h30min, nesta capital, o sr. Ademar de Barros. A viagem do líder populista ao Rio vem despertando intensa curiosidade nos meios políticos, constituindo mesmo o fato mais importante dos últimos dias.”*²¹

*“Durante sua estada nesta capital o sr. Ademar de Barros conferenciará com o presidente Getúlio Vargas. O presidente da República, aliás, manifestou o maior interesse por esta entrevista, insistindo na necessidade de um exame conjunto dos problemas nacionais.”*²²

“Desde o meio-dia de ontem encontra-se nesta capital o sr. Ademar de Barros, deslocando com a sua presença todas as atenções dos meios políticos e polarizando o interesse da imprensa.

Á noite, o ex-governador bandeirante satisfaz inteiramente a curiosidade da imprensa falada e escrita, concedendo, na sede do Partido Social Progressista, ampla entrevista coletiva.

²⁰ Carlos Eduardo Sarmiento Chagas Freitas, op.cit., p.39.

²¹ Trecho de texto na 1ª pg em O Dia, 11/07/1951.

²² Trecho da continuação do texto na pg 2 em O Dia, 11/07/1951.

*Foi um verdadeiro bombardeio de perguntas a que o presidente populista respondia bem-humorado e sorridente, fiel à norma de que não há perguntas indiscretas, mas unicamente respostas inábeis...”*²³

A mesma visita, narrada pela **Última Hora**, ganhou outros contornos. A reportagem do cônego Antônio Dutra (sim, o jornal tinha um padre entre os seus repórteres) destacava “*um pouco de pitoresco na chegada do ex-governador de São Paulo*”. O título da matéria aproveitava uma declaração de Ademar de Barros (“*Não estou de miolo mole*”), contribuindo para a imagem curiosa do político. O relato da **Última Hora** enfatizava a importância da visita como parte do esforço de propaganda do PSP na sedimentação de candidaturas futuras de Ademar:

“A máquina de propaganda do seu partido se mobilizou através do rádio e dos jornais, não tendo mesmo faltado a distribuição de retratos do ex-governador, patrocinada pelo CAB, ou seja, Centro Ademar de Barros.

*(...) Uns diziam e outros confirmavam que ‘o chefe será candidato pras cabeceiras’. Outros, a meia voz, comentavam o programa de viagens ao país que está sendo organizado pelo Serviço de Propaganda do PSP. Um deputado declarava enfaticamente que Ademar ‘agora vai’ (...). Concluía-se facilmente (...) que Ademar está numa fase preparatória para ‘ficar no foco’, trabalhando as visitas e exercitando a ação da presença.”*²⁴

Na **Última Hora**, n’**O Dia** e na **Luta Democrática** – assim como nos demais jornais da época, todos eles relacionados em maior ou menor grau a alguma corrente política – a informação política *stricto sensu* (as medidas do Executivo, os debates e as resoluções do Legislativo, os bastidores da política partidária) teve evidente importância na afirmação de posições, partidos e líderes. Dissensões internas e acusações contra os partidos não apoiados pelo veículo tinham destaque no noticiário. No entanto, o tratamento dispensado à informação política variou conforme o jornal.

²³ Trecho de texto na 1ª pg em O Dia, 12/07/1951.

A *Última Hora* objetivou atingir um público amplo (das elites às massas trabalhadoras), e, neste sentido, seu noticiário político apresentou diferentes gradações, indo da sobriedade ao humor, e também, como já foi dito, ao tom de denúncia. A coluna *Última Hora na política*, assinada por Medeiros Lima, a seção *Bilhete de Niterói*, sobre a política fluminense, e a *Coluna de Última Hora*, o editorial escrito por Wainer ou por Francisco de Assis Barbosa, mantiveram a linguagem moderada, ainda que a postura fosse crítica. Outros espaços, como a seção *Na arena do parlamento – Maioria X Minoria* e a coluna *O dia do presidente*, lançaram mão de uma linguagem por vezes irônica, outras anedótica, sem no entanto perder sua importância como registro dos acontecimentos em torno de autoridades e partidos. *Na hora h*, escrita por M. Bernardes M., uma coluna de notas variadas na página 2, tratava a informação política dentro de sua habitual abordagem informal dedicada a outros assuntos.

As reportagens políticas da *Última Hora*, por sua vez, podiam acentuar com discreta ironia os problemas enfrentados por grupos concorrentes:

*“A ceia de Natal de Ademar com os seus dirigentes políticos cariocas não foi de paz e harmonia, como devia ser. Nem todos ali se encontravam, para trincar o peru, quebrar as castanhas e beber o bom vinho das boas festas.”*²⁵

Em *O Dia*, a página 2 concentrava a maior parte do noticiário político, sendo também o lugar do editorial. As seções sobre o poder legislativo mantinham um tom sóbrio, privilegiando o registro dos fatos. É nas reportagens, no editorial e em pequenas notas (que funcionam como mini-editoriais) que o jornal fazia a manutenção de sua postura indignada, expondo denúncias e apresentando suas soluções. E em momentos delicados da vida política de Ademar de Barros, o jornal não poupou esforços para defendê-lo. Como ocorreu em junho de 1951, em meio às denúncias do udenista Herbert Levy contra a administração ademarista no Estado de São Paulo. *O Dia* chegou a dedicar uma página inteira à

²⁴ “Não estou de miolo mole”, *Última Hora*, 12/07/51, p.3.

²⁵ “O sr. Afonso Segreto não sentou à mesa de Ademar”, *Última Hora*, 02/01/53, p.3.

publicação – sob o título “*O povo julgue o caluniador*” – do discurso do deputado e “*representante populista*” Carmelo D’Agostino, que refutou “*as levianas acusações*”.²⁶

A página 2 de **O Dia** ganhou um toque de humor com o aparecimento da seção *Caixa das Almas*, assinada por “Frei Kanuto dos Suspiros”. Os comentários sobre a política eram marcados pelo deboche. Lembrava a irreverência das colunas *Cadeira Elétrica* e *Cipó Cabeludo* de **O Radical**. Referia-se a Vargas como o “Vigário” e ao governo como a “Paróquia”:

“Risonho e fagueiro, nosso amado Vigário retornou do almoço das classes armadas e passou o resto do dia saboreando a brisa da tarde na espreguiçadeira. Tudo correu como fôra previsto, os discursos amáveis não disseram nada, houve troca de anedotas picantes para ajudar a digestão e os rapazes do marechal Gregório, na forma do louvável costume, ameaçaram esmurrar o copeiro, que não queria servi-los imediatamente. (...) O rabino Lafer exibiu o seu melhor sorriso, procurando os recantos mais discretos da sala, onde murmurava coisas confidenciais aos ouvidos do sacristão.”²⁷

Em suas memórias, Villas-Bôas Corrêa relembra as orientações de Santa Cruz Lima para a cobertura política em **O Dia**:

“O velho Santa Cruz foi de sinceridade sem rodeios: jornal para o povão não podia desperdiçar espaço com as tricas e futricas de ministros, senadores, deputados, partidos e outras frioleiras. Fofocagem que não atraía um único leitor.”²⁸

Na verdade, as “*tricas e futricas*” da política estavam em **O Dia**, como prova a irônica *Caixa das Almas*. Mas também é certo que **O Dia** privilegiou a cobertura dos problemas cotidianos dos segmentos populares em detrimento das instâncias formais e institucionalizadas de representação. A orientação dada por Santa Cruz Lima a Villas-Bôas

²⁶ “*O povo julgue o caluniador*”, *O Dia*, 26/06/51, p.6.

²⁷ *Caixa das Almas*, *O Dia*, 06/01/53, p.2.

²⁸ Villas-Bôas Corrêa, *Conversa com a memória*, op.cit., p.32. Grifo meu.

Corrêa levou o repórter a organizar os *Comandos Parlamentares* de **O Dia** e **A Notícia**, um modelo de reportagem política que marcou a forma de atuação destes jornais e tornou-se famoso na década de 1950.

Seguindo o formato da reportagem policial, o repórter convidava um parlamentar ou outra autoridade para uma visita surpresa a algum órgão público, sobre o qual pairava alguma suspeita de irregularidade, ou localidade com problemas de responsabilidade do poder público. Foi esta a maneira encontrada para se adequar a reportagem política à linha popular do jornal.²⁹

A idéia dos “comandos” não era nova. Mesmo antes do aparecimento de **O Dia**, **A Notícia** e outros jornais populares, como **O Radical**, já lançavam mão desta fórmula. Em maio de 1951, por exemplo, a equipe de **A Notícia**, chefiada por seu diretor, Chagas Freitas, e acompanhada pelo locutor Ari Viseu, da Rádio Guanabara, estiveram em São Cristóvão levantando os problemas do bairro junto à população.³⁰

A princípio oculto mesmo do expediente de **O Dia**, a partir de abril de 1954 Chagas Freitas passou a aparecer como responsável pelo matutino, iniciando também a publicação de textos assinados, na primeira página, através dos quais fazia a defesa das camadas mais humildes da população. O engajamento em campanhas reforçava o vínculo com determinados grupos, como foi a luta de Chagas Freitas em prol dos “barnabés”. Como explicou Sarmento:

*“Embora Ademar de Barros não fosse desalojado de sua posição, começou a emergir uma nova liderança capaz de auxiliar na condução do estandarte de paladino das classes despossuídas dos subúrbios cariocas. Sem explicitar ambições políticas e eleitorais, Chagas vociferava contra os inimigos do povo: a má administração pública, a carestia e as péssimas condições de vida nas regiões periféricas da cidade.”*³¹

A antes obscura figura de Chagas Freitas passou a aparecer com frequência nas páginas de **O Dia**, frequentando assembléias de

²⁹ Carlos Eduardo Sarmento, *Chagas Freitas*, op.cit., pp.38-41.

Cícero Sandroni, *50 anos de O Dia na história do Rio de Janeiro*, op.cit., pp.33-34.

³⁰ *A Notícia*, 14/05/51, p.1.

³¹ Carlos Eduardo Sarmento, *Chagas Freitas*, op.cit., p.41.

moradores e recebendo homenagens nos bairros populares. O jornal foi aos poucos consolidando a nova imagem de seu proprietário, como “defensor do povo”. Figuras de expressão no diretório regional do PSP e de fortes vínculos junto às comunidades suburbanas, como o vereador Miécimo da Silva e o professor Antônio Mourão Filho (que viria a candidatar-se em 1954), apareciam ao lado de Chagas Freitas nos eventos citados. Começava-se, assim, a construção da máquina partidária, primeiro “ademarista”, depois “chaguista”.

Carlos Eduardo Sarmento chama a atenção para a importância destas lideranças comunitárias para o PSP. Nas eleições de 1950, o PSP constituiu a quarta maior bancada da Câmara Municipal, elegendo cinco vereadores. Entre esses eleitos destacavam-se os dois mais votados da legenda: Telêmaco Gonçalves Maia e Miécimo da Silva. Maia era um oficial-médico da Aeronáutica que desenvolvia um trabalho assistencialista junto a centros espíritas do subúrbio. Miécimo representava a emergência de uma nova liderança popular no chamado “triângulo carioca”, a zona rural da cidade delimitada pelos bairros de Guaratiba, Santa Cruz e Campo Grande, com atuação voltada para a ampliação dos pontos de abastecimento de água potável na região.³²

Na ***Luta Democrática***, as posições da UDN e de Tenório Cavalcanti – marcadamente a cruzada udenista contra Vargas e a batalha particular do “Homem da Capa Preta” contra Amaral Peixoto – contaminavam toda e qualquer informação política. Além do editorial *Assim pensamos*, assinado por Hugo Baldessarini na página 3, Tenório escrevia diariamente na primeira página. Somados a estes textos editoriais, as seções *Luta Democrática na Câmara* e *Luta Democrática no Senado* e a coluna *Nos bastidores da política* também contribuíam para o ataque aos adversários. Junto ao noticiário político aparecia também a seção *Como pensa o leitor*, com a publicação de opiniões afinadas com a linha editorial do jornal.

³² Carlos Eduardo Sarmento, Chagas Freitas, op.cit., pp.34-35.

Em sua primeira edição, a despeito de anunciar a “*objetividade e honestidade*” de suas “*críticas e anotações*”, o texto de apresentação da seção *Luta Democrática no Senado* alertava:

“Este matutino é primordialmente, como traz estigmatizado no próprio nome, um jornal de combate.

*Não cederemos um centímetro sequer, que nos perdoem a advertência aos ilustres “Pais da Pátria”, quando estiver em jogo a defesa das instituições democráticas ou as justas reivindicações de maiorias sacrificadas.”*³³

Nos relatos sobre os trabalhos na Câmara e no Senado, os políticos udenistas “*esgrimem com galhardia*” e “*escalpelam*” os inimigos. Frente às “vitórias” udenistas, os “fracassos” dos concorrentes. Como na coluna *Nos bastidores da política*, no dia 9 de fevereiro de 1954:

“Fracassou o comício”

“Fracassou totalmente o comício realizado domingo pelo diretório do PSP de Niterói no bairro operário de Barreto, com a participação da bancada ademarista na Assembléia e do sr. Paranhos de Oliveira, presidente da seção estadual. Havia grande massa popular no largo do Barreto, mas permaneceu silenciosa, de braços cruzados ante os oradores. Só foram ouvidas palmas quando passou pelas proximidades a Escola de Samba de Sabiá, a qual rebocou a multidão, deixando apenas os líderes e os deputados discursando para eles mesmos.”

Some-se também o facciosismo das reportagens políticas, que seguiam o tom agressivo da controvertida personalidade de Tenório Cavalcanti. Ganha especial relevância a seção *Notícias Fluminenses*, com a cobertura dos acontecimentos em Duque de Caxias, Nilópolis, São João de Meriti, Mesquita e arredores, área da atuação política de Tenório. A ***Luta Democrática*** empreendia uma verdadeira campanha contra os adversários de seu diretor, como o governador Amaral Peixoto e o coronel Agenor Barcelos Feio:

“Desmorona-se, no Estado do Rio, a máquina eleitoral do governador Amaral Peixoto” (**LD**, 03/02/1954, p.3)

“O Estado do Rio cobra imposto duas vezes” (**LD**, 10/02/1954, p.3)

“Os homens de Barcelos Feio ameaçam de morte o vereador de Caxias” (**LD**, 11/02/1954, p.1)

“Bela notícia: Feio deixará a polícia hoje” (**LD**, 17/02/1954, p.1)

“Polícia de Amaral ameaça de morte lavradores de Caxias e São João de Meriti” (**LD**, 11/03/1954, p.1)

A cobertura da política fluminense também abria espaço à veiculação das teses udenistas, como a idéia da frequente ameaça de fraudes eleitorais:

“A possibilidade de fraude eleitoral nas próximas eleições no Estado do Rio foi ontem mais uma vez objeto de comentário por parte do deputado Paulo Mendes. O representante udenista declarou que o PSD controla mais de 95% dos cartórios no território fluminense, fato que vem determinando desde já o preparo de uma espantosa fraude eleitoral que está sendo planejada para as eleições de outubro.”³⁴

Tal como a sua Lurdinha, a inseparável metralhadora, Tenório usava a **Luta Democrática** como arma contra seus inimigos. E não havia limites para o ataque. O primeiro número do jornal, engajado na batalha de Carlos Lacerda contra a **Última Hora**, publicou o texto “*As peripécias amorosas de Wainer*”, sobre o terceiro casamento do jornalista, com Danuza Leão. O texto, evidentemente, serviu de pretexto para lembrar a “*transação escandalosa como o Banco do Brasil*” e a campanha contra Wainer “*encabeçada pelo nosso confrade Carlos Lacerda*”.³⁵

A virulência às vezes cedia lugar à ironia. A matéria “*Jango namora Ademar, enquanto Jânio briga*”, em 9 de fevereiro de 1954, trazia a foto do líder petebista com a legenda “*Jango, o namorado*”. Já os aliados não só ganhavam espaço – a seu favor – no noticiário, mas eventualmente publicavam artigos, como foi o caso de José Guilherme de Araújo Jorge e

³³ *Luta Democrática no Senado*, Luta Democrática, 03/02/1954.

³⁴ Luta Democrática, 09/02/1954, p.2. Grifo meu.

sua coluna *À margem da luta*. Em outubro de 1954, J.G. de Araújo Jorge seria candidato a uma cadeira na Câmara Municipal do Distrito Federal na legenda da UDN, tendo obtido a segunda suplência.³⁶

Nas páginas da *Luta Democrática*, Tenório era sempre presente, seja como editorialista ou protagonista dos acontecimentos. E neste ponto é preciso lembrar que, à época da criação da *Luta Democrática*, Tenório Cavalcanti já era um personagem notório da vida fluminense. As passagens controvertidas de sua biografia, como as desavenças políticas resolvidas a bala, haviam transformado o deputado numa figura folclórica e visada pela imprensa. Tenório era, ele próprio, um tema *sensacional*.

Para os jornais cariocas, Tenório era um assunto para as páginas de política bem como para as páginas de polícia. Se observarmos *O Globo*, por exemplo, vespertino de ampla circulação no Rio de Janeiro, é fácil concluir sobre a imagem do deputado junto à opinião pública. Em 12 de fevereiro de 1952, a primeira página de *O Globo* alardeava: “*Trocados centenas de tiros entre Tenório e a polícia de Caxias*”. E seis dias depois: “*Caxias novamente abalada por um crime – Assassinado a punhal, pelas costas, o inimigo número um de Tenório Cavalcanti*”.

Atentados contra Tenório ou creditados a ele sucediam-se nas manchetes dos jornais.³⁷ Em 1953, quando Tenório foi acusado como mandante do assassinato do delegado Albino Imparato, os órgãos de imprensa deram ampla cobertura ao acontecimento. Para se ter idéia da repercussão do fato, durante o mês de setembro (o crime ocorreu em agosto), Tenório foi assunto de edições sucessivas de *Manchete* e *O Mundo Ilustrado*, revistas semanais de grande circulação, que chegaram a dedicar-lhe suas capas.

A edição de 1º de setembro de *O Mundo Ilustrado*, sob o título “*Caxias em pé de guerra*”, narrou – com farto material fotográfico – o cerco policial à casa do “Homem da Capa Preta”:

³⁵ “*As peripécias amorosas de Wainer*”, *Luta Democrática*, 03/02/1954, p.2.

³⁶ Alzira Alves de Abreu (coord.)...[et al.], *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*, op.cit., p.2861.

³⁷ “*Bomba-relógio atirada na casa de Tenório...*”, *O Globo*, 20/02/1952, p.1.

“*Atentado contra o delegado Imparato!*”, *O Globo*, 28/05/1952, p.1.

“Entricheirados nas esquinas e levando metralhadoras nas mãos, os policiais fluminenses esperavam o início do tiroteio. A ordem era acabar com Tenório. E não fosse a atitude dos deputados e dos ministros da Fazenda e da Guerra, ela teria sido executada. Até dinamitar a casa pretendiam fazer, se Tenório resistisse. E o deputado certamente resistiria. Caxias, a quinze minutos do Distrito Federal, seria transformada em campo de tiros.”

A revista **Manchete** do dia 5 de setembro publicou a reportagem *“Em Caxias se morre de madrugada”*. Nela, uma foto de Tenório em *robe-de-chambre* e com a sua Lurdinha ganhou a legenda *“Tenório, um homem tranquilo”* e junto o comentário:

“Tenório Cavalcanti é homem que não dispensa uma metralhadora. Sua vida agitada já está virando folclore. Homem de coragem comprovada, tem 43 anos de idade e quase cinquenta balas pelo corpo.”

Em 15 de setembro, **O Mundo Ilustrado** concluiria, em reportagem de cinco páginas:

“Caxias é, hoje, a cidade do crime (...). Os crimes que não são atribuídos ao coronel Agenor Barcelos Feio são creditados ao deputado udenista Natalício Tenório Cavalcanti.”³⁸

Em janeiro de 1954, na retrospectiva de **O Mundo Ilustrado** sobre o ano anterior, Tenório foi um dos destaques:

“Tenório e sua metralhadora fizeram furor em 1953, tornando-se ambos figuras conhecidíssimas em todo o país. Caxias assegurou de vez para si o título de “far-west” brasileiro. A bala zuniu para todo lado. Morreu Bereco, pistoleiro, e Imparato, delegado. Houve cerco na casa do deputado, com a polícia fazendo papel de bandido. Houve estrilo dos políticos e Tenório está aí vivo e mais prestigiado do que nunca.”³⁹

³⁸ “Caxias, cidade do crime”, O Mundo Ilustrado, 15/09/53, p.5.

³⁹ O Mundo Ilustrado, 05/01/54, p.6.

É neste quadro que **Luta Democrática** tentou a transformação de Tenório não só em líder, mas também em mito político. Nesta tarefa, o jornal lançou mão até de contar a biografia do deputado em quadrinhos, com versos do poeta popular Zé Alagoano, ao estilo dos cordéis. Chamou-se "*Vida, paixão e drama do deputado Tenório*" e, tal como um folhetim ilustrado, saía em capítulos. Talvez uma resposta ao livreto de cordel produzido no ano anterior por Serra Cardoso, "*História de um bandido que se tornou deputado*".⁴⁰ Já na segunda edição da **Luta Democrática**, Zé Alagoano anunciava:

*"Em versos de minha lavra
Amanhã darei início
Fazendo a biografia
Do Senhor Dr. Natalício
Dizendo ao Brasil inteiro
A vida de um brasileiro
Nosso excelente patrício."*⁴¹

O jornal também anunciou a venda do livro de memórias⁴² do deputado e registrou o interesse despertado pela publicação, como neste texto-legenda de uma foto:

*"Aqui vemos distintas senhoritas da sociedade de Paraíba do Sul, devorando nosso noticiário, no momento em que foram surpreendidas, numa tarde de domingo, pelo nosso fotógrafo. Uma delas preferiu aproveitar a folga e conhecer os detalhes da vida de Tenório Cavalcanti e já estava quase no meio do livro de suas memórias."*⁴³

Cotidianamente, **Luta Democrática** fazia a manutenção da imagem heróica de Tenório:

⁴⁰ Citado em Mário Grynszpan, "Os idiomas da patronagem: um estudo sobre Tenório Cavalcanti", RJ, CPDOC/FGV (CPDOC-595f), 1990, p.11.

⁴¹ Luta Democrática, 04/02/54.

⁴² Trata-se do livro *Memórias de Tenório Cavalcanti*, escrito por Arlindo Silva, repórter da revista O Cruzeiro, e publicado em 1954.

“O povo em massa empurrou o carro do deputado Tenório, chamando-o ‘vingador dos oprimidos’.”⁴⁴

E se a rumorosa vida de Tenório Cavalcanti garantia-lhe espaço para além do seu próprio jornal, Vargas – como já dissemos – havia enfrentado, ao iniciar o seu segundo governo, o silêncio da maior parte da imprensa. Cabe ressaltar, aqui, no esforço da *Última Hora* para quebrar este cerco e zelar pela imagem do presidente, a criação da seção *O dia do presidente*. Conforme o texto de apresentação da coluna, seu intuito era levar ao público informações sobre “Vargas, o homem, e Vargas, o Chefe do Governo”.⁴⁵

Na descrição de Wainer, “a seção invariavelmente trazia informações precisas, historietas humanas, acontecimentos engraçados, eventualmente furos”.⁴⁶ De fato, se por um lado a seção informava sobre medidas governamentais e visitas importantes recebidas pelo presidente; por outro predominava o tom bem-humorado, por vezes até anedótico, das pequenas histórias registradas em suas notas.

No registro do cotidiano do Palácio do Catete feito pelo colunista, sobressai a imagem de um presidente querido, que recebia inúmeros presentes e cartas enviados por populares; prestigiado, por políticos e autoridades de todas as latitudes; e democrático, que atendia a todos – populares e personalidades – sem distinção:

“Dizer que o presidente teve ontem um dia movimentado é repetir o que já dissemos aqui mais de uma vez. Todavia, o número de pessoas atendidas ontem pelo sr. Getúlio Vargas parece ter batido alguns dos maiores ‘records’ anteriores. Ministros de Estado, generais, juizes, representantes do clero, líderes políticos, comissões de produtores de algodão, representações de sindicatos, simples homens do povo – eis a longa fila de pessoas que afluíram ontem, como afluem sempre, todos os dias, ao Catete, muitos para tratar de assuntos de real interesse público, outros pela simples satisfação de apertar a mão do presidente,

⁴³ Luta Democrática, 02/07/54.

⁴⁴ Luta Democrática, 09/02/54.

⁴⁵ *O dia do presidente*, Última Hora, 12/06/1951, p.3.

⁴⁶ Samuel Wainer, *Minha razão de viver: memórias de um repórter*, op.cit., pp.143-144.

que não se cansa nunca, que a todos recebe com atenção e cordialidade, a despeito de tudo.”⁴⁷

No “dia do presidente”, a presença popular era constante. A coluna registrava o incessante movimento das “*tropas pedintes*”. Pedidos de empregos, de retratos e autógrafos de Vargas, de remédios e cadeiras de rodas, e até de um aparelho de rádio “*para ouvir os discursos do presidente*” eram encaminhados diariamente ao chefe do Governo. Os pedidos ganhavam contornos anedóticos na redação do jornalista, que transformava os solicitantes em personagens curiosos, assim como fazia com os funcionários mais humildes do Catete. A casa do presidente dependia do bom serviço de seus funcionários, a quem a coluna homenageava, em seu estilo. Seja o motorista Euclides, o zelador Albino, ou “*dona Pulquéria*”, a lavadeira:

*“A verdade é que ela merece, no mínimo, um monumento, pois há quarenta anos lava a roupa suja da República.”*⁴⁸

Em suas memórias, Samuel Wainer explicita a importância da seção *O dia do presidente* para a missão original da **Última Hora** - romper com o cerco da imprensa a Vargas:

*“Eu resolvera colocar ao lado de Getúlio, durante o dia inteiro, o jornalista Luís Costa, um dos meus mais importantes redatores. Os leitores imediatamente compreenderam que aquela era a única janela disponível para a contemplação do cotidiano de Getúlio, já que todos os outros jornais haviam aderido à conspiração do silêncio. Graças a ‘O dia do presidente’, aliás, o cerco foi rompido: fustigada pelos sucessivos furos obtidos pela Última Hora no Palácio do Catete, a grande imprensa teve de render-se à evidência de que não seria possível seguir ignorando a figura de Getúlio Vargas.”*⁴⁹

Segundo a apreciação de Wainer, a seção teve impacto sobre os leitores, os demais jornais e também no meio político:

⁴⁷ *O dia do presidente*, Última Hora, 10/07/1951, p.3.

⁴⁸ *O dia do presidente*, Última Hora, 10/07/1951, p.3.

“Essa seção mudou para sempre os critérios que orientavam a cobertura do que ocorria na sede do governo. Desde os tempos do Departamento de Imprensa e Propaganda, o DIP, que remetia aos jornais as notícias que interessavam ao governo e proibia a divulgação de tudo quanto considerasse inconveniente, desaparecera o hábito da busca de informações no próprio palácio. (...) Pressenti que havia no Catete um imenso filão a explorar – e acertei.

(...) Os leitores compravam o jornal e corriam à terceira página. Políticos ofereciam fortunas a Luís Costa para ter seu nome ali citado, ministros e parlamentares se confessavam admiradores da seção, ninguém duvidava de que ali estava um termômetro preciso do que se passava no palácio. (...) Encerrava-se aí a primeira parte de minha tarefa: provocar a imprensa até obrigá-la a enxergar a existência do governo Getúlio Vargas.”⁵⁰

O zelo de Wainer quanto à imagem de Getúlio não poupou nem mesmo colaboradores do governo. A queda do ministro do Trabalho, Danton Coelho, foi uma prova disso:

“Danton era uma excelente figura, um homem de bem, mas ineficaz. Passava dias inteiros no Jôquei Clube, alheio ao que ocorria num ministério que era seguramente o mais importante de todo o governo. Decidi derrubá-lo, interessado em preservar a imagem do governo e também convencido de que seria muito melhor para Vargas substituir Danton. Procurei o presidente para dizer-lhe que o governo estava perdendo popularidade em consequência do mau desempenho do ministro do Trabalho. Getúlio apenas ouvia. Disse-lhe também que meu jornal tinha compromissos com a figura do presidente, mas não com todos os seus ministros. Comuniquei, enfim, que pretendia atacar duramente Danton Coelho.

– Faça o que achar melhor – resumiu Getúlio.”⁵¹

A ofensiva da **Última Hora** contra Danton Coelho começou na coluna de Wainer do dia 6 de agosto de 1951, na primeira página.⁵² Em

⁴⁹ Samuel Wainer, Minha razão de viver: memórias de um repórter, op.cit., pp.143-144..

⁵⁰ Idem.

⁵¹ Samuel Wainer, Minha razão de viver: memórias de um repórter, op.cit., p.150.

⁵² Ana Maria de Abreu Laurenza, op.cit., pp.73-74.

setembro, Danton foi substituído por José Segadas Viana.⁵³ O “empurrão” para a demissão de Danton Coelho não foi o único resultado da campanha empreendida pelo jornal. Através da construção discursiva da *Última Hora*, o fato serviu ao reforço da imagem de Vargas como “defensor do povo”. Segundo o relato do vespertino, Getúlio havia atribuído aos ministro do Trabalho, prefeito e presidentes do Banco da Prefeitura e da Caixa Econômica a “batalha” pela casa popular:

*“Tudo indica que o Comitê, presidido pelo ministro do Trabalho, não se deixou ainda imbuir por este espírito renovador. Daí o colapso em que caiu novamente a solução do problema tornando (...) urgente a intervenção direta do presidente da República, cujas ordens e diretivas parecem não estar sendo cumpridas como deviam.”*⁵⁴

Wainer chegou a publicar em sua coluna o trecho de uma mensagem do presidente da República ao ministro. Ao revelar o teor do documento, a *Última Hora* passou do simples relato da postura enérgica de Vargas (na solução dos problemas populares) à efetiva exibição do presidente em ação. Sob o título “*A paciência presidencial também se esgota...*”, o jornal publicou a transcrição do “puxão-de-orelha” em que Getúlio exige providências quanto aos empréstimos contraídos pela Fundação Casa Popular:

*“Ao Ministério do Trabalho para que faça o levantamento discriminado dos débitos da Casa Popular para com os Institutos, bem como quem os autorizou. Se tivessem sido feitas as sindicâncias a que mandei proceder, tudo isso que se pretende ocultar ou sofismar estaria esclarecido.”*⁵⁵

⁵³ Em 15 de setembro, Danton Coelho renunciou ao cargo alegando não concordar com os esforços de Vargas para promover uma conciliação com as forças oposicionistas, especialmente a UDN. Na verdade, a demissão de Danton foi provocada, sobretudo, pela disputa de liderança no interior do PTB. Ver Alzira Alves de Abreu (coord.)...[et al.], *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*, op.cit., p.5956.

⁵⁴ *Coluna de UH*, Última Hora, 06/08/51, p.1. Citado em Ana Maria de Abreu Laurenza, op.cit., pp.73-74. Grifo meu.

⁵⁵ *Coluna de UH*, Última Hora, 30/08/51, p.1. Citado em Ana Maria de Abreu Laurenza, op.cit., p.74.

Na intermediação entre o povo e as lideranças políticas às quais estavam ligados, **Última Hora**, **O Dia** e **Luta Democrática** intentaram construir a imagem popular destes líderes, atribuir-lhes popularidade. Mas toda a construção simbólica em torno do jornal e de seu respectivo líder político como “defensores do povo” não se sustentaria sem a efetiva oferta de “serviços” prestados pelos periódicos aos leitores.

Em seu primeiro número, a **Última Hora** anunciou a instalação de urnas em diferentes pontos da cidade para receber reclamações, denúncias e sugestões dos leitores. De imediato, as urnas foram instaladas na Central do Brasil, na Estação da Cantareira, na Estação da Leopoldina e no Tabuleiro da Baiana, todos eles lugares de grande movimentação popular. Ainda em junho de 1951 a distribuição das urnas seria estendida a Ipanema, Laranjeiras, Tijuca, Vila Isabel, Ilha do Governador, Botafogo, às plataformas da Central do Brasil no Méier, Engenho de Dentro, Madureira, Marechal Hermes, Realengo e Bangu, às estações da Leopoldina em Ramos, Penha e Brás de Pina, além da instalação de urnas em mercadinhos municipais e na Galeria Cruzeiro. Explicou o jornal:

“(...) Na época atual, quando a luta pela solução dos problemas cotidianos se apresenta mais intensa, o chefe de família, a dona de casa, o estudante, o funcionário, os trabalhadores precisam encontrar no seu jornal um procurador eficiente e pontual que tanto defenda os interesses nacionais e coletivos, como atenda também às suas relações com a administração, para solução das questões aparentemente simples, mas na realidade sufocantes.

Que tempo e que meios sobram a quem trabalha oito e mais horas por dia e depende em média mais três nas filas esperando transporte ou comprimido em vagões, para correr de repartição em repartição, reclamando abuso de que é vítima ou direito não reconhecido?

(...)

O povo terá, assim, oportunidade de clamar alto e o seu jornal será eco de sua aspiração, condenando o abuso, fiscalizando a assistência seguida do poder público, pressionando a autoridade pela adoção das soluções imediatas e da execução dos planos de mais longo alcance.

Última Hora é um movimento de reivindicação popular e nacional – com o programa de encaminhar as necessidades de cada um e refletir os interesses do país.

Informa, defende, combate, constrói. Esta é a sua voz impressa, insistindo pelo seu direito.

Vamos trabalhar.”⁵⁶

As queixas e comentários coletados nas ruas transformaram-se na seção *Fala o povo na UH*. As pequenas notas com as manifestações dos leitores eram publicadas diariamente e vinham sempre acompanhadas de um texto editorial, que, sempre indignado, chamava a atenção para a gravidade das questões ali expostas. Poucos dias após o seu aparecimento, em 15 de junho, a **Última Hora** registrou o sucesso de sua iniciativa e reforçou seu papel de intermediário entre o povo e as autoridades:

“O povo está acorrendo às nossas urnas como se desde muito as esperasse. É que elas, de fato, vieram corresponder a um anseio geral e satisfazer a necessidade evidente que só os cegos não vêem. Torturado por um sem número de pressões de ordem econômica e de aflições múltiplas, de toda ordem, não tem o homem da rua, a mãe de família, o jovem estuante, o operário, a moça que trabalha, o operário da fábrica, o marítimo desembarcado, a criança sem escola – o mundo de sofrendores – precisa, todo ele, de quem o ouça, atenda e diligencie. As condições difíceis da vida em que se debate o carioca não permitem, nem ao marido, nem à mulher, nem aos filhos, procurar uma burocracia intrincada que além de demorar as soluções, nem sempre ou quase nunca, o recebe de boa vontade. Ao abrimos as nossas colunas – já agora fixadas nesta sexta página – às queixas populares, às interpelações dos leitores, ao recebimento de suas sugestões, planos e projetos, cumprimos um ponto fundamental do programa que presidiu a criação do nosso jornal. Pedimos aos leitores que nos escrevam (...) para que possamos responsabilizar diretamente as autoridades de quem dependem. (...) Cada urna é uma tribuna, cada carta um dever de cidadão.”⁵⁷

⁵⁶ Última Hora, 12/06/51. Grifo meu.

⁵⁷ Última Hora, 15/06/1951, p.6. Grifo meu.

Entre as notas da seção daquele dia, estava o registro dos primeiros resultados:

“Atendendo a uma das primeiras sugestões depositadas em nossas urnas, o chefe do Tráfego Postal do Distrito Federal, sr. Júlio Sena, fazendo juntar o respectivo recorte de Última Hora sobre o assunto, iniciou um processo com o fim de estabelecer, na Agência do Correio da Estação Pedro II, o expediente de mais um turno para o serviço de recebimento de correspondência expressa e registrada.”⁵⁸

Em outra nota, um leitor apelava a Vargas. Américo Rocha, bombeiro hidráulico e morador de Marechal Hermes, demitido injustamente e tendo perdido a causa na Justiça do Trabalho, encaminhou pedido ao Presidente da República através da **Última Hora**, que por sua vez respondeu: *“Venha ver-nos. Nosso Departamento Jurídico pode examinar seu processo.”* Mais tarde a **Última Hora** criaria o *Escritório Trabalhista*, em sua sede, onde os leitores passaram a receber gratuitamente esclarecimentos de um advogado contratado pelo jornal.

Ainda no dia 15 de junho, a colaboração de um leitor, que encaminhou à **Última Hora** o flagrante fotográfico do incêndio de uma fábrica na cidade, deu nova oportunidade para que o vespertino afirmasse sua relação com o público. Segundo o jornal, a redação já havia recebido *“inúmeros telefonemas, não só de congratulações como, também, (...) solicitando a interferência deste jornal em reclamações diversas”* :

“Com horas, apenas, de contato com o público, Última Hora já se vem firmando de maneira insofismável na confiança de seus leitores.”

Tal “relação de confiança” seria posteriormente reforçada por novos recursos. Além da publicação de queixas na seção *Fala o povo na Última Hora*, o jornal criou um serviço para eventuais emergências. Em caso de urgência, a **Última Hora** sugeria ao leitor chamar a *Patrulha da UH*, e

⁵⁸ Grifo meu.

divulgava o número de seu telefone. A idéia de “patrulha” igualava o jornal à polícia. Por outro lado, também o leitor devia manter-se alerta, informando a redação sobre fatos relevantes, tornando-se *Repórter - Última Hora*, e concorrendo ao prêmio diário de cem cruzeiros pela melhor notícia.

A interlocução entre os leitores e as autoridades através da **Última Hora** tinha lugar também na seção *Bilhete*, onde a reclamação e a respectiva resposta eram publicadas juntas. Na primeira semana de circulação do jornal, um morador do Méier encaminhou seu pedido à **Última Hora**:

“Penso que o senhor, como jornalista, poderia trazer o major Cortes⁵⁹ para verificar e traçar um plano para o andamento dos veículos nos subúrbios, que, com sua licença, não são grã-finos, mas são bons amigos, que precisam chegar cedo e sem sacrifício aos seus lares.”⁶⁰

Várias das queixas enviadas à seção *Fala o povo na Última Hora* referiam-se a questões trabalhistas. A *Patrulha da UH* também atuava em casos desta natureza, como prova uma nota do dia 14 de junho de 1951:

“Departamento Nacional de Estradas de Ferro – Há seis meses os extranumerários não recebem seus vencimentos. A PATRULHA DA ÚLTIMA HORA irá apurar onde ficou amarrado o processo de pagamento e porque não chega à Pagadoria. Já não foi votado o crédito?”

Em outras notas, o jornal aparecia como um verdadeiro advogado dos trabalhadores, como mostram as respostas aos leitores:

“Empregados no comércio – A firma tem mais de quarenta empregados. Instalações sanitárias insuficientes e em péssimo estado. Há um

⁵⁹ Geraldo de Meneses Cortes era diretor do Serviço de Trânsito do Distrito Federal. Ver em Alzira Alves de Abreu (coord.)...[et al.], *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*, op.cit., p.1638.

⁶⁰ *Bilhete*, Última Hora, 16/06/51, p.2.

*serviço de fiscalização de higiene do trabalho. Mas o fiscal não vai lá. Nós iremos ao fiscal”*⁶¹

*“Verina – Daremos todo o apoio na campanha da elevação do Salário de Família. Pode contar.”*⁶²

Dando continuidade à “defensa do povo”, a **Última Hora** instaurou os “tribunais populares” para julgar os “crimes contra a economia do povo”. Tratava-se de júris simulados sobre casos de preços abusivos cobrados por comerciantes. A primeira experiência foi realizada no Méier, como anunciou Wainer em sua coluna:

*“Dentro de poucos dias será instalado num dos bairros mais populosos do Rio o primeiro tribunal popular para o julgamento de crimes contra a economia do povo. Esta é uma iniciativa que este jornal está promovendo com o objetivo de educar o povo para o exercício das grandes tarefas que o governo atual, movido pela essência democrática de que se acha impregnado, pretende passar às suas mãos.”*⁶³

O primeiro tribunal popular teve lugar no salão do Sport Club Mackenzie, no dia 10 de julho de 1951. O júri foi composto por “*donas de casa e chefes de família do próprio bairro*”.⁶⁴ O “julgamento” foi transmitido pela Rádio Clube do Brasil, também pertencente a Samuel Wainer. A iniciativa do jornal ia de encontro à política econômica do governo. Ao assumir o Ministério da Fazenda em fevereiro de 1951, Horácio Lafer tomou algumas medidas para conter o surto inflacionário. O governo obteve do Congresso autorização para congelar preços e punir especuladores de gêneros alimentícios.⁶⁵ O desrespeito aos preços fixados pelo tabelamento e o desaparecimento de certos alimentos das prateleiras dos mercados rendiam manchetes frequentes nos jornais. Nas páginas da **Última Hora**, as donas de casa reclamavam:

⁶¹ *Fala o povo na Última Hora*, Última Hora, 14/06/51. Grifo meu.

⁶² *Fala o povo na Última Hora*, Última Hora, 21/06/51, p.4.

⁶³ *Coluna de Última Hora*, Última Hora, 03/07/1951, p.1.

⁶⁴ “Os grandes intermediários também devem ser julgados pelo povo”, Última Hora, 07/07/51, p.6.

⁶⁵ Alzira Alves de Abreu (coord.)...[et al.], *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*, op.cit., p.5955.

“Que pão

*Augusta Andrade Dias – Na estrada Água Branca, número 2.180, em Moça Bonita, a padaria Três Pinguinhos vende pão de 130 gramas por 1,80, não existindo pão de quilo nem fração. Por que a Delegacia de Economia Popular não vai até lá?”*⁶⁶

Ainda naquele ano, o governo criaria a Comissão Federal de Abastecimento e Preços (Cofap), órgão com autonomia administrativa no Ministério do Trabalho, cuja missão era assegurar a livre distribuição de produtos necessários ao consumo popular.⁶⁷ A julgar pela observação da **Última Hora** em seu primeiro mês de circulação, a percepção da gravidade do problema para as classes populares fez com que o jornal deflagrasse uma verdadeira campanha pelo controle de preços, na qual os tribunais populares constituíram o elemento de maior impacto. Segundo Samuel Wainer, o próprio presidente recomendou em um de seus bilhetes: “*Peça ao Wainer que dê mais destaque aos júris populares de economia*”.⁶⁸ Encaminhada pela **Última Hora**, tal campanha atingia várias autoridades, mas revertia a favor de Getúlio:

“Apesar de intensamente anunciada a realização do júri em Ramos (...) não descobrimos entre a massa presente um só representante do Ministério do Trabalho, das diversas autarquias e institutos de previdência social, do PTB, em suma, desse conjunto de organismos que deveriam constituir a base da mobilização popular para apoio e divulgação do programa de reforma social, anunciado pelo sr. Getúlio Vargas durante a campanha presidencial, e agora esboçada em projetos como o que deve instituir os tribunais populares. (...) Está só, inteiramente só, o sr. Getúlio Vargas. Seu diálogo com as grandes massas brasileiras ainda não conseguiu vencer a camada de apatia que paralisa os organismos que deveriam ocupar a primeira linha da gigantesca obra de

⁶⁶ *Fala o povo na Última Hora*, Última Hora, 22/06/51, p.4.

⁶⁷ Alzira Alves de Abreu (coord.)...[et al.], *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*, op.cit., p.5955.

⁶⁸ Samuel Wainer, *Minha razão de viver: memórias de um repórter*, op.cit., p.150.

mobilização do povo para a defesa de seus direitos a uma vida melhor e mais alegre.”⁶⁹

Mas, se por um lado, no quadro exposto pela *Última Hora*, Vargas encontrava-se “isolado no seu esforço de atrair para o seu governo uma participação cada vez maior das grandes massas populares”⁷⁰, por outro a iniciativa dos júris populares era apoiada por Anadina Pereira da Costa, em sua dupla condição de dona de casa e esposa do general Canrobert Pereira da Costa, ministro da Guerra do governo Dutra e ligado à ala militar que se opunha a Vargas.⁷¹ A manchete principal da primeira página do dia 4 de julho de 1951 – “Cresce a mobilização dos tribunais contra a especulação” – vinha reforçada pelo sub-título “A sra. Canrobert Pereira da Costa alista-se entre as entusiastas do júri popular” e a foto da sorridente dona de casa com sua filha e netos.

Como notou Sônia Bezerra em seu trabalho sobre a *Última Hora*, “o jornal procurava se mostrar não só como uma voz, mas como instrumento efetivo de conquistas sociais”.⁷² A *Tendinha de reclamações* da *Última Hora* ia à praça pública ouvir o povo. Em Cosmos, a *Tendinha* acolheu a denúncia: “Desrespeito completo às leis trabalhistas - Na fábrica de jóias de Cosmos, as operárias, apesar de prejudicadas, têm medo até de falar”.⁷³ As reivindicações e denúncias populares pautaram grandes reportagens e as conquistas sociais renderam manchetes afirmativas quanto à administração de Getúlio:

“Vargas salva agora a Previdência Social” (*UH*, 09/05/53)

“Agradecimento dos trabalhadores paulistas ao presidente Vargas: Vitória maiúscula de nossas reivindicações” (*UH*, 04/05/54)

⁶⁹ Coluna de *Última Hora*, *Última Hora*, 27/07/51, p.1. Grifo meu.

⁷⁰ Idem.

⁷¹ Alzira Alves de Abreu (coord.)...[et al.], *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*, op.cit., p.1654.

⁷² Sonia Joia Bezerra, op.cit., p.22.

⁷³ *Última Hora*, 05/05/53.

Em vários exemplos, a articulação entre denúncias publicadas pela **Última Hora** e medidas tomadas por Vargas reforçou o caráter de intermediário do jornal e a imagem da eficiência de um governante identificado com o povo:

“(...) o repórter Edmar Morel publicou em Última Hora duas reportagens sobre os núcleos coloniais de São Bento e Duque de Caxias, mostrando que as terras vendidas por preços irrisórios para fim agrícolas estão sendo loteadas oferecendo lucros astronômicos. (...) As reportagens de Edmar Morel impressionaram vivamente o Chefe do Governo. Tanto assim que, ao receber o ministro João Cleofas para despacho, (...) manteve demorada palestra a respeito (...).”⁷⁴

Fiel ao presidente mas não necessariamente ao restante do governo, a **Última Hora** pôde direcionar o tom indignado das denúncias contra autarquias e autoridades. Em julho de 1951, Vargas sancionou uma lei contra o preconceito racial.⁷⁵ Poucos dias antes, uma reportagem de Edmar Morel – *“Preconceito de cor, árvore daninha que está frutificando no País”* – alertava quanto à expansão do racismo no Brasil. A denúncia atingia o Ministério do Trabalho:

“Onde o Ministério do Trabalho aparece como racista

Há dias o Presidente da República recebeu a visita dos conhecidos líderes negros Joviano Severiano de Melo e José Pompilio (...). Os dois dirigentes ofereceram ao Chefe da Nação um pequeno cartaz distribuído pelo Ministério do Trabalho, por ocasião dos festejos do dia 1º de maio. Sobre a legenda “Unidos pelo Brasil” aparecem três trabalhadores, todos branquinhos e coradinhos como pimentão. O negro, este colosso, que ajudou a fazer a grandeza do Brasil, está ausente na propaganda oficial. Daí o protesto dos homens de cor.”⁷⁶

⁷⁴ “Vão acabar com as chácaras de luxo da Baixada Fluminense”, Última Hora, 13/07/51, p.5. Grifo meu.

⁷⁵ “Sancionada a lei contra o preconceito de cor”, Última Hora, 04/07/51, p.1.

⁷⁶ Última Hora, 22/06/51, contracapa.

O segundo caderno da *Última Hora* ficou conhecido como o espaço das reivindicações populares. Em 1954 apareceriam novas seções dedicadas às questões de interesse dos trabalhadores, como *Problemas e Reivindicações* e *Coluna do Trabalhador*. Alguns títulos nos dão uma idéia de seu conteúdo⁷⁷:

*“Jango concorrerá às eleições pelo PTB do Distrito Federal”*⁷⁸

*“Mais uma greve parcial hoje no cais do porto”*⁷⁹

*“Não podem ser reduzidos os salários dos trabalhadores”*⁸⁰

Em *O Dia*, os *Comandos Parlamentares* “cultivavam a vaidade de prestar um serviço público, levantando denúncias que repercutiam no Congresso, nos discursos dos parlamentares que as confirmavam com seu testemunho”:⁸¹

“Todas as quartas-feiras, com dois ou três senadores e deputados federais convidados na véspera, acompanhados do grande e saudosos fotógrafo Achilles Camacho, saíamos da redação para a inspeção sem consulta prévia, depois de rigorosa seleção de assunto que consumia a semana.

*Os parlamentares eram informados na hora do itinerário. (...) Viramos a cidade pelo avesso (...). Os Comandos conquistaram seu espaço no jornal, com primeira página cativa. Ainda hoje me surpreendo com uma das chaves mestras do sucesso: a carteira do parlamentar federal que abria todas as portas, a qualquer hora do dia e da madrugada.”*⁸²

“Certa vez o ministro da Educação, Antônio Balbino⁸³, integrou o grupo que devassou o quadro deplorável do Manicômio Judiciário. A matéria repercutiu na Câmara dos Deputados e no dia seguinte o diretor foi demitido. Fomos às favelas, visitamos colônias de pescadores, conjuntos de casas populares,

⁷⁷ As más condições do microfilme da coleção na Biblioteca Nacional impediram a análise destas seções.

⁷⁸ *Coluna do Trabalhador*, *Última Hora*, 23/08/54, p.7.

⁷⁹ *Coluna do Trabalhador*, *Última Hora*, 24/08/54, p.7.

⁸⁰ *Problemas e Reivindicações*, *Última Hora*, 27/08/54, p.7.

⁸¹ Villas-Bôas Corrêa, *Conversa com a memória*, op.cit., p.34.

⁸² Villas-Bôas Corrêa, *Conversa com a memória*, op.cit., pp.32-33.

⁸³ Antônio Balbino foi ministro da Educação entre 1953 e 1954. Ver em Alzira Alves de Abreu (coord.)...[et al.], *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*, op.cit., p.456-457.

*quartéis, delegacias e penitenciárias, contando tudo o que víamos. Os leitores gostaram: as denúncias de irregularidades aumentaram e as reportagens ganharam mais espaço no jornal.”*⁸⁴

Já em seu primeiro número **O Dia** trouxe uma reportagem sobre a ida dos *Comandos* aos subúrbios de Maria da Graça e Del Castilho.⁸⁵ Além dos jornalistas de **O Dia** e **A Notícia**, a equipe era composta também por profissionais da Rádio Guanabara. A Rádio Guanabara era uma emissora de audiência limitada, mas que havia inovado em 1949, ao criar um programa em que acompanhava as ocorrências atendidas pelo serviço de rádio-patrolha da polícia carioca. O interesse despertado entre os ouvintes fez com que no ano seguinte o noticiário passasse a contar com três edições diárias.⁸⁶

Lia Calabre, em sua tese sobre a radiodifusão no Brasil entre 1923 e 1960, destaca a popularidade dos programas de jornalismo policial e de prestação de serviços surgidos a partir da década de 1950. Ficaram famosos os programas *Com a boca no mundo*, da Rádio Globo, comandado pelo repórter Raul Brunini, e *O povo pergunta e a Mayrink responde*, da Rádio Mayrink Veiga. Em ambos, as emissoras intermediavam a relação entre o ouvinte reclamante e a autoridade pública responsável pela solução de determinado problema.⁸⁷ Ao associar-se aos *Comandos Parlamentares*, a Rádio Guanabara percebia o potencial da iniciativa.

Em sua reportagem sobre Ramos, **O Dia** registrou a “*manifestação de agrado*” dos moradores pela visita dos *Comandos*.⁸⁸ E ao final da matéria “*Parece que Deus esqueceu Todos os Santos*”, fazia-se o encaminhamento de um apelo:

⁸⁴ Depoimento de Villas-Bôas Corrêa em Cícero Sandroni, *50 anos de O Dia na história do Rio de Janeiro*, op.cit., pp.33-34.

⁸⁵ “Os ‘Comandos’ da *A Notícia* e do *O Dia* em Maria da Graça”, *O Dia*, 05/06/51, p.3.

⁸⁶ Lia Calabre, *No tempo do rádio: radiodifusão e cotidiano no Brasil – 1923/1960*, Niterói, UFF, 2002, pp.207-208.

⁸⁷ Lia Calabre, op.cit., pp.207-208.

⁸⁸ “Os ‘Comandos’ de *A Notícia* e de *O Dia* em Ramos”, *O Dia*, 12/06/51.

*“Interpretando o pensamento das famílias residentes no local, aqui deixamos um apelo ao atual prefeito para que visite aquele bairro e atenda às reivindicações dos seus milhares de habitantes.”*⁸⁹

Segundo o relato de Villas-Bôas Corrêa, aos parlamentares interessava participar dos “flagrantes” dos *Comandos*, pois o jornal funcionava como uma “vitrine” para a sua atuação. E, conforme o jornalista, não havia distinção quanto à origem partidária do político. Breno da Silveira (UDN, e depois PSD), Tenório Cavalcanti (UDN), Gama Filho (PSD), Lopo Coelho (PSD), Gurgel do Amaral (PTB), Segadas Viana (PTB) e Frota Aguiar (UDN) foram participantes frequentes. Ao que parece, esta “colher-de-chá” terminou a partir do momento em que **O Dia** passou a trabalhar na construção de uma base para a atuação de Chagas Freitas na política local. Os *Comandos* foram suspensos em 1954, conta Villas-Bôas, “quando Chagas Freitas entrou na política, porque criou-se uma situação de constrangimento”.⁹⁰

Os *Comandos* de **O Dia** e a *Tendinha de reclamações da Última Hora* iam aos bairros populares e recebiam denúncias e reclamações, transformando-as em grandes reportagens. Era bastante comum, também, a ida de leitores às redações em busca de auxílio. “Esteve em nossa redação Jorgina da Silva”, começava a matéria da **Luta Democrática** sobre a moradora do Caju que teve o barracão demolido pela polícia. O jornal, solidário à leitora, denunciou a arbitrariedade cometida pelas autoridades:

*“Diz dona Jorgina que morava nesse barraco há três anos. Comprou-o com sacrifício e com a ajuda de sua mãe. (...) sem mandato de despejo e sem nenhuma ordem judiciária (...) a polícia ali chegou derrubando-o. (...) foi a polícia do “Pai dos pobres” que lhe trouxe a desgraça para ela e para seu filhinho de sete anos apenas, que nunca ofendeu a lei nem ao governo que aí está.”*⁹¹

⁸⁹ “Parece que Deus esqueceu Todos os Santos”, *O Dia*, 04/01/53.

⁹⁰ Depoimento de Villas-Bôas Corrêa em Marieta de Moraes Ferreira (coord.), *Crônica política do Rio de Janeiro*, op.cit., pp.39-41.

⁹¹ “O barracão foi demolido pela polícia”, *Luta Democrática*, 15/07/54.

Na defesa do povo e contra a arbitrariedade policial, a **Luta Democrática** chegou a manter um advogado de plantão durante o carnaval de 1954, “a fim de impetrar ‘habeas corpus’ em favor de todos aqueles que forem presos arbitrariamente e sem motivo legal”. O jornal anunciou em manchete na primeira página: “*Luta Democrática vai acabar com as prisões ilegais no carnaval*”. Com sua retórica combativa, o matutino explicou:

*“Luta Democrática, jornal que luta pelos princípios democráticos, consignados na Constituição da República, é dirigida por Tenório Cavalcanti e Hugo Baldessarini, dois combatentes já famosos da democracia e, portanto, da liberdade individual, de forma que não lhe seria possível deixar de lutar contra essa praxe policial, humilhante e cretina.”*⁹²

Em seu segundo mês de circulação, março de 1954, a **Luta Democrática** inaugurou a seção *Tribuna do leitor*, sob a responsabilidade de Saldanha Marinho, que organizava as queixas recebidas por carta, telefonema ou visita à redação. No texto de apresentação, fez-se o convite à participação:

“Leitor amigo: você, como todos nós, tem a sua amargura, a sua queixa a fazer. Sabemos que você luta desesperadamente para sobrepujar inúmeras irregularidades que contribuem para piorar os dias incertos que atravessamos.

*Muitas das vezes você – como nós – é derrotado sem o direito de uma defesa. Agora, porém, você poderá se desabafar das injustiças que sofre, das irregularidades que lhe causam prejuízos. Na pior das hipóteses, será um consolo.”*⁹³

Saldanha Marinho estabeleceu um duplo diálogo através da seção de queixas: com as autoridades, ao transformar tais reclamações em

⁹² “*Luta Democrática vai acabar com as prisões ilegais no carnaval*”, *Luta Democrática*, 27/02/54, p.1.

⁹³ *Tribuna do leitor*, *Luta Democrática*, 05/03/54, p.6.

notas indignadas; e com os leitores, prestando satisfações a cada um deles:

“Neide Borges – *Sem dúvida alguma, acreditamos em suas declarações. Prova que registramos a sua queixa na presente edição. Realmente existem trocadores e provocadores...*

Mme. Odete Soares – *Na edição de amanhã registraremos o seu apelo à Secretaria de Agricultura da PDF⁹⁴, com relação ao “caminhão-feira” para a rua Magalhães Castro.*

Pedro Paulo – *Pode mandar a sua relação de ruas que se apresentam com “canos arreventados”. Quem pode não gostar é o Edgar Braga⁹⁵...”⁹⁶*

Também a seção *Como pensa o leitor* serviu ao encaminhamento de apelos ao jornal e ao seu diretor, pedidos estes que ao mesmo tempo reforçavam a idéia da “batalha” travada por ambos:

“Saudações. Escutando diariamente, pelo auto-falante, instalado na Cantareira, o seu reclame “Luta pelos que não podem lutar”, venho por meio desta solicitar sua luta, em defesa das passagens nas barcas (...).”⁹⁷

“Exmo. Senhor Doutor Tenório Cavalcanti,

Tendo conhecimento que o senhor defende o fraco que não sabe lutar da mão do forte, venho, por meio desta, lhe pedir um grande favor, pois me acho doente (...). Por duas véses escrevi ao Sr. Getúlio Vargas e não tive respostas (...).”⁹⁸

As questões trabalhistas, na **Luta Democrática**, originaram não só reportagens, mas também colunas especializadas, através das quais os leitores podiam esclarecer suas dúvidas. Desde o início, o matutino trouxe

⁹⁴ Prefeitura do Distrito Federal.

⁹⁵ Edgard Braga era responsável pelo Departamento de Águas e Esgotos da Prefeitura do Distrito Federal.

⁹⁶ *Tribuna do leitor*, Luta Democrática, 31/03/54, p.4.

⁹⁷ *Como pensa o leitor*, Luta Democrática, 31/03/54, p.3.

⁹⁸ *Como pensa o leitor*, Luta Democrática, 09/03/54, p.3.

as orientações de Jayme Porto Carreiro nas colunas *Justiça do Trabalho – Conheça seu direito* e *Consultório Trabalhista*.

Os problemas do “mundo do trabalho” concentravam a atenção dos leitores e das lideranças populistas. Criados para fazer a ponte entre uns e outros, os jornais ***Última Hora***, ***O Dia*** e ***Luta Democrática*** dedicaram especial atenção às reivindicações dos trabalhadores e às soluções propostas pelos políticos aos quais estavam vinculados. A encarnação do papel de “defensores do povo” e, em especial, o espaço dedicado às questões trabalhistas constituíram pilares fundamentais do caráter popular destes jornais, junto com a adoção do sensacionalismo.

Conforme mencionado anteriormente, a diferença de ***Última Hora***, ***O Dia*** e ***Luta Democrática*** em relação a jornais populares existentes no mesmo período – como ***O Radical***, ***O Popular***, o ***Diário Trabalhista***, o ***Voz Operária*** e o ***Imprensa Popular*** – é a utilização do conteúdo popular com vistas à estruturação de um sólido apoio popular para a atuação de determinadas lideranças políticas. E, principalmente nos casos da ***Última Hora*** e de ***O Dia***, também a articulação deste conteúdo popular com elementos da aqui iniciante indústria cultural, objetivando a conquista de um público amplo.

3.2. O caráter popular dos jornais

Qual era então a fórmula do jornal popular? Segundo Villas-Bôas Corrêa, a receita de ***O Dia*** para atrair leitores resumia-se a três palavras “cadáver, macumba e sexo”. “*O que vendia jornal ao povo era a manchete e a primeira página, o resto não tinha a menor importância*”, completa o jornalista. Esta era a concepção do secretário de redação Santa Cruz Lima, “o gênio do jornal popular”, que em 1954 mudou-se para a ***Luta Democrática***.⁹⁹ A retrospectiva histórica de ***O Dia*** feita pelo jornalista Cícero Sandroni, nos cinquenta anos do matutino, define:

⁹⁹ Villas-Bôas Corrêa, *Conversa com a memória*, op.cit., p.32.

Cícero Sandroni, *50 anos de O Dia na história do Rio de Janeiro*, op.cit.,p.21.

“O estilo de **O Dia** era o mesmo de **A Notícia**, com manchetes marcadas pelo impacto extraído do conteúdo dramático da notícia, ressaltando o sensacionalismo dos fatos, com tipos enormes, conhecidos como zincos, (...) para compor os títulos que se destacavam na primeira página, anunciando escândalos, crimes e desastres. Mancheteiros especialistas em jornalismo popular, daqueles que muitas vezes inventavam o título e depois iam perguntar ao repórter o que acontecera, empenhavam-se na tarefa de atrair o leitor com o mínimo de palavras, na exploração do duplo sentido, do humor macabro, da metáfora brega ou até de ironia grosseira”.¹⁰⁰

Mais tarde, **O Dia** ficaria marcado como o “jornal que espreme e sai sangue”. Mas em sua fase inicial, além de “cadáver, macumba e sexo”, sua pauta popular foi fortemente marcada pelas reivindicações populares, que – como vimos – abriam espaço à atuação do jornal como “defensor do povo”. Em **O Dia**, **Última Hora** e **Luta Democrática**, a fórmula “sexo, crime e sindicato” pavimentaria o caminho para que lideranças populistas estabelecessem um diálogo com seu possível eleitorado.

A expressão “sexo, crime e sindicato”, que usamos para definir os jornais em questão, tenta indicar que sua fórmula manteve elementos tradicionais da imprensa sensacionalista, ao mesmo tempo em que incorporou temas contemporâneos. Assim, ao lado dos típicos acontecimentos *sensacionais* (evidentes em manchetes como “*Crime de morte no Mangue*”, **Luta Democrática**, 07/08/54; “*Seduzida a menor pelo patrão*”, **O Dia**, 05/05/54; “*O diabo carregou o padre*”, **Última Hora**, 02/05/53), surgiam questões como o salário mínimo, as greves, as condições de vida nos subúrbios e favelas e o custo de vida.

Mas também esses temas eram tratados dentro da narrativa sensacionalista, marcada pelo forte tom moral. E a eficácia desses veículos em sua comunicação com as massas parece estar relacionada ao recurso a elementos da cultura popular. Tanto em sua forma como em seu conteúdo, a imprensa sensacionalista trabalhava com elementos da cultura do público que as lideranças populistas desejavam atingir. Neste

¹⁰⁰ Cícero Sandroni, op.cit.,p.21.

sentido, os jornais sensacionalistas ligados a lideranças populistas na década de 1950 constituíram um lugar de interseção entre cultura popular, cultura de massa e cultura política.

Conforme observado por Canclini, enquanto o populismo político utilizou-se da cultura popular a fim de fortalecer sua hegemonia e sua legitimidade, também o mercado teve a necessidade de incluir as estruturas e bens simbólicos tradicionais nos circuitos massivos de comunicação. A partir do *popular* surgiu o *massivo*, noção que designa o caráter dessa cultura transformada, urbana e organizada sob as regras da indústria cultural.

Segundo Jesús Martín Barbero, o sensacionalismo, produto bem-sucedido na era da indústria cultural, tem suas raízes na cultura popular e nas transformações sofridas por esta na conformação da sociedade de massas, o que implica, na América Latina, a experiência política do populismo.¹⁰¹ Barbero cita o estudo de Osvaldo Sunkel sobre o jornalismo sensacionalista no Chile, onde o autor busca os antecedentes narrativos desse estilo jornalístico e situa a fórmula de sua permanência na interseção entre cultura popular, cultura de massas e cultura política.

Assim como em outros países latino-americanos, explica Sunkel, desde a segunda metade do século XIX, houve no Chile uma certa quantidade de publicações populares que, como as *gacetas* na Argentina ou a literatura de cordel no Brasil, misturavam o noticioso ao poético e à narrativa popular. Chamavam-se no Chile de “liras populares”, e a partir da Primeira Guerra Mundial começaram a ganhar em informação o que iam perdendo em qualidade poética, passando a “assumir funções próprias do jornalismo num momento histórico que reflete as experiências do popular nos limiares da cultura de massa”.¹⁰² Nesse protojornalismo popular já se encontram as chaves do jornalismo sensacionalista: grandes títulos chamando a atenção para o fato principal narrado em versos, a importância assumida pela parte gráfica, com desenhos ilustrando o texto, e a melodramatização de um discurso que parece fascinado pelo sangrento e o macabro.

¹⁰¹ Jesús Martín Barbero, op.cit..

¹⁰² Citado em Barbero, op.cit., pg.245.

Desde a primeira década deste século, começaram a aparecer os jornais sensacionalistas que retomaram e desenvolveram a tradição desta produção popular. Na Argentina, desde 1913 **Crítica** revolucionou o jornalismo, rompendo o tom solene e a pomposidade da imprensa “séria”. No Chile, em 1922 apareceu o tablóide **Los Tiempos**, e em 1944 **Las Noticias Gráficas**, que se autodefinia como “jornal do povo” e assumia reivindicações de atores populares não representados ou reprimidos pelo discurso político tradicional: as mulheres, os aposentados, o mundo das penitenciárias e dos reformatórios, do alcoolismo e da prostituição. De acordo com Sunkel, a consagração do jornalismo sensacionalista no Chile veio com a publicação do **Clarín**, criado em 1954. **Clarín** foi ainda a inspiração para a fundação do argentino **Crónica**, em 1963. No caso brasileiro, já citamos **A Manhã** (1925-1928) e **Crítica** (1928-1930), de Mário Rodrigues, que, nos anos 20, foram expressivos exemplares do sensacionalismo.

Como apontou Sunkel, no Brasil o sensacionalismo tem entre seus antecedentes narrativos a literatura de cordel. Esta, por sua vez, “exibe métricas, temas e *performance* da tradição oral”.¹⁰³ A literatura de cordel é, para alguns de seus estudiosos, “o jornal do povo”.¹⁰⁴ Ao lado de narrativas fantásticas e do registro de fatos históricos, está a “reportagem” popular dos acontecimentos. O escritor Orígenes Lessa comentou em 1955 sobre os folhetos de cordel:

*“Os desastres, as inundações, as secas, os cangaceiros, as reviravoltas da política alimentam o caráter jornalístico dessa produção que sobe a centenas de títulos por ano. O bom crime é a alegria do poeta. [...] Juscelino, Jânio, Jango botaram feijão em muita mesa de poeta.”*¹⁰⁵

Conforme explica Mark Curran, no fim dos anos 1960 jornalistas e professores começaram a investigar a literatura de cordel como uma espécie de jornalismo popular e, depois, de *folk*-comunicação, como um “intermediário no processo da comunicação”. O poeta popular seria

¹⁰³ Mark Curran, História do Brasil em cordel, SP, Edusp, 2001, p.17.

¹⁰⁴ Ibid., p.20.

¹⁰⁵ Citado em Mark Curran, op.cit., p.23.

responsável, segundo esta perspectiva, pela retransmissão de informações, através da linguagem popular e dentro do campo de referência dos seus leitores.

O que nos interessa, aqui, é a presença dos versos populares nos jornais sensacionalistas da década de 1950, como um elemento que reforça a visão dos vínculos deste tipo de imprensa com a cultura popular. A publicação de versos ao estilo da literatura de cordel em **O Dia** e na **Luta Democrática** aponta para um esforço de identificação com os grupos populares, onde tais versos não só serviram como um atrativo simpático, divertido ou curioso, mas como um elemento de tradução ou recodificação de informações para este público. Vale então lembrar que boa parte das massas populares então residentes no Rio de Janeiro eram provenientes da migração nordestina e que a literatura de cordel é depositária das crenças e valores do nordestino pobre e humilde.

Nascido em Alagoas, Tenório Cavalcanti foi ele mesmo um desses migrantes. Os versos de Zé Alagoano publicados pela **Luta Democrática** ofereciam ao leitor a reconstituição de sua trajetória, do sertão nordestino à capital do País. A publicação teve início em 6 de fevereiro de 1954, na página 3, junto ao editorial *Assim pensamos* e às notícias políticas. Chamou-se primeiramente “*Venci de revólver em punho*”. Mas já no dia seguinte os versos apareceram com seu título definitivo, “*Vida, paixão e drama do deputado Tenório*”, e situados na contracapa (espaço nobre das reportagens sobre os problemas enfrentados pelas classes populares), onde passaria a ser contada diariamente a saga do “*bravo sertanejo*”. Com desenhos de Arno Voigt, tinha o formato das histórias em quadrinhos. Em capítulos, a vida “heróica” de Tenório era o folhetim da **Luta Democrática** e chegou a ter chamada na primeira página.

Em seu estudo sobre a literatura de cordel, Mark Curran destaca que “os eventos principais, os que despertam mais o interesse do público pelo cordel, são aqueles que envolvem figuras políticas importantes e os que interferem no percurso da história brasileira, tal como ela é percebida pelo povo”.¹⁰⁶ Os versos de Zé Alagoano preenchem os requisitos da

¹⁰⁶ Mark Curran, op.cit., p.29.

narrativa cordeliana: a história do famoso deputado udenista tinha elementos religiosos (“*recebeu a proteção da Divina Providência*”) e mesmo místicos (um “feiticeiro” lança uma profecia sobre Tenório quando de seu nascimento) e apresentava um líder popular que venceu a miséria nordestina e terríveis inimigos. Os versos sobre Tenório enquadravam-se, ainda, na base moral da cosmovisão cordeliana, tal como descrita pelo estudioso Luís da Câmara Cascudo:

*“O folclore, santificando sempre os humildes, premiando os justos, os bons, os insultados, castigando inexoravelmente o orgulho, a soberbia, a riqueza inútil, desvendando a calúnia, a mentira, empresta às suas personagens a finalidade de apólogos que passam para o fabulário como termos de comparação e referência.”*¹⁰⁷

Nas páginas da **Luta Democrática**, a apresentação dos versos populares no formato das histórias em quadrinhos e em capítulos, tal como um folhetim, aponta para interseção entre cultura popular e cultura de massas que se efetua naquele jornal. O objetivo político de construção da imagem mitológica de Tenório Cavalcanti como líder popular, por sua vez, revela o encontro dos elementos populares e massivos com uma determinada cultura política.¹⁰⁸ No caso, a mensagem populista que deposita na figura heróica do líder a solução dos problemas da coletividade.

Em **O Dia**, também foi comum a publicação de versinhos de feitiço popular. Serviam como comentário sobre determinadas notícias, à moda dos repentistas que improvisam sobre um tema, com humor, e representavam uma forma de expressão das opiniões do jornal. Publicados sempre na primeira página, tinham o título de *Desabafo* e traziam o desenho de um cantador popular com sua viola:

“Libertai o presidente!”

¹⁰⁷ Citado em Mark Curran, op.cit., pp.29-31.

¹⁰⁸ O estudo de Mark Curran nos mostra que este encontro ocorreu também na própria literatura de cordel, cuja cosmovisão foi afetada pela retórica política de Getúlio Vargas em sua segunda fase e pelas mudanças decorrentes da modernização do País a partir da década de 1950. Ver em Mark Curran, op.cit., p.18.

*pede o Danton em discurso;
diz o povo descontente:
- Livrai-o do 'amigo urso'.*"¹⁰⁹

Muitas vezes uma frase introdutória dava o tema para o "improviso", que efetuava a tradução da informação para a forma popular, por meio da construção de imagens contundentes:

"O Itamarati recebeu a nota do secretário-geral das Nações Unidas solicitando ao Brasil que dê fiel execução dos compromissos assumidos com aquela organização.

*O Brasil republicano
Vai à Coréia, contente,
Ao lado do americano,
Com os 'graúdos' à frente."*¹¹⁰

"Os vereadores cariocas que foram representar o Rio nas festas do bimilenário[sic] de Paris ainda não regressaram a esta capital.

*Nessa Paris de esplendores
Qualquer mortal fica às tontas...
's'amusent' os vereadores
e o Tesouro paga as contas."*¹¹¹

Na ***Luta Democrática***, sob o título *Cantando e rindo*, eram publicados versos similares, também acompanhados da imagem do violeiro. Publicados na primeira página ou na contracapa, os versinhos serviam à batalha de Tenório Cavalcanti contra Vargas e Amaral Peixoto:

"O novo salário mínimo, de cujas consequências os próprios beneficiados estão com medo, foi recebido como puro ato pré-eleitoral.

*Não adianta o velhinho
Querer voltar ao cartaz...*

¹⁰⁹ Desabafo, O Dia, 14/06/51, p.1.

¹¹⁰ Desabafo, O Dia, 29/06/51, p.1.

¹¹¹ Desabafo, O Dia, 02/08/51, p.1.

*Se o salário veio agora,
Eleição vem logo mais...”*¹¹²

“A polícia do Estado do Rio matou, traiçoeira e covardemente. O motorista Antônio Sotter Ribeiro. Alegando ter sido acidente, o delegado implicado, com outros policiais, compareceu ao enterro e discursou na hora do sepultamento.

*Lampeão perdeu a zero
Pra polícia do Amaral:
Mata, enterra e faz discurso
Na hora do funeral...”*¹¹³

Em 14 de julho de 1954, a **Luta Democrática** foi às bancas com toda a sua carga sensacionalista. Entre as manchetes estava “*A cobra mamava no seio da mãe e punha a cauda na boca da criança*”. O suposto acontecimento, que remetia a uma lenda popular, serviu de “gancho” para que a seção *Cantando e rindo* desferisse novo ataque contra o governo Vargas:

“Uma cobra, em Niterói, mamava na mãe da criança, enquanto enganava esta, dando-lhe a cauda à guisa de chupeta.

*A cobra mama de fato
Não há mulher que escape
Pondo a cauda em nossa boca,
Não faz o mesmo a Cofap?”*¹¹⁴

Em outra ocasião, a **Luta Democrática** já havia publicado os versos de um leitor contra a alta dos preços. Irônico, o matutino comentou que “os versos populares antes eram assim: *‘Bota o retrato do velho’*”. O jornal optou por respeitar a “*redação do autor, com o seu sabor popular característico*”:

¹¹² *Cantando e rindo*, Luta Democrática, 04/05/54, p.1.

¹¹³ *Cantando e rindo*, Luta Democrática, 11/05/54, p.1.

¹¹⁴ *Cantando e rindo*, Luta Democrática, 14/07/54, contracapa.

“Seu Getúlio, seu Getúlio
 vim aqui lhe preguntá
 quando será esse dia
 que os aumento vão pará
 (...)

Mas meu Deus! Que afrição
 Vendo tudo isso aumentá!
 O seu Getúlio sorrindo
 E nós de fome a chorá.”¹¹⁵

Como dissemos, tais versos – produzidos por populares ou pelo próprio jornal no feitio popular – atuaram como elemento de tradução ou recodificação de informações para o público leitor, com vistas à mobilização política. Na **Luta Democrática**, também a seção *Diálogos nas ruas* atuou neste sentido. Como o próprio nome diz, a seção criava – numa linguagem bastante coloquial - comentários supostamente ouvidos de populares. Situada na página política da **Luta Democrática**, a seção tinha, no entanto, seu lado cômico afetado pela agressividade de seu objetivo político. Como em sua edição do dia 5 de maio de 1954, após o aumento do salário mínimo concedido por Getúlio:

“ – Com que cara ficaram os Coronéis?
 – Calma e serena enfrentando galhardamente o começo do fim!...

* * *

– O Jango está radiante! Vai prosseguir o golpe sindicalista!
 – Ele que evite ficar capenga da direita...

* * *

(...)

– Sabes o que disse o pequenino?
 – Ouvi bem: ‘povo faminto descerá comigo as escadas do Catete!’...
 – Então está com tendências para as pendências mórbidas... Nunca vi tanta inclinação para o suicídio!...

* * *

¹¹⁵ Como pensa o leitor, Luta Democrática, 06/02/54, p.3.

(...)

- *E caso se repita um 29 de outubro?*
- *O Âncora desancorado dirá com seus bordados: ‘Quem deu luz ao monstrengo Mateus que o embale!’...*
- *E o Gregório?*
- *Em disparada gritará: ‘Chegou tempo de murici, cada qual cuide de si!’...”*

O humor é uma característica importante dos jornais populares. As próprias manchetes e reportagens sensacionalistas lançaram mão do humor, ainda que humor negro. A tradicional charge política cumpriu nos três periódicos a sua função, como comentário cômico acerca da atualidade. Na **Luta Democrática**, a seção *Diálogos nas ruas*, com seu humor duvidoso, recriava os acontecimentos do momento à moda do combativo matutino. Ali, a irreverência da imprensa popular é canalizada para o anti-varguismo udenista. Na **Última Hora**, é possível ver como esta irreverência ocupou outros espaços, que não o da informação política, tentando, assim, fazer com o jornal caísse no gosto popular. Como no caso da coluna *O Coruja – Espia de noite e conta de dia*, com suas pequenas e bem-humoradas notas sobre turfe, e da tirinha cômica *Os Impossíveis*, do caricaturista Lorenzo Molas, ambas nas páginas de esportes.

Nenhum dos três jornais se descuidou do noticiário esportivo, elemento importante na atração de leitores, na época centrado principalmente no futebol e no turfe. Na **Luta Democrática**, além da habitual cobertura dos principais times de futebol e dos páreos no Jôquei Clube, destacava-se a preocupação em registrar as atividades esportivas profissionais e amadoras de todo o Estado do Rio, inclusive campeonatos nos subúrbios. N’**O Dia**, a cobertura esportiva tinha um perfil mais moderno, semelhante à da **Última Hora**, com muitas fotos e espaço também para as notícias internacionais.

No vespertino de Samuel Wainer, as páginas esportivas seguiam as diretrizes do projeto editorial inovador, que o distinguia não só de **O Dia** e da **Luta Democrática**, mas de todos os demais jornais. É geral a

percepção da contribuição que a **Última Hora** representou para o processo de modernização da imprensa brasileira.¹¹⁶ Parece ser consenso, também, a idéia de que este formato inédito em termos de linguagem, principalmente visual, tinha como objetivo facilitar a comunicação com os leitores menos letrados.¹¹⁷ A fotografia teve aí uma importância capital. Em uma imprensa acostumada a fotos estáticas, paradas, a **Última Hora** difundiu o uso de fotos mais dinâmicas e de sequências fotográficas.¹¹⁸

Para chefiar a editoria de esportes, Wainer contratou Augusto Rodrigues. A equipe inicial contou com outros membros da família Rodrigues – Nelson, Paulo e Irene – além de Álvaro Paes Leme, Albert Laurence, Luiz Bayer, Motta Lima, Júlio De Lamare e João Cantuária. O investimento da **Última Hora** no noticiário esportivo faz-se sentir com o lançamento da *edição esportivo-policia*l ao final do seu primeiro mês de circulação. Como os demais vespertinos, a **Última Hora** não saía aos domingos. A edição esportivo-policia circula va nas manhãs de segunda-feira, trazendo os fatos do fim-de-semana, como os resultados dos jogos de futebol. Segundo o jornal, a edição tinha “o objetivo de servir ao interesse maior do público, sem deixar de lhe expor os marcantes acontecimentos ocorridos na cidade, durante as últimas 24 horas”.

A edição esportivo-policia teve inicialmente oito páginas, sendo seis de esportes e duas de noticiário policia l. Era vendida a 50 centavos, enquanto a edição normal da **Última Hora** custava um cruzeiro. A fórmula não poderia ser mais popular: futebol e crime. E aparentemente o formato agradou, a julgar pelo aumento de páginas pouco tempo depois, o que, conforme o jornal, procurava “corresponder à preferência dos leitores”.¹¹⁹ Mais tarde a edição esportivo-policia l foi substituída pelo suplemento *Última Hora nos esportes*, que circulava às segundas-feiras junto da edição normal.

¹¹⁶ Ana Paula Goulart Ribeiro, op.cit., p.123. Ver também Theodoro de Barros, “A imprensa era dominada por um grupo familiar até 1950” IN: A Última Hora de Samuel – Nos tempos de Wainer, op.cit..

¹¹⁷ Sonia Joia Bezerra, op.cit., p.35.

¹¹⁸ Ana Paula Goulart Ribeiro, op.cit., p.124.

¹¹⁹ *Suplemento Esportivo de Última Hora*, Última Hora, 09/07/51, p.1.

Na *Última Hora*, n' *O Dia* e na *Luta Democrática*, também as páginas dedicadas à cultura e ao lazer revelam o encontro do popular com o massivo. Mas, novamente, a *Última Hora* se apresentava em um estágio mais avançado na conformação de um projeto editorial dentro das características da indústria cultural. N' *O Dia* e na *Luta Democrática*, por sua vez, foi intensa a apropriação de elementos da cultura popular com vistas à sua identificação com as camadas mais humildes da população. A publicação dos resultados do jogo-do-bicho e o espaço dedicado às práticas religiosas refletiam os interesses do público leitor destes matutinos.

Ao surgir em fevereiro de 1954, a página de cultura e lazer da *Luta Democrática* trazia as seções *Luta Democrática na sociedade*, com acontecimentos sociais; *Luta Democrática no cinema, teatro, rádio*, com críticas e notícias; *Luta Democrática e as religiões*, sobre catolicismo, espiritismo e umbanda; *Mactube – O enigma do afeto*, coluna de aconselhamento sentimental; *Economia doméstica*, com dicas para as donas-de-casa; e *Horóscopo*. Ao longo do período analisado, esta configuração mudou pouco, expandindo-se por outras páginas do jornal com o surgimento de novas colunas sobre cinema e teatro e a seção *Vida Evangélica*, escrita por E. de Carvalho.

O espaço dedicado às religiões fez jus à idéia de uma “luta democrática”, onde cada um trabalhava pelo reconhecimento de seu direito à cidadania. Coryna Rebuá escreve em sua coluna:

*“Sobre os alicerces da democracia – que permite a cada um o direito de professar o que crê – a doutrina espírita será difundida por este jornal, num movimento de confraternização com todos aqueles que defendem os mesmos princípios.”*¹²⁰

Em sua coluna sobre a umbanda, João de Freitas argumentou em mesmo tom:

¹²⁰ *Luta Democrática e as religiões – Espiritismo*, *Luta Democrática*, 03/02/54, p.4.

“O espiritismo praticado nas tendas e terreiros caminha a passos largos de gigante para conquistar a sua carta de alforria. Em futuro pouco remoto essa grande seita será uma religião reconhecida pelo Estado e terá, naturalmente, os seus sacerdotes devidamente credenciados, por colégio superior.”¹²¹

Na coluna *Economia Doméstica*, escrita por Neuza Bressane, teve lugar outra batalha: a da dona-de-casa. Remediada ou pobre, argumentou a colunista, “a dona-de-casa é, na sociedade moderna, quem mais trabalha e quem mais sofre também”:

“Se o marido dispõe de recursos ou ganha bom salário, a esposa poderá gastar com certa folga, mas terá sempre o problema de lidar com as empregadas (...). Mas, se o chefe da família é um Barnabé, que recebe apenas dois ou três mil cruzeiros, então a coisa se transforma em drama, tragédia e mesmo comédia.”¹²²

Os anúncios publicados nestas páginas também pareciam visar públicos distintos (o que “dispõe de recursos “ e o barnabé), já que a publicidade de boates chiques, como a Vogue, a Ciro’s e a Night and Day, conviviam com a venda de terrenos a prestações nos subúrbios. Com circulação modesta nesta época (cerca de 20 mil exemplares diários em 1954), a **Luta Democrática** ainda não tinha o valor comercial que sua penetração lhe garantiria mais tarde (com cerca de 117 mil exemplares diários em 1958 e 130 mil em 1960).¹²³ Em 1954, no entanto, as páginas repletas destes anúncios de boates e terrenos indicam certa expressividade do matutino junto a grupos sociais distintos, ainda que tal publicidade pudesse ter origem também no prestígio político dos diretores do jornal, fato comum na imprensa da década de 1950.

Em **O Dia**, a grande quantidade de anúncios de terrenos, casas e apartamentos nos subúrbios (Penha, Vaz Lobo, Santíssimo, Belford Roxo,

¹²¹ *Luta Democrática e as religiões – Umbanda*, Luta Democrática, 04/02/54, p.4.

¹²² *Economia Doméstica*, Luta Democrática, 03/02/54, p.4.

Nova Iguaçu, Irajá, Padre Miguel, Alcântara, Campo Grande, Austin e Grajaú, por exemplo) demonstram a penetração do jornal naquelas localidades. A ampla circulação do matutino (cerca 90 mil exemplares por dia em 1953 e 1954) garantiu-lhe também a publicidade de grandes estabelecimentos comerciais, como a Casa José Silva, as Lojas Drago e a Mesbla. Pequenos anúncios de revistas chamam a atenção para o gosto feminino por folhetins, como “*Mentir para casa*”, publicado por **Grande Hotel**, e “*Madalena, um pecado feito mulher*”, da revista **Rádio-Teatro**.

Para suas leitoras, o jornal criou *A novela de O Dia*, publicada na página diária de cultura e lazer, onde eram apresentados folhetins como *O cadáver na mala*, de Milton K. Ozaki, e *O Peixe Dourado*, de Raymond Chandler. Aos domingos, a seção *O Dia em seu lar* trazia moda, culinária e dicas variadas.

Diariamente, na página de cultura e lazer de **O Dia**, a popularíssima *Escreveram no poste*, coluna com os resultados do jogo-do-bicho, convivia com a boemia chique da coluna *Boites, restaurantes e bares*, sobre a noite carioca. Mais variada que a página de cultura e lazer da **Luta Democrática**, a similar de **O Dia** oferecia cotidianamente a programação, as notícias e as fofocas do cinema, do teatro, do rádio e da música. Não faltavam as fotos de artistas de Hollywood ou de vedetes do teatro de revista. Havia ainda palavras-cruzadas, a tirinha de histórias em quadrinhos e a coluna de aconselhamento sentimental *Aprenda a resolver seus problemas*, pelo “*professor Blum Najac*”.

Assim como a **Luta Democrática**, **O Dia** investiu nos temas religiosos, abrindo espaço para a publicação de uma coluna sobre as atividades de centros espíritas e também de extensas reportagens sobre a umbanda, escritas por dois presidentes de entidades umbandistas. Com caráter didático, tais reportagens chegavam a ocupar até uma página inteira, com informações e fotos dos cultos. Já as notas espíritas concentravam-se na divulgação das sessões, bem como das atividades assistencialistas prestadas pelas instituições. Na primeira edição da

¹²³ Vale ressaltar, porém, que estas altas tiragens estavam vinculadas a um público de baixa renda, o que de certa forma limitava o potencial comercial da Luta Democrática.

coluna, a explicação do jornal sinalizava sua intenção de reforçar laços com os leitores:

*“O Dia, jornal que surgiu para a defesa dos interesses do povo, deseja, por isso mesmo, participar de todos os setores de atividade do povo. Daí a iniciativa de abrir sua colunas para o noticiário e comentários espiritualistas, abrindo todas as notas que lhe forem enviadas.”*¹²⁴

Na **Última Hora**, a variedade presente nas páginas de cultura e lazer indicam a preocupação empresarial e política de se atingir um público diversificado, ou seja, de composição policlassista. No início, no entanto, estas páginas não eram tão plurais, apresentando um perfil mais sofisticado, voltado claramente a um público proveniente das classes médias e alta. Além da divulgação da programação cultural da cidade e de notícias sobre o mundo do cinema, do teatro e do rádio, destacavam-se as colunas especializadas, como a de Vinícius de Moraes sobre cinema e a de Marques Rebelo sobre teatro. A ênfase no colunismo foi outra marca importante do projeto editorial da **Última Hora**, que assim conseguiu atrair para a sua equipe profissionais e intelectuais que preferiam manter um lugar de independência em relação ao getulismo do jornal.

Horóscopo, notas sociais, fofocas sobre Hollywood, moda e culinária completavam o cardápio inicial das páginas de cultura e lazer da **Última Hora**. Já no final de julho de 1951 operou-se a primeira transformação na direção de um perfil mais popular, com a estréia da coluna *De dia e de noite*, da cantora Linda Batista, sobre as atividades de artistas do rádio, do cinema e da noite, e da seção *Confidências*, de Nadja Alimar (provavelmente um pseudônimo), que respondia às aflições sentimentais dos leitores.

Dois anos depois, a observação das páginas de cultura e lazer da **Última Hora** nos dá a percepção do talento editorial que congregou elementos sofisticados e/ou elitistas (como novas colunas de comentários sobre teatro e música e a coluna social *Black Tie*) e outros de perfil

popular, como a seção *Onde o povo se diverte*, com a cobertura das atividades sociais (clubes, bingos) em localidades menos nobres, como Vila Isabel e Jacarepaguá, e a coluna *Onda e ondas*, assinada por Marijô (pseudônimo de Renato Correia de Castro), com comentários sobre os artistas, programas, emissoras e bastidores do rádio, além das inusitadas “brincas” sobre erros de português cometidos nas transmissões.

Curiosamente, o mesmo Marijô, responsável também pela seção *Fala o povo na Última Hora*, fez uso de uma curiosa ortografia, que deu às queixas dos leitores uma feição irreverente:

*"Na rua Itapeaçu, 100 (Olaria); tá uma berradeza, ôh! É o alto-falante de um excomungado, ki bota ele com o berrador aberto até às 24h e avisa: "Quem der parte de mim, perde o tempo porque eu tenho pistolão da Prefeitura!". Coronel Dulcídio: o Sr. Tá bão? Eh, eh, eh."*¹²⁵

Entre os elementos que fizeram o sucesso (e, logo, a popularização) da *Última Hora* estão os folhetins e as histórias em quadrinhos. A intenção de firmar o hábito de leitura no dia-a-dia levou a *Última Hora* a ressucitar a velha fórmula do folhetim, que na passagem do século XIX para o XX havia cumprido este papel em nossa imprensa. A *Última Hora* publicava os folhetins junto às seções de interesse feminino, como a *Última Hora na moda e no lar*. O talento de Nelson Rodrigues contribuiu para o sucesso do gênero no jornal. Em 31 de julho de 1951 apareceria o primeiro capítulo de *O homem proibido*, romance escrito sob o pseudônimo Suzana Flag.

Desde o início a *Última Hora* ofereceu aos seus leitores uma variada opção de histórias em quadrinhos. Eram produções nacionais, já que na época *O Globo* tinha um contrato com o sindicato de desenhistas norte-americanos que lhe dava exclusividade de quase todos os melhores autores de quadrinhos estrangeiros.¹²⁶ Assim, surgiram na *Última Hora*

¹²⁴ *Notas e comentários espiritualistas de O Dia*, O Dia, 13/06/51, p.5.

¹²⁵ *Fala o povo na Última Hora*, Última Hora, 06/05/53.

¹²⁶ Ana Paula Goulart Ribeiro, op.cit., p.125.

os encartes *Suplemento Infantil*, *Suplemento Juvenil* e *Suplemento de Far-West*, entre outros, com histórias para todos os gostos.

A ***Última Hora*** também apostou na aliança entre os quadrinhos e os folhetins. No *Suplemento Romântico*, por exemplo, o encarte de quadrinhos para o público feminino, os títulos revelam o conteúdo lacrimoso das narrativas, como em *A noite que mudou minha vida* e *O cupido disse sim*. Os folhetins em quadrinhos tiveram autores famosos, como Monteiro Lobato, que escreveu *O espião alemão*, ilustrado por José Geraldo. *A dama das camélias* também foi publicada no mesmo formato, assim como a biografia de Castro Alves e o romance de Anita e Giuseppe Garibaldi, ambos na série *Os grandes amores do Brasil*. Segundo Theodoro de Barros, casos policiais e a vida de esportistas célebres também foram transformados em quadrinhos posteriormente.¹²⁷

Na ***Última Hora***, os quadrinhos também serviram à divulgação de idéias alinhadas com a orientação política do jornal. Conforme o relato de Augusto Rodrigues a Theodoro de Barros, antes do lançamento do vespertino chegou-se a estudar a possibilidade de se transformar em tiras ilustradas as leis trabalhistas, como fórmula para atingir de maneira mais fácil o público interessado no assunto.¹²⁸ Mas o que efetivamente se fez foi a publicação de tirinhas que, de forma didática, difundiam as teses nacionalistas de Vargas, como a necessidade de desenvolvimento da indústria brasileira. Aqui, novamente, como no caso da biografia de Tenório Cavalcanti transformada em quadrinhos na ***Luta Democrática***, ocorre o encontro do elemento massivo com o elemento político, em que o primeiro serve à popularização do segundo.

Na ***Última Hora***, n' ***O Dia*** e na ***Luta Democrática*** é preciso destacar, também, o caráter estratégico da contracapa do jornal como espaço da articulação entre os elementos populares, massivos e políticos. Assim como a primeira página, também a contracapa era um espaço privilegiado para a atração dos leitores, bem como para a divulgação do discurso político do jornal. A utilização de tais recursos, no entanto, variou

¹²⁷ Theodoro de Barros, "A imprensa era dominada por um grupo familiar até 1950" IN: *A Última Hora de Samuel – Nos tempos de Wainer*, op.cit., p.39.

¹²⁸ Ibid., pp.38-39.

entre os três veículos. **O Dia** dedicava suas contracapas exclusivamente ao apelo popular das notícias e fotos sobre futebol. A **Luta Democrática** reservou o espaço à publicação das sensacionais notícias policiais, de indignadas reportagens de denúncia e da heróica saga de Tenório Cavalcanti em versos e quadrinhos. Particularmente nos dias em que as reportagens de denúncia deixavam lugar apenas para a coluna de *Vida, paixão e drama do deputado Tenório*, tal proximidade parecia sugerir que a solução para os graves problemas vividos pela população estava logo ali, na figura impávida do político udenista.

Na **Última Hora** as contracapas tinham grande apelo gráfico, moldadas pela estética inovadora da equipe liderada pelo desenhista Andrés Guevara.¹²⁹ Fotos e desenhos ilustravam as reportagens sensacionais de Edmar Morel, Daniel Caetano e Nelson Rodrigues, entre outros. Nássara publicava em uma coluna vertical a tirinha de humor *Nossa amizade*. Sob o título *Tudo azul*, a **Última Hora** trazia diariamente a foto de uma atriz de Hollywood ou mesmo de alguma beldade desconhecida da praia de Copacabana, todas sempre de maiô ou biquini.

Ao surgir em 1951, a **Última Hora** também publicava em sua contracapa o box *Sem ele(a), o que seria?*, em que se destacava, a cada dia, a vida de um trabalhador comum, como um guarda de trânsito, uma enfermeira ou um maquinista da Estrada de Ferro Central do Brasil. Numa linguagem folhetinesca, o jornal valorizava o indivíduo comum, tirando-o de seu anonimato. Como no texto sobre a enfermeira Maria de Lourdes, “*cidadã da graça, do trabalho*”:

“Pronto-socorro. Chega a ambulância, trazendo o ferido da lotação, andaime, queimadura ou queda. E lá está ela, com seu ar sereno, atendendo, socorrendo, consolando, auxiliando o médico (...). Era, ontem, a menina de bairro, e, hoje, entra em contato com os sofrimentos da gente, de homens de trabalho sem sorte ou grã-finos que abusam dos rabos-de-peixe. (...) Nas folgas

¹²⁹ Paraguaio radicado na Argentina, Andrés Guevara teve atuação importante na imprensa brasileira. Foi responsável pela renovação gráfica dos jornais *A Manhã* e *Crítica*, de Mário Rodrigues. Trabalhou também no humorístico *A Manhã*, de Aparício Torelli (o Barão de Itararé), na revista *Diretrizes* e no *Diário Carioca*, entre outros veículos. Ver em Ana Paula Goulart, op.cit., p.123-124.

do HPS, Maria de Lourdes, às vezes passeia, com frequência, sentada em frente de Jean Gabin ou Tyrone Power, num cinema da Praça Saenz Peña.”¹³⁰

Na contracapa da *Última Hora*, as reportagens populares – tal como Edmar Morel as chamou¹³¹ – também folhetinizavam, no melhor estilo sensacionalista, os problemas vividos por pessoas humildes. Nelson Rodrigues chegou a chamar de *romance* sua reportagem sobre a decadência de três pracinhas. *Caxias, cidadela do crime*, escrita por Edmar Morel e publicada em dois “capítulos”, fez uso da estética dos títulos e desenhos dos folhetins. A dramatização da vida do cidadão comum era a marca forte do jornalismo popular.

Com a criação da chamada *Segunda Seção*, o segundo caderno para onde migrou grande parte do conteúdo popular do jornal, mudou a configuração da contracapa do primeiro caderno. Mas foi ali ainda que surgiu *A vida como ela é...*, com as célebres crônicas de Nelson Rodrigues. A sugestão de Samuel Wainer havia sido a de que Nelson escrevesse a partir de fatos reais. Mas logo o escritor passaria a inventar as histórias. Segundo o próprio Nelson, “era sempre a história de uma infiel”:

“Apenas isso. E o leitor era um fascinado. Comprava a *Última Hora* para conhecer a adúltera do dia.”¹³²

O biógrafo Ruy Castro narra o sucesso da coluna:

“Desde o começo, a coluna de Nelson passou a ser uma leitura obrigatória nos bondes e lotações. Uma cena comum nos ônibus apinhados era a fila de homens em pé no corredor, pendurados nas argolas e empunhando uma *Última Hora* dobrada na página de *A vida como ela é...*”¹³³

¹³⁰ *Sem ela, o que seria?*, *Última Hora*, 14/06/51, contracapa.

¹³¹ Edmar Morel, *Histórias de um repórter*, São Paulo, Record, 1999, p.188.

¹³² Nelson Rodrigues, *A menina sem estrela – memórias*, São Paulo, Companhia das Letras, 1993, pp.68-69.

¹³³ Ruy Castro, *O anjo pornográfico*, São Paulo, Companhia das Letras, 1993, p.238.

Talvez inspirado pela repercussão de *A vida como ela é...*, em **O Dia** surgiu *O avesso da vida*, crônica escrita por F.Nunes, sobre crimes passionais e fatos similares tirados das páginas policiais. *O avesso da vida* permanece ainda hoje em **O Dia**. Sobreviveu até mesmo ao processo de reforma do jornal empreendido a partir do final dos anos 1980. Com a alteração de seu perfil, **O Dia** passou a disputar com **O Globo** os leitores da classe média. Há algumas décadas a coluna é escrita por Léo Montenegro. Em suas mãos as crônicas ganharam um tom mais cômico e menos rodrigueano. Anedotas, fatos pitorescos e o lado curioso ou mesmo sensacional do dia-a-dia compõem a matéria-prima dos textos atuais.

A observação dos jornais **Última Hora**, **O Dia** e **Luta Democrática** durante os primeiros anos da década de 1950, quando a modernização da imprensa começava lentamente a se operar, revela – no momento da passagem da imprensa de um perfil marcadamente político para outro mais empresarial – as fórmulas encontradas por um jornalismo que precisava, por razões políticas, ser popular nas duas acepções da palavra: como elemento identificado com o povo e como produto de largo consumo.

Os vários trabalhos que tratam da contribuição da **Última Hora** para o processo de modernização da imprensa brasileira destacam uma série de inovações introduzidas pelo jornal, no aspecto empresarial, como novas formas de administração, distribuição e promoção.¹³⁴ Como já citamos, a **Última Hora** criou um inédito departamento de promoções, que através de sorteios de brindes, concursos e campanhas publicitárias em *out-doors* – iniciativas também pioneiras – procurava estimular sua circulação.

O Dia seguiu o exemplo da **Última Hora**, investindo fortemente em prêmios. Recortando cupons publicados no jornal, os leitores podiam ganhar desde eletrodomésticos até um terreno em Bangu. A grande circulação alcançada por **O Dia** também resultou do fato estratégico de

¹³⁴ Ver, por exemplo, os trabalhos de Ana Paula Goulart Ribeiro e Theodoro de Barros já citados.

ser sempre o primeiro matutino a chegar às bancas, geralmente antes da meia-noite.

Última Hora, **O Dia** e **Luta Democrática** nasceram quando a indústria cultural apenas esboçava seu surgimento no Brasil. Se por um lado o rádio vivia seu apogeu como o veículo das massas, a televisão ainda engatinhava, empurrada pelo espírito empreendedor e delirante de Assis Chateaubriand. Reivindicações trabalhistas, denúncias sociais e manchetes sensacionalistas construíram o vínculo da **Última Hora**, d'**O Dia** e da **Luta Democrática** com as classes populares. Promoções, folhetins, histórias em quadrinhos, fofocas do rádio, a cobertura esportiva e a apropriação de temas (como a religiosidade) e mesmo da linguagem popular consolidaram este laço.

Na **Última Hora**, n'**O Dia** e na **Luta Democrática**, os elementos tradicionais do jornalismo popular foram potencializados (em graus diferentes em cada um dos três) pelos recursos dos veículos de massa. Como jornais de identificação com o povo e significativa penetração¹³⁵, eles constituíram – ao longo do segundo governo Vargas – elementos valiosos para a disseminação de um discurso político de feição populista.

3.3. Narrativa sensacionalista e construção do público (e)leitor: cultura popular e cultura política

O sensacionalismo foi elemento fundamental no desenvolvimento do mercado jornalístico. Mas foi, também, o alvo constante de críticos que acusavam a “mercantilização” da imprensa e os possíveis efeitos perniciosos das notícias sensacionais sobre a população. Já na década de 1930, por exemplo, o Centro Acadêmico Cândido de Oliveira, da Faculdade de Direito da antiga Universidade do Brasil, organizou uma campanha contra o sensacionalismo dos jornais. A iniciativa contou com conferências de nomes de destaque do cenário político e intelectual,

¹³⁵ No caso da **Luta Democrática**, a importância de sua circulação não era ainda numérica, como já notamos, e sim pelo caráter estratégico – para a liderança política à qual o jornal estava ligado – de sua área de atuação.

como Carlos Lacerda, Néelson Hungria, Anna Amélia Carneiro de Mendonça, Cecília Meirelles e Roquette Pinto. Em sua exposição, o jurista Roberto Lyra fez seu diagnóstico:

“O povo aprecia o sensacionalismo e a imprensa comercialmente o cultiva para tornar-se necessária. No jornal moderno a informação preteriu o conceito e o repórter rebaixou o articulista na estima metálica dos empresários, a gramática e o estilo cederam lugar à manchete, ao sub-título, à legenda, aos negritos, à técnica da paginação para o efeito gráfico. O paginador é o encarregado da vitrine e da sua arte. O que se quer é atrair o olhar do transeunte para o ponto do jornal. Os jornaleiros são, essencialmente, aqueles faróis da rua Larga que abraçam e puxam o transeunte, casa a dentro, como só se faz em certos lugares que facilmente acorrerão à malícia dos presentes.

(...)

O sensacionalismo é a expansão, o desabafo, o alívio, a função desatropiadora, a rebeldia, a exceção, a invulgaridade, é o sub-consciente coletivo escancarado nos seus mais ardentes e mais profundos esconderijos.”¹³⁶

Em 1951, o sensacionalismo seria tema de discussão na 1ª Conferência Nacional de Polícia, realizada no Rio de Janeiro. Oswaldo Silva, diretor geral da Secretaria de Segurança Pública de São Paulo, apresentou a palestra *“O sensacionalismo – fator de criminalidade”*, em que concluiu sobre a *“influência maléfica das notícias sensacionais sobre a infância e a juventude”* e a necessidade de se coibir *“o pregão escandaloso do noticiário criminal, por parte dos vendedores de jornal”*. Segundo a argumentação da autoridade policial, a *“narração detalhada de um crime produz nos predispostos um choque moral que os faz cair do lado para o qual eles já pendiam”*.¹³⁷

Mas o que explicaria o enorme interesse popular despertado pelas notícias sensacionais? Marialva Barbosa descreve o efeito de identificação provocado por tais narrativas. De acordo com a autora, “as

¹³⁶ Roberto Lyra, “Psicanálise do sensacionalismo” IN: Carlos Sussekind de Mendonça (org.), *Sensacionalismo*, Edição da Casa do Estudante do Brasil, RJ, 1933, pp.26-29.

¹³⁷ Oswaldo Silva, *O sensacionalismo – fator de criminalidade* (Tese apresentada à 1ª Conferência Nacional de Polícia, realizada no Rio de Janeiro, de 2 a 8 de dezembro de 1951), São Paulo, Tipografia do Departamento de Investigações, 1951. Agradeço ao professor Luiz Reznik a descoberta do documento.

tragédias diárias transportam para aqueles textos uma cidade real, composta de lugares e personagens identificáveis”. A narrativa sensacionalista, no entanto, mescla realismo e romance: “Não é a representação de dados concretos que produz o senso de realidade, mas é a sugestão de uma certa generalidade que dá consistência tanto aos dados particulares do real quanto aos do mundo fictício”. As notas sensacionais fazem do leitor um participante de realidades conhecidas bem como de ambientes obscuros ou mesmo fantásticos. “A edição fantasiosa, entretanto,” – alerta a autora – “deve ser apresentada dentro de determinados parâmetros, em que a verossimilhança é o principal deles”.¹³⁸

Nos jornais sensacionalistas, efetua-se a dramatização da experiência cotidiana da população, o que inclui não só os aspectos reais desta experiência, mas também os elementos subjetivos. É assim que manchetes como "*Vargas anuncia em Volta Redonda: ESTÁ MORRENDO O MUNDO DO EGOÍSMO E DA INJUSTIÇA*" e "*O diabo carregou o padre montado a cavalo nas costas*", ambas na *Última Hora* de 2 de maio de 1953, conviviam numa mesma página. E mesmo os fatos reais ganham uma dramaticidade que distingue os jornais populares dos chamados jornais “sérios”. Este apelo à emoção estabelece uma relação direta do público com o periódico, já que o leitor vê ali, descrito em cores fortes, um cotidiano que ele mesmo percebe como dramático.

A análise dos jornais *Última Hora*, *O Dia* e *Luta Democrática* durante o início da década de 1950 revela como o sensacionalismo foi um elemento central na aproximação destes jornais com as classes populares. Além da atrativa oferta de “sexo, crime e macumba”, o sensacionalismo acentuou o papel de “defensores do povo” encarnado pelos três, fazendo com que ocupassem um importante lugar de intermediação num contexto tensionado pelos problemas e demandas das massas populares.

¹³⁸ Marialva Barbosa, “Memória e recepção: lembranças do sensacional” IN: Luiz Gonzaga Motta ... [et al.], *Estratégias e culturas da comunicação*, Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2002, pp.68-69.

A "dramatização do cotidiano" realizada pela narrativa sensacionalista é resultado do processo de "folhetinização da notícia" observado por Marlise Meyer.¹³⁹ Conforme descreve Meyer, na imprensa sensacionalista a estrutura narrativa dos folhetins, que alavancaram as vendas dos jornais desde o século passado, expandindo o público leitor, estará presente também no noticiário. Nos anos 1920, este modelo já dominava a imprensa carioca. Como exemplo típico do noticiário folhetinizado, em 31 de dezembro de 1925 o jornal **A Manhã** (onde então Nelson Rodrigues era um jovem repórter da seção policial) trazia a manchete "*Egoísmo do noivo - atacado de um mal incurável, o noivo matou a noiva com uma navalha*":

"Judith não teve tempo de opôr o menor gesto de defesa, fora atingida na carótida, e o sangue, vivo, espalhou-se atapetando de vermelho o assoalho do pequeno aposento. A moça rodou sobre si mesma para cair, e levantar-se segundos depois e fugir, aos tropeços, tentando gritar, e não podendo, pois as palavras saíam conjuntamente com o sangue que escorria dos lábios do ferimento. Foi ao interior da casa e, desorientada, voltou sobre seus passos, indo baquear no portão da rua."

O fato policial é a matéria-prima por excelência da notícia sensacional, sendo o crime passional o tema de maior repercussão. Como na nota "*Apaixonou-se pelo professor... e morreu*", na **Última Hora** em 1951:

*"Ainda desabrochando para a vida, Iracema Batista Branco apaixonou-se perdidamente pelo seu professor. Contudo, abafava no recôndito de sua alma aquele amor impossível (...). Um dia o mestre ficou noivo e ela desesperou-se. Pensou na morte como único refúgio. E ontem, em sua própria residência, à rua 24 de Maio, 773, muniu-se de um vidro contendo veneno (...). Só na hora da morte é que contou o seu segredo."*¹⁴⁰

¹³⁹ Marlise Meyer, Folhetim: uma história, São Paulo, Cia. das Letras, 1996.

¹⁴⁰ Última Hora, 13/07/51, p.5.

Talhada para dialogar com um público policlassista, a *Última Hora* restringiu o apelo ao sensacionalismo a determinados espaços. Tal cuidado garantiu que o jornal não tivesse a feição “espreme e sai sangue” que caracterizaria *O Dia* e a *Luta Democrática*.¹⁴¹ No entanto, a preocupação com a parte elitizada de seu público não impediu que a *Última Hora* publicasse notícias sensacionais como “*Arrancou o coração da mulher, à faca, por dentro do peito*”¹⁴².

Na *Última Hora*, notícias sobre crimes, tragédias e acidentes apareciam nas seções *Polícia – Última Hora* e *Na ronda das ruas*, além das habituais reportagens. O cotidiano das pessoas humildes era ali registrado. No estilo sensacionalista, a dramatização da informação ora construía uma narrativa trágica, como a notícia sobre o aposentado que morreu na fila do benefício; ora cômica, como a história do marido que “desapareceu” durante alguns dias:

“Morreu antes de receber o benefício

*Havia duas horas que o ancião Manoel Raimundo de Souza, de 71 anos, estava na fila do Posto de Benefícios do Centro do IAPI, na rua de Santana, 63, esperando os 790 cruzeiros devidos à sua aposentadoria. Sua esposa, d.Rosa Alves de Souza, estava ao seu lado na fila, sob o calor sufocante. De repente, d.Rosa viu o marido cambalear e cair ao chão (...). O comissário Osvaldo Guimarães fez remover o corpo para o Instituto Médico Legal, enquanto d.Rosa retirava-se, inconsolável, para a sua residência num miserável barraco nos fundos da rua São Francisco Xavier, 576, sem o dinheirinho a que tem direito e que não lhe pôde ser pago.”*¹⁴³

“Dona Maria José era pior que o ‘Delicado’...

Manoel Alonso Carneiro, casado com a sra. Maria José Carneiro, proprietário de uma oficina de lanterneiro e pintura de automóveis (...), ficou

¹⁴¹ O jornalista Maurício Azêdo, que trabalhou na Última Hora, reconhece o sensacionalismo do jornal e o diferencia do “embrutecido noticiário policial” de O Dia e Luta Democrática. Segundo ele, a fórmula do jornalismo popular da Última Hora reunia “noticiário político, a informação sindical, a reportagem e o comentário esportivo e a cobertura policial ágil, audaciosa, revestida de pretensões romanescas”. Maurício Azêdo, “‘Nem JK, nem CL, nem 65’, manchete genial de Flávio” IN: Moacyr Werneck de Castro... [et al.], *A Última Hora de Samuel – Nos tempos de Wainer*, op.cit., p.133.

¹⁴² Última Hora, 17/03/53, p.9.

¹⁴³ *Na ronda das ruas*, Última Hora, 08/01/53, p.5.

*cheio. Sua esposa não lhe dava uma folga, nem o direito de uma cerveja geladinha no boteco da esquina. A autoridade de dona Maria José ia das panelas até aos orçamentos de pintura dos automóveis. (...)A autoridade de dona Maria José já lhe saía pelo 'ladrão'. Apanhou sua pasta (...)e saiu.(...) Veio a noite e com ela Alonso não veio. O dia seguinte raiou e nada do Alonso.”*¹⁴⁴

Também em **O Dia** e na **Luta Democrática**, os dramas particulares das pessoas humildes apareciam folhetinizados. Em **O Dia**, a prática chegou a originar a série de reportagens *Um romance em cada vida*, sempre sobre histórias reais, como na reportagem “*Bebia com saudade da filha que morrera*”.¹⁴⁵

Samuel Wainer confessou ter repugnância por fatos policiais. Mas o jornalista teve de sucumbir ao potencial comercial das manchetes sobre crimes.¹⁴⁶ De fato, observando as primeiras páginas da **Última Hora** no período, vemos que o recurso ao sensacionalismo esteve mais associado à atuação do vespertino como “defensor do povo”.

O sentido trágico construído pela narrativa sensacionalista enfatizava as denúncias da **Última Hora** relativas aos problemas sociais. O tom sensacionalista das suas primeiras páginas estava vinculado principalmente a notícias – políticas (como medidas tomadas por Vargas) ou outras (como acidentes na Central do Brasil) – relacionadas à vida dos trabalhadores, embora não excluísse o material policial ou mesmo fantástico.

Também as grandes reportagens da contracapa do primeiro caderno da **Última Hora** aliavam sensacionalismo e denúncia. Em 26 de junho de 1951, sob o título “*Cinco mil pessoas vegetam num montouro de lixo*”, a reportagem de página inteira de Edmar Morel expunha as condições degradantes da Favela do Esqueleto e reclamava por providências:

¹⁴⁴ Última Hora, 03/07/51, p.5.

¹⁴⁵ O Dia, 15/08/54.

¹⁴⁶ Samuel Wainer, *Minha razão de viver*, op.cit., pp.149-150.

“O ‘Esqueleto’ é um vil atentado à cidade. O prefeito precisa tirar cinco mil pessoas da lama e do lixo. É, antes de mais nada, um dever de humanidade.”¹⁴⁷

Já na primeira página da *Segunda Seção*, em abril de 1953, a notícia fantástica sobre a “mula sem cabeça” de Anchieta – com direito a foto do “monstro” – reforçava a exposição dos problemas daquele subúrbio, coletados pela *Tendinha de reclamações* da **Última Hora**:

“Em Anchieta, não há morador que chegue em casa depois da meia-noite, que não respeite a lenda da aparição da mula sem cabeça. E mesmo não acreditando, ele respeitará a lenda, pois se algum dia o monstro cruzar a sua frente, ele não poderá gritar pela polícia, que essa é insuficiente para tomar conta do próprio Distrito local.

Em Anchieta falta tudo: água nas casas, calçamento nas ruas, polícia, gás, telefone, luz. E eis porque uma mula sem cabeça como a da foto pode ser surpreendida às duas horas da tarde passando calmamente na porta do Comissariado... Bem. Evidentemente não é assim. Trata-se de um efeito fotográfico. Quando o nosso fotógrafo bateu a chapa o animal moveu a cabeça para o lado. Mas há muita gente que acredita. E de noite, com um efeito de luz...”

Na **Última Hora**, a denúncia das mazelas vividas pelos trabalhadores foi, no entanto, sempre atenuada pela afirmação do empenho do presidente Vargas e do próprio jornal na solução dos problemas. Além disso, no discurso da **Última Hora**, não só as ações mas também as idéias getulistas sinalizavam com a perspectiva de um futuro mais promissor. Daí, por exemplo, o destaque a iniciativas como os tribunais populares para o julgamento de crimes contra a economia popular.

Os casos de abuso nos preços dos gêneros eram enquadrados como crimes e de fato habitavam as páginas policiais do jornal. Na seção *Fala o povo na Última Hora*, eram frequentes as reclamações de populares de que de nada adiantava argumentar junto aos comerciantes infratores. Eram frequentes, também, as queixas quanto à ineficácia das

¹⁴⁷ Última Hora, 26/06/51, contracapa.

autoridades. Quando o presidente da República lançou a proposta da instituição de júris populares, a *Última Hora* não só realizou a experiência, como também deu grande destaque ao acontecimento.

Em *O Dia*, por sua vez, a carga dramática do sensacionalismo foi usada em toda a sua potência na afirmação de uma atualidade concebida como trágica. Já em seus primeiros dias de circulação, as manchetes das primeiras páginas – com a tradicional marca gráfica das letras garrafais – deixariam clara a postura do matutino:

“RONCANDO DE OLHOS ABERTOS – A tragédia de um povo que só tem existido para sofrer e pagar impostos – Uma luta que se inicia para reintegrar as classes populares na posse ampla da sua consciência e das regalias que lhes são devidas.”¹⁴⁸

“PRECISAMOS DE ORDEM! As tragédias clássicas da antiguidade perderiam a importância à vista da realidade carioca – Uma cidade entregue aos especuladores, aos ladrões de estrada, aos salteadores da honra das senhoras e senhoritas e transformada em palco de calamidade de tráfico.”¹⁴⁹

Os *Comandos Parlamentares* de *O Dia* também renderam manchetes espetaculares no encaminhamento de denúncias, como em abril de 1953, quando o repórter Villas-Bôas Corrêa, o ministro Antônio Balbino e os parlamentares Breno da Silveira e Frota Aguiar fizeram uma visita surpresa ao Manicômio Judiciário:

“CONDENADOS À MORTE – O governo pratica a eutanásia ilegal, enjaulando dementes ao relento”¹⁵⁰

O estilo sensacionalista adotado nas matérias dos *Comandos Parlamentares* chegou a causar embaraço ao jornalista Villas-Bôas Corrêa:

¹⁴⁸ O Dia, 05/06/51, p.1.

¹⁴⁹ O Dia, 10/06/51, p.1.

¹⁵⁰ O Dia, 01/04/53, p.1.

*“Com Tancredo Neves, ministro da Justiça do governo Vargas, visitamos de surpresa o SAM, Serviço de Assistência aos Menores. Chegara à redação a denúncia de que a diretora do internato de meninas, no Engenho de Dentro, espancava-as. Na presença de Tancredo Neves, descobrimos os porretes usados pela mulher para bater nas crianças (...). Encontramos internas com lesões e feridas. Tancredo Neves mandou fechar a casa na hora, transferiu as internas e eu consegui grande reportagem. Mas a manchete do dia seguinte dizia: ‘O pau roncava solto’. Durante um mês deixei de ir ao Ministério da Justiça, em busca de informações, para evitar encontrar-me com Tancredo.”*¹⁵¹

Em **O Dia**, os temas políticos e econômicos ficavam em segundo plano quando o secretário do jornal não conseguia extrair deles um impacto sensacional, como acontecia sempre com as matérias sobre crimes, tragédias e desastres.¹⁵² Nas reportagens dos *Comandos*, não só o estilo sensacionalista mas também os próprios acontecimentos sensacionais tiveram lugar. Em abril de 1953, os supostos milagres realizados pela imagem de uma santa em Vilar dos Teles e a intensa mobilização popular provocada renderam várias manchetes na primeira página de **O Dia**. Com a apreensão da imagem pelas autoridades, os *Comandos* entraram em ação, para que a santa retornasse ao seu altar.

No matutino de Chagas Freitas, a denúncias em defesa do povo eram o tema principal dos “zincos” das primeiras páginas, expondo os problemas e as tensões sociais. Como na primeira página do dia 7 de junho de 1951:

“VARÍOLA NA FAVELA DO ESQUELETO – Centenas de casos ameaçando de contágio Tijuca, São Cristóvão, Vila Isabel e São Francisco Xavier”

“O DESESPERO DA FOME – 300 mil flagelados cearenses perderam a paciência e ameaçam rebelar-se a qualquer momento”

¹⁵¹ Depoimento de Villas-Bôas Côrrea em Cícero Sandroni, op.cit.,p.43.

¹⁵² Cícero Sandroni, op.cit.,p.34.

Manchetes como estas conviviam na primeira página com o sensacionalismo “policial”, como em “*O monstro arrancou o coração da mulher pela cavidade abdominal*”.¹⁵³ Na página 3, a coluna *Na senda do crime*, escrita por Leopoldo Heitor, analisava os crimes noticiados. Curiosamente, a coluna do dia 26 de março de 1953 dedicou-se ao tema “*Sensacionalismo – fator de criminalidade*”. Segundo o autor, já não havia dúvidas de que “*o sensacionalismo exagerado, em torno de certos crimes, é capaz de despertar o apetite criminógeno[sic] nos indivíduos mal orientados, projetando-os na senda do crime*”. Por outro lado, avaliava o colunista, “*aos bem orientados [o sensacionalismo] se presta como excelente incentivo para que continuem a trilhar na vida a boa estrada*”.

Indo além, a argumentação reforça o suposto caráter pedagógico do sensacionalismo, além de apontá-lo como uma verdadeira “arma do povo”:

“(…) o sensacionalismo aparece à população com as cores mais vivas das tragédias humanas de cada dia, e a alerta. O mais importante dos papéis que representa, contudo, é o de força propulsora que compele as autoridades policiais a encontrar solução para todos os mistérios (...). Através dele as referidas autoridades sentem o reflexo da vontade imperiosa do povo, que exige soluções, que não tolera os enigmas.”¹⁵⁴

Na *Luta Democrática*, o “diretor redator-chefe” Hugo Baldessarini, com a autoridade de seus “vinte anos de advocacia criminal”, escrevia a coluna *Retrato do crime*, cujo objetivo era fazer a “*profilaxia da moléstia*”. No texto de apresentação da coluna, no primeiro número do jornal, Baldessarini fez também a apologia do caráter construtivo do sensacionalismo:

“*Falaremos (...) ao irracional que habita no criminoso ou naquele que se acha próximo do crime, utilizando-nos, para sermos eficientes, da linguagem*

¹⁵³ O Dia, 17/03/53, p.1.

¹⁵⁴ Grifo meu.

denominada sensacionalista, mas é claro que faremos um sensacionalismo diferente, todo ele destinado a alertar o racional através do irracional, de sorte que combateremos o crime procurando despertar, no indivíduo, os últimos resquícios de virtude que todos nós possuímos, na superfície ou na profundidade de nosso espírito.”¹⁵⁵

Se por um lado é difícil acreditar no caráter pedagógico de manchetes como “*Depois de matar a golpes de martelo – Despiu a esposa e arrancou-lhe as víceras com as mãos*”¹⁵⁶, por outro é visível a potência do sensacionalismo da **Luta Democrática** na construção da imagem do jornal e de seu líder, o “Homem da Capa Preta”, como “defensores do povo”, em manchetes de tom moralizante como “**MUITA ORGIA E POUCA ESCOLA – Mais de 100 mil crianças sem instrução no DF**”¹⁵⁷.

Na **Luta Democrática**, assim como em **O Dia** e na **Última Hora**, os recursos do sensacionalismo eram empregados na formação de consensos sobre a realidade política. Num quadro de disputa entre diferentes práticas populistas, os três veículos tinham o objetivo imediato de garantir seu eleitorado. Independente da concretização de tal meta, estes jornais contribuíram para a composição do entendimento político do público leitor. Ligados a lideranças políticas, participaram da interpelação populista às massas, veiculando os temas que marcaram o processo de sua inclusão à cena política. Neste quadro, em seu estilo e conteúdo, a imprensa sensacionalista exerceu uma dada pedagogia política, participando da construção da noção que os leitores tinham da sua cidadania.

Para além dos fatos que cotidianamente compõem a pauta destes jornais, eventos extraordinários como eleições, greves, conflitos na Central do Brasil e manifestações contra a desapropriação de favelas, para citar alguns, potencializam a visão das disputas entre diferentes práticas populistas em torno de sua legitimação.

¹⁵⁵ *Retrato do crime*, Luta Democrática, 03/02/54, contracapa. Grifo meu.

¹⁵⁶ Luta Democrática, 10/08/54, p.1.

¹⁵⁷ Luta Democrática, 26/02/54, p.1.

Na forma como tais eventos são tratados nesta imprensa popular, sensacionalista e ligada a liderança populistas, é possível perceber, para além do embate entre as diferentes facções partidárias, o teor de um discurso político que se constrói e se dissemina através dos jornais. Um discurso que constrói, no entendimento do público leitor, os limites do comportamento político ou, dizendo de outra forma, as possibilidades de ação em determinado contexto.

3.3.a) *O quebra-quebra na Central e o caso da desapropriação do Morro da União:*

Maurício Abreu, em seu livro sobre a *Evolução urbana do Rio de Janeiro*, chama a atenção para as "contradições populistas" que marcam o desenvolvimento da cidade, especialmente no período entre 1950 e 1964. Se, por um lado, o incremento industrial e os direitos trabalhistas estimularam a migração para a capital, por outro lado este adensamento populacional resultou em problemas de habitação, transporte e abastecimento.¹⁵⁸

A década de 1940 fora um período de proliferação de favelas no Rio de Janeiro, que haviam ocupado a Zona Sul mas principalmente os subúrbios, contribuindo para o intenso adensamento populacional destas áreas. O crescimento tentacular da cidade, em parte determinado por condicionantes físicos, havia resultado no aumento das distâncias entre local de trabalho e residência, exigindo deslocamentos cada vez maiores da força de trabalho. Tal crescimento não fora acompanhado, entretanto, da melhoria do transporte coletivo de massa, principalmente do transporte ferroviário. Segundo Maurício Abreu, as contradições da ocupação do solo da cidade teriam se intensificado principalmente a partir de meados da década de 1950.¹⁵⁹

¹⁵⁸ Maurício Abreu, *Evolução urbana do Rio de Janeiro*, IplanRio, RJ, 1997 (3ª edição), pg.94.

¹⁵⁹ Idem.

Nas páginas de **O Dia**, **Última Hora** e **Luta Democrática** os problemas de habitação e transporte, que afligiam as camadas populares ao longo da década de 1950, eram alguns dos temas fortes de seu noticiário, como nas reportagens dos *Comandos de O Dia* e na seção *Fala o povo na Última Hora*. Manchetes como "O Morro do Simão em polvorosa - Descem sobre a Guanabara os moradores da favela famosa, ameaçados de ficar sem teto (...)" (**O Dia**, 05/06/51) e "Correm os trens da Central sobre os trilhos da morte" (**O Dia**, 05/05/54) apontavam para a gravidade de tais questões, cuja resolução tornava-se moeda política nas mãos das lideranças populistas.

A defesa da melhoria das condições de vida do trabalhador brasileiro estava nas primeiras páginas de **O Dia** e da **Última Hora**, quando em janeiro de 1953 ocorreram graves incidentes na Central do Brasil. Entre os dias 2 e 6 de janeiro, seguiram-se conflitos entre passageiros e guardas ferroviários, deflagrados pelos atrasos dos trens. O quebra-quebra foi notícia em toda a imprensa carioca.

No dia 3 de janeiro, **O Dia** trazia no alto de sua primeira página a manchete "PROVOCA CONFLITO A ANARQUIA NO TRÁFEGO DA CENTRAL - Depredados três trens e vários suburbanos espancados pela polícia - O coronel Sousa Gomes alega a demora dos recursos pedidos ao Governo para reaparelhar a ferrovia - Protesto de passageiros contra a implantação do regime do porrete nas plataformas de D.Pedro II". Na **Última Hora** do mesmo dia, a manchete no canto inferior da primeira página enfatizava a violência dos policiais: "Decisão do chefe da polícia e do diretor da Central: SERÃO PUNIDOS OS GUARDAS QUE MALTRATARAM O POVO".

Eis como **O Dia** descreveu o incidente, na primeira página:

"Passageiros e guardas da Central do Brasil estiveram, ontem, à noitinha, em conflito. Era a hora do retorno dos suburbanos ao lar, após um exaustivo dia de trabalho. Como sempre, os trens estavam atrasados. Na plataforma cinco, a espera longa começou a enervar o pessoal. Um rapaz, então, pôs-se a reclamar contra a balbúrdia do tráfego. Um guarda entendeu que ele estava fazendo "onda" e o repreendeu, daí nascendo um incidente que terminou em grossa

pancadaria. Os guardas 45, 264 e 237, respectivamente, Homero da Silva, Paulo Carvalho Mendonça e Luís Gonzaga Campos Torres, entraram em ação contra vários passageiros irritados. A balbúrdia cresceu, estendeu-se a exaltação à plataforma número 5. A borracha "cantou" e houve, conseqüentemente, pedradas e pauladas. Houve a intervenção de outros policiais e no final da confusão 14 populares estavam presos, com ferimentos pelo corpo. Os três primeiros guardas, por sua vez, apresentavam algumas contusões. Houve, como é natural, carreiras e gritos de mulheres e crianças, comparecendo ao local duas guarnições da RP¹⁶⁰."

Tanto **O Dia** como a **Última Hora** criticaram a ação dos seguranças da Central, que reprimiram com violência o protesto dos passageiros contra os frequentes atrasos dos trens, sua má conservação e o excesso de lotação. Já a versão do **Diário Carioca**, para citar uma outra visão, responsabilizou os populares pelo conflito. Segundo o jornal, "*só a muito custo foi possível restabelecer a ordem porque os operários, empunhando garfos e facas de suas marmitas avançavam contra os policiais furiosamente*".¹⁶¹

O Dia e **Última Hora** escutaram o coronel Eurico de Sousa Gomes, diretor da Central, que responsabilizou o ministro da Fazenda, Horácio Lafer, por não liberar o câmbio para a importação de equipamentos. A defesa dos passageiros, em **O Dia** e na **UH**, marcou sua posição como intermediários políticos. Assim, na **Última Hora**, paralela à denúncia da violência contra os populares, o noticiário apontou a política governamental de Vargas como a solução para o problema. Enquanto isso, nas páginas de **O Dia** eram publicadas críticas variadas ao governo e às autoridades.

Tal como se o jornal fosse uma delegacia, os passageiros correram à redação de **O Dia**. Fotos registraram o ato da queixa ao repórter:

"Á nossa redação, pouco depois do conflito, compareceram as comerciárias Daura de Magalhães (rua Miguel Rangel, 100, em Cascadura),

¹⁶⁰ Rádio-Patrolha.

¹⁶¹ "Povo e polícia em conflito na Central", *Diário Carioca*, 03/01/53, p.1.

Neny Gil Nunes (*Estrada Marechal Rangel, 319*) e o rodoviário João Teodoro de Sá (*Avenida União, 1411, em Mesquita*), que vieram protestar contra as frequentes arbitrariedades policiais na Central". (*O Dia*, 03/01/53)

O jornal saiu em defesa dos protestantes: "*Tira-se tudo do passageiro (conforto, horário certo, além do desvio de vagões para São Paulo) e ainda se lhe impõe o regime do porrete, tão ao gosto dos governos policiais*". No dia seguinte, a manchete principal de *O Dia* tratou da continuidade dos conflitos ("*Três conflitos em menos de 24 horas na Central do Brasil*"). Oito fotos ocupavam o centro da primeira página, com imagens dos passageiros feridos que falaram ao repórter de *O Dia*. A dramaticidade da cobertura sobre os incidentes contrastava com declaração de Vargas, feita em banquete oferecido pelas Forças Armadas e publicada em um canto inferior da mesma primeira página: "*Somos um povo pacífico e ordeiro que só compreende viver em liberdade*".

Durante os dias dos incidentes na Central, a ordem na redação do porta-voz do getulismo, parece ter sido não a de minimizar a violência aos trabalhadores, mas enfatizá-la, dando ao presidente da República o monopólio da solução do problema. Assim, no dia 6 de janeiro, ao lado da manchete "*O drama de uma população sem transportes - CENTRAL: MORTE NO TREM E NA PLATAFORMA*", a *Última Hora* publicou também o que parecia ser o anúncio da salvação: "*Atenda-se já aos reclamos do povo - VARGAS INTERVÉM NO DRAMA DA CENTRAL!*". O texto ressaltava ainda a "*oportunidade da iniciativa da Última Hora, procurando o diretor da Central do Brasil para uma entrevista, que tanta repercussão alcançou, num momento em que a situação da nossa principal ferrovia adquiria aspectos dramáticos*".

A intermediação política que estes jornais se atribuíam foi por eles capitalizada na direção das lideranças às quais estavam vinculados. A *Última Hora* preparou o terreno para a ação de Vargas, que, exercendo os poderes do Executivo, "*ordena ao ministro da Fazenda que mande conceder imediatamente as cambiais necessárias para a compra do material indispensável ao reequipamento da Estrada de Ferro Central do Brasil*". No dia 8, a *Última Hora* anunciou em manchete: "*24 milhões de*

dólares: reequipamento imediato das linhas suburbanas – 300 NOVOS TRENS PARA A CENTRAL!". No dia 12, foi publicada uma nota na primeira página. Segundo o jornal, "*repercutiu favoravelmente*" a notícia da ordem de Vargas para a compra dos novos trens, anunciada em cartazes distribuídos na Estação Pedro II.

O noticiário de **O Dia**, por sua vez, conjugou a defesa da melhoria das condições de vida das classes populares à responsabilização do governo pelas dificuldades vividas por estes grupos. Na primeira página do dia 4 de janeiro, ao lado da manchete sobre os conflitos na Central, o jornal publicou com alarde: "*O PROBLEMA DA HABITAÇÃO SE AGRAVARÁ TERRIVELMENTE EM 1953 - A menos que o governo altere totalmente sua política da casa própria*". O texto advertia:

"Vamos começar um novo ano com os mais graves problemas da população carioca ainda à espera de solução. Já não queremos falar no transporte, na água, no abastecimento, setores nos quais as dificuldades crescem ao invés de diminuir com a passagem dos dias. Queremos apenas examinar a questão da habitação, que constitui um drama indescritível para cerca de um terço da população do Rio. (...) Não são apenas os favelados que integram a imensa legião dos que clamam incessantemente por uma casa melhor. Também os moradores de "cabeças-de-porco", os que habitam em barracos improvisados nos recantos mais afastados do Distrito são outras tantas vítimas desse estado de coisas, que aí está a desafiar a ação realizadora do governo".

Nas primeiras páginas de **O Dia** e da **Última Hora**, a gravidade dos conflitos na Central do Brasil concorreu em espaço e destaque com as manchetes sensacionais que versavam sobre sexo e crime. "*Apunhalou o benfeitor*", "*Assassinou o militar na disputa da herança*", "*Chicote - a arma infamante com que o jóquei castigou a esposa*" e "*Fugiu de casa a menina loura - Tinha um namorado mas falava frequentemente em ser freira*" são exemplos de matérias que disputavam a atenção do leitor. Para além das reportagens sensacionais, concursos com premiações promovidos pelos jornais e matérias sobre o carnaval que se aproximava (como a reportagem "*Você pensa que cachaça é água*", sobre os prováveis

sucessos carnavalescos), para citar alguns exemplos, compunham o apelo popular destes jornais.

As manchetes gritantes, as fotografias dramáticas e o texto "folhetinizado" que caracterizavam as reportagens sensacionais foram também a roupagem de assuntos outros, como é o caso do quebra-quebra na Central. A linguagem empregada diferia daquela usada pelos jornais "sérios" e revela para nós o esforço do jornal de participar do universo popular. Assim, "*a borracha cantou*" foi a imagem utilizada por **O Dia** para descrever a violência dos seguranças, no incidente ao qual o jornal também se referiu como "*o sururu*" ("*Falando a uma emissora carioca, momentos após o sururu, o coronel Eurico de Sousa Gomes alegou (...)*", 03/01/53). Em 7 de janeiro, o jornal debochou em manchete das acusações entre o diretor da Central e o ministro Horácio Lafer: "*Brigam as comadres e descobrem-se as verdades*".

Na imprensa sensacionalista, o noticiário será folhetinizado, dramatizando o cotidiano. Diferente do relato construído pelos chamados jornais "sérios", a narrativa sensacionalista ressalta não só os aspectos objetivos do fato, mas também aqueles subjetivos, que passam inclusive a ter maior relevância:

*"Ao transpor a realidade para a narrativa, o autor das notas sensacionais contrói, na verdade, personagens e representações arquetípicas. Quando consegue isso produz uma narrativa que representa a existência, atingindo diretamente o público."*¹⁶²

Em 6 de janeiro de 1953, face aos contínuos conflitos na Central do Brasil, a **Última Hora** publicou a matéria "*O drama de uma população sem transportes - CENTRAL: MORTE NO TREM E NA PLATAFORMA*". Sob o subtítulo *A volta ao lar*, um exemplo do cotidiano dramatizado, folhetinizado:

"Dezoito horas. Operários que deixam a fábrica, escolares que regressam dos ginásios e colégios, funcionários públicos que já assinaram o ponto da repartição. O lar, nem sempre doce, os espera no subúrbio. Estão todos

¹⁶² Marialva Barbosa, "Memória e recepção: lembranças do sensacional" IN: Luiz Gonzaga Motta ... [et al.], *Estratégias e culturas da comunicação*, op.cit., p.68.

ansiosos por regressar. A mocinha de olhos amendoados terá um namorado de jardim, o rapazola que vai penetrando a adolescência tem um mundo a descobrir. Estão todos juntos, ocasionalmente, mas os seus problemas, anseios, aspirações e desejos são diversos e talvez desencontrados. A estação os confunde e identifica a todos, momentaneamente. Súbito, a composição aponta, na curva mais próxima.

E o espetáculo é selvagem. Mal o trem pára, toda aquela gente se desloca como impelida por uma mola. (...)

A atmosfera entre passageiros e guardas, na estação central, é de animosidade permanente, e um conflito, ou um motim, está sempre na iminência de gerar-se. (...)"

Na **Luta Democrática** de 2 de julho de 1954, a matéria "*Daqui não saio, daqui ninguém me tira... Dormiram na Câmara dos Vereadores os favelados - cenas de desespero - Crianças gritando com fome - peregrinação chocante - Será votado hoje o projeto de desapropriação do Morro da União*" trazia à tona outra questão tão frequente na pauta dos jornais populares quanto o transporte coletivo: a habitação popular. A notícia folhetinizada acentua o drama, elege heróis e vilões e constrói mesmo uma lição moral para a história (neste caso, a condenação dos maus políticos):

"(...) Tudo isto aquela pacata gente suportou heroicamente, ressaltando-se que nem mesmo os maus conselhos de elementos reconhecidamente extremistas fizeram com que descambassem para a agitação, aceitando os acontecimentos com a máxima calma. (...) Gritavam com fome as crianças, enquanto as mães davam aos de colo seus seios ressequidos. Eram quadros que todos viam, menos alguns vereadores, que mostravam certa repulsa ao subirem as escadas, tendo de atravessar por entre aqueles farrapos humanos. Houve mesmo representantes do povo que aconselharam o presidente Levi Neves a solicitar a Polícia Especial, para escorraçar da Casa aquela humilde gente à qual amanhã irão pedir votos".

Na *Última Hora* do mesmo dia 2 de julho de 1954, a primeira página expunha fotos enormes da ocupação da Câmara pelos favelados. As legendas reforçavam a dramaticidade do episódio mostrada pelas imagens:

"Crianças esqueléticas, senhoras em estado interessante, mulheres cadavéricas e doentes... Desceram o Morro da União e vieram impressionar os vereadores para que votassem a favor da desapropriação do morro. Mas o projeto não foi votado. Os moradores continuarão dentro da Câmara até que lhe seja dado um destino."

"Na comunidade do morro, todos são irmãos, porque o morro é chão de pobre. E para mostrar quantas criancinhas vão ficar no desamparo, aqui estão os garotos numa dependência da Câmara dos Vereadores. Lá no plenário discutia-se, discutia-se... enquanto as crianças choravam nas escadarias..."

Em 3 de julho, *O Dia* anunciou em manchete na primeira página: *"Venceram os favelados: desapropriado o morro"*. No dia seguinte em seu editorial, sob o título *"O dever de um governo digno"*, *O Dia* participava da retórica oposicionista que desfazia a imagem de um Getúlio afinado com os anseios populares. Mas para além da disputa política que dá origem a tal estratégia, o texto revela as tensões inerentes à interperlação populista às massas populares:

"(...) as classes humildes estão fartas de palavrórios inúteis e dispostas a fazer sentir aos responsáveis as injustiças e iniquidades de que são vítimas e a reclamar o quinhão que lhes cabe na vida social. Não diga o Governo, como tem feito em outras oportunidades, que a descida dos moradores dos morros das favelas cariocas até o asfalto da Avenida Rio Branco foi mera obra de 'oposição sistemática'. Não! Desta vez, pelo menos, ponha ele a mão na consciência e procure compreender o sentido exato do fenômeno.

De resto, foi o próprio sr. Getúlio Vargas quem anunciou, num dos seus discursos de rádio, que o povo saberia fazer 'justiça pelas próprias mãos' se lhe continuassem a ser recusados os direitos mínimos a uma existência menos amarga e mais humana. A profecia ainda não se realizou de todo, e peçamos a Deus que não se realize jamais, mas o que não pode ser negado é que o povo já está nas ruas, ainda suplicante, ainda a pedir favores e generosidades, ainda

envolto naquela timidez que lhe tem caracterizado as reivindicações, mas já disposto a não confiar cegamente em promessas e não abandonar a trincheira enquanto não fôr atendido. Felizmente, os favelados não tiveram de ir além da Câmara Municipal, onde puderam ser atendidos e mereceram o tratamento simpático e cordial de uma hospedagem que honra a mentalidade política dos legisladores cariocas. Ocorreria o mesmo se a sua viagem tivesse por destino o Catete? Não cremos. (...)

*O Governo, porém, precisa compreender com urgência a necessidade de quebrar a muralha que o separa da multidões e vir ao seu encontro, descer às ruas, subir aos morros, ao menos para que não se iluda por mais tempo com a sua política infensa aos interesses da massa e a que esta já pagou um tributo muito acima de sua capacidade.*¹⁶³

Capital da República, o Rio de Janeiro tinha os seus problemas locais amplificados pelo fato de ser o palco principal da representação da política nacional. No início dos anos 1950, o problema da proliferação das favelas era uma pauta frequente em toda a imprensa carioca. Uma imprensa que, parafraseando o slogan do **Diário Carioca**, falava “do Rio para todo o Brasil”. Em dezembro de 1951, um jornalista de **O Globo** chegou a morar um mês em um dos morros do Rio para escrever uma reportagem. A expansão das favelas, problema urbano real e preocupante, era também uma expressão concreta das dificuldades do processo de incorporação das massas aos direitos sociais.

Em 1953, **O Dia** fez uma série de reportagens, chamada “Morros e favelas do Rio”. Sob o título “Mangueira pediu socorro mas ninguém quis escutar”, o jornal relatou as dificuldades da vida no morro. Um morador reclamou: “- Dizem que aqui só mora malandro. Mas é uma infâmia. A maioria dos moradores de Mangueira é de gente que trabalha; gente que dá duro de dia e de noite”.¹⁶⁴ A reclamação aponta para a reivindicação de uma cidadania que se afirma pelo trabalho. Várias reportagens denunciaram a violência policial usada contra os moradores dos morros, configurando os limites da cidadania daquele grupo. Como na manchete

¹⁶³ Grifo meu.

¹⁶⁴ O Dia, 17/03/53, p.5.

de **O Dia** em 26 de julho de 1951: “*ESTÃO ENXOTANDO OS POBRES DA ZONA PRIVILEGIADA DA CIDADE – Outra favela será despejada hoje, sob ameaças de violências*”.

Apenas dois dias antes, a **Última Hora** havia publicado matéria sobre outro despejo, dessa vez na Favela do Pau Rolou, entre o Cais do Porto e a Central. Um morador explicou o nome: “*Reclamou, pau rolou*”. A reportagem da **Última Hora** dizia que as autoridades não estavam combatendo as favelas e sim os favelados, “*como se fossem combatentes de nação inimiga...*”.¹⁶⁵

Mas o jornalismo popular encarnado por **Última Hora**, **O Dia** e **Luta Democrática**, a despeito do seu empenho na defesa das classes populares, construiu diferentes representações do povo. Em sua diversidade, tais imagens revelam as contradições sociais vividas naquele momento e expressam uma cultura política que atribuía valores ambíguos ao “povo”, ora colocando-o na marginalidade, ora “salvando-o” dela. Revelam, assim, as dificuldades da inclusão política de grupos que estavam socialmente à margem.

Em um jornal de grande apelo sensacionalista como a **Luta Democrática**, por exemplo, as representações arquetípicas características daquele tipo de jornalismo ora dignificavam a imagem do povo, ora o transformavam em uma caricatura. A apropriação de elementos da cultura popular feita pelo noticiário revela isso. Se por um lado a valorização das práticas religiosas populares, como a umbanda, tentaram instituir um vínculo de identificação entre o jornal e seu público através da criação de colunas específicas e reportagens; por outro, as referências aos seus praticantes no noticiário policial revelou representações preconceituosas, caricatas. Como na matéria “*A macumba terminou no distrito*”, da **Luta Democrática**:

“Bizarramente pintadas, ostentando as marcas indizíveis do atraso em que vivem, cinco mulheres, entre elas três menores, sujeitavam-se às ordens estapafúrdias de Antonieta Nascimento, chefe do ‘terreiro’ (...) em Cordovil, onde as mesmas cumpriam as últimas obrigações para serem consideradas ‘babalaô

orixá'. (...) Fitas de várias cores, pulseiras de metal inferior completavam a paramenta estranha tornando as candidatas ao título de 'babalaô orixá' em macabras figuras. (...) A ação policial prendeu-se unicamente ao fato da presença de menores na cerimônia e devido aos macumbeiros não respeitarem o sossego da vizinhança.”¹⁶⁶

Mais comedida no recurso ao sensacionalismo, a **Última Hora** também explorou o exotismo da umbanda, resguardando, no entanto, os direitos de seus praticantes, distinguindo entre o “baixo espiritismo” de mistificadores e as práticas legítimas. A reportagem de contracapa “*Maldição e morte nos misteriosos terreiros de Ogum*”, de J. Montenegro, falava das “maldições” lançadas por “macumbeiros” contra os policiais da Seção de Tóxicos e Mistificações do Departamento Federal de Segurança Pública. Mas trazia o alerta de um dos detetives:

*“Precisamos combater a magia negra, principalmente quando constitui infração. Todavia é indispensável tratamento humano para com os infratores, conforme determina a lei.”*¹⁶⁷

No relato das manifestações espontâneas das classes populares, é perceptível, nestes jornais, a convivência entre representações de racionalidade e de irracionalidade. O protesto dos trabalhadores na Central do Brasil era legítimo, porém resultava em violência. A ocupação da Câmara pelos favelados também era justa, mas realizava-se como um ato de desespero.

A retórica populista presente nos jornais **Última Hora**, **O Dia** e **Luta Democrática** articulou permanentemente a tensão entre imagens de harmonia e de conflito social. A afirmação do povo pacato contrapunha-se a possibilidade de irrupção da violência pela ação de elementos extremistas ou como resultado da insensibilidade da classe política. A imagem do conflito, por sua vez, contrapunha-se o papel central do líder

¹⁶⁵ “Os favelados não têm para onde ir”, *Última Hora*, 24/07/51, p.4.

¹⁶⁶ *Luta Democrática*, 10/02/54, p.5.

¹⁶⁷ *Última Hora*, 24/07/51, contracapa.

político como conciliador. Fiel à necessidade de falar a um público amplo e policlassista, o discurso populista administrava os limites, as fronteiras, tentando articular simultaneamente o reconhecimento e o controle da força popular.

Tal como entendemos, os jornais conformam uma comunidade argumentativa. Vistos como atos de fala ou *performances*, os diferentes textos jornalísticos em questão compoem um contexto discursivo. A visão desta intertextualidade revela um universo de temas, convenções e consensos norteadores do entendimento que os leitores têm do momento em que vivem. Criados para dar apoio e visibilidade às práticas políticas de lideranças populistas, a *Última Hora*, *O Dia* e a *Luta Democrática* articularam, cotidianamente, os elementos do discurso populista, recorrendo a um conjunto de imagens retóricas.

A atuação destes jornais, no entanto, não deve ser vista de forma puramente instrumental, onde as idéias são usadas no sentido de legitimar as ações. Demarcando a função normativa da linguagem (as palavras não apenas descrevem, mas ao descreverem também valoram as ações), Skinner argumenta que o problema de um agente que deseja legitimar sua ação não deve ser percebido apenas como a questão instrumental de adequar sua linguagem normativa no sentido de servir aos seus projetos, mas também como a questão de talhar seus projetos dentro da linguagem normativa disponível.

Desta forma, a recuperação dos termos do vocabulário disponível ao agente para a descrição de seu comportamento político indica também os limites deste comportamento. O contextualismo linguístico de Skinner aparece como o caminho para a observação não só dos argumentos apresentados por determinado texto, mas também das questões às quais este texto tenta responder, e até onde ele está aceitando e reforçando, ou atacando e mesmo ignorando, os pressupostos e as convenções que regem o debate político.

No contexto do segundo governo Vargas, a retórica populista, compartilhada por diferentes lideranças carismáticas (Ademar de Barros, Tenório Cavalcanti, Jânio Quadros e o próprio Getúlio) tentou responder

ao impasse entre as transformações econômicas, a mobilização social e a manutenção da ordem democrática.

3.3.b) *A greve dos 300 mil, a eleição de Jânio e o aumento do salário mínimo:*

Conforme descreve Maria Celina d'Araújo, durante os anos de 1951 e 1954, o país esteve tensionado por práticas populistas, de direita e esquerda, visando à mobilização das massas; pela ação de chefes militares, sedentos por exercer um papel salvacionista para a sua pátria; e por ideologias econômicas polarizadas, opondo nacionalismo, como sinônimo de soberania e riqueza, a internacionalismo, concebido como submissão ao imperialismo norte-americano. *“Some-se a todas essas polarizações o fato de estarmos em plena guerra fria, o que, para o continente latino-americano, significou radicalizações ideológicas muitas vezes com graves consequências”*, escreve a autora.¹⁶⁸

“Em meio a tantas disjuntivas”, continua Maria Celina d'Araújo, *“Vargas tentou buscar o difícil caminho do meio. Sua credibilidade política estava, porém, indelevelmente marcada pelo passado de ditador que rasgara duas Constituições. Ou seja, agravando o quadro ideologicamente tenso em que o governo operava, havia uma crise de confiança, mesclada pelo descrédito das oposições em relação a Vargas e pela suspeita deste quanto a um possível golpismo de seus opositores”*.¹⁶⁹

O ano de 1953 foi marcado por uma crescente tensão política e social. Vargas adotara uma política cautelosa em relação às reivindicações populares. Em janeiro sancionou nova lei de segurança nacional, que punia a realização de comícios não autorizados pela polícia. Entretanto a inflação e a consequente elevação acelerada do custo de vida levaram a uma série de greves de trabalhadores. A primeira foi a dos

¹⁶⁸ Maria Celina d'Araújo, “Nos braços do povo: a segunda presidência de Getúlio Vargas” IN: Maria Celina d'Araújo (org.), *As instituições brasileiras da era Vargas*, RJ, EdUERJ/Ed.FGV, 1999, pp.97-98.

¹⁶⁹ Idem.

operários têxteis, em janeiro de 1953, no Rio de Janeiro, que exigiram um aumento salarial de 60%. Com a mediação do governo, conseguiram 42% de aumento. De imediato, as associações comerciais e industriais manifestaram sua preocupação com a política econômica e a liberdade de ação concedida aos sindicatos.¹⁷⁰

Teoricamente, Getúlio ainda contava, no início de 1953, com o apoio dos três partidos que integravam a maioria parlamentar: o PSD, o PTB e o PSP. Na prática, porém, alguns segmentos do PSD e do PSP de Ademar de Barros retraíam-se na sustentação do governo. Enquanto isso, Vargas estava rapidamente perdendo suas bases populares. Prova disto foi a surpreendente vitória de Jânio Quadros nas eleições para a prefeitura de São Paulo, em março de 1953. Jânio empolgou o eleitorado com sua retórica moralista, expressa no slogan “*O tostão contra o milhão*”, prometendo castigar os corruptos e todos os responsáveis pela crise. A vitória de Jânio representou um sério desgaste para o governo federal.¹⁷¹

A campanha eleitoral havia mobilizado intensamente a população da capital paulista, que pela primeira vez escolheu diretamente o seu prefeito. Jânio Quadros, na época deputado federal, foi apoiado apenas por dois pequenos partidos, o PDC e o PSB, e por uma facção do PTB. O candidato oficial do PTB era Francisco Cardoso, secretário de Saúde de Lucas Garcez, apoiado pelo governador paulista e uma ampla coligação partidária que incluía o PSP, o PSD e a UDN.¹⁷² Ademar de Barros, no entanto, impossibilitado de lançar uma candidatura exclusivamente pessepista, atuou no sentido de esvaziar a campanha de Francisco Cardoso, tendo inclusive dado apoio financeiro a Jânio.¹⁷³

Já em junho de 1951, quase dois anos antes, Medeiros Lima, comentarista político da *Última Hora*, havia anunciado em sua coluna:

“Os resultados das próximas eleições municipais de São Paulo poderão desempenhar um papel da maior importância no desenvolvimento da política

¹⁷⁰ Alzira Alves de Abreu (coord.)...[et al.], Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro, op.cit., p.5961.

¹⁷¹ Ibid., pp.5961-5962.

¹⁷² Idem.

¹⁷³ Ibid., p.545.

interna brasileira. (...) em São Paulo vai se travar o primeiro choque entre as chamadas forças populistas. (...) Há entre as correntes que se aglutinaram em torno do ex-governador paulista [Ademar de Barros] duas tendências bem acentuadas: uma que considera inevitável o rompimento futuro com Vargas e outra que deseja manter até o fim as melhores relações com ele.(...) Não é difícil se prever qual será o caminho do PSP no decorrer dos acontecimentos. O PSP é um partido que se prepara para comandar no futuro a agitação contra o governo, sobretudo se este fraquejar na solução dos grandes problemas que afligem a nação e em particular as grandes massas populares.”¹⁷⁴

A análise das páginas da *Última Hora* e de *O Dia* nos possibilita ver como, em suas formas retóricas, seu vocabulário, sua gramática e seus paradigmas, o populismo constituiu uma prática e um idioma político. A observação do vespertino getulista e do matutino ademarista logo após as eleições municipais em São Paulo permite perceber não só o processo de afastamento entre Vargas e Ademar de Barros (ainda que este afastamento não fôsse admitido), mas também a articulação do idioma populista na construção da legitimidade popular de cada um destes líderes e na desqualificação dos concorrentes.

No início da década de 1950, o próprio uso das palavras “populismo” e “populista” revelava a existência de um consenso acerca das premissas que constituíam esta prática e este idioma. Na linguagem da oposição, o adjetivo “populista” ainda não carregava o valor pejorativo e ofensivo que viria a obter mais tarde.¹⁷⁵ Populista aparecia como sinônimo de popular, de algo identificado com as massas, ou seja, a grossa fatia da população posicionada no andar inferior da pirâmide social. Como no texto da coluna *Dá licença para um aparte?* de *O*

¹⁷⁴ *Última Hora na política*, Última Hora, 23/06/51, p.3. Grifo meu.

¹⁷⁵ “Os termos ‘populista’ e ‘populismo’ existiam no vocabulário político entre 1945 e 1964, mas muito raramente eram usados. Contudo, quando eram pronunciados, tinham um significado bastante diferente deste que conhecemos hoje. Lendo os noticiários políticos de diversos jornais daquela época, é curioso perceber que, nas poucas situações, quando Getúlio Vargas e João Goulart eram chamados de ‘populistas’, nada havia de ofensivo.” Jorge Ferreira, “O nome e a coisa: o populismo na política brasileira” IN: Jorge Ferreira (org.), *O populismo e sua história: debate e crítica*, op.cit., p.115. No mesmo livro, Angela de Castro Gomes cita as formulações do grupo que originou o IBESP e depois o ISEB (composto, entre outros, por Hélio Jaguaribe e Guerreiro Ramos) sobre o ademarismo, demarcando que começava a surgir, no início da década de 1950, uma interpretação crítica acerca do populismo. Ver em Angela de Castro Gomes, “O populismo e as ciências sociais no Brasil: notas sobre a trajetória do conceito”, pp.22-28.

Radical, em 2 de janeiro de 1951, dia seguinte à posse de Vargas na presidência:

“A época é outra. É a do populismo. Do homem público em mangas de camisas no meio do povo. E não adianta querer torcer as coisas ou voltar ao passado. Pois nada há de mudar, agora, o rumo que a mentalidade popular está seguindo. (...) A etiqueta determinara o traje a rigor – casaca e cartola – nas solenidades referentes à posse do presidente Vargas. (...) Tudo lembrando os velhos tempos da Primeira República. E tudo tão diferente dos costumes atuais quando um Ademar de Barros, governador, anda pelas ruas de paletó em baixo do braço e um senador, Napoleão Alencastro Guimarães, se confunde com o populacho dentro de sua roupa mais simples nos movimentos de ruas. (...)

É. Os tempos mudaram sim. E, hoje, quando o populismo está com as ordens, só mesmo em mangas de camisas é possível, ao homem público, fazer-se entender e respeitar pelo povo.”¹⁷⁶

Na linguagem dos próprios líderes populistas, por sua vez, “populismo” revelava-se um conceito “desprovido de qualquer refinamento teórico” e usado “como diretriz política e palavra de ordem”, como observou Carlos Eduardo Sarmiento sobre o uso feito por Ademar de Barros.¹⁷⁷ O autor cita como exemplo a convocação dirigida por Ademar a seus eleitores em maio de 1949:

“Ser populista, para nós, é dar à função social ao Estado uma amplitude que não teve até agora. É governar dando oportunidade a todos e procurando elevar cada um de acordo com suas possibilidades, porém amparando cada um de acordo com suas necessidades. Os que se separam do populismo classificam-se, muito grã-finamente, de democratas. Na verdade, porém, são apenas homens poderosos ou a serviço de grupos poderosíssimos que julgam que o Brasil deve continuar a ser das raras nações do mundo onde existe, de um lado, uma pequena minoria de milionários, e de outro, a grande maioria de paupérrimos ou semipobres.”¹⁷⁸

¹⁷⁶ *Dá licença para um aparte?*, O Radical, 02/02/51, p.2. Grifo meu.

¹⁷⁷ Carlos Eduardo Sarmiento, *Chagas Freitas*, op.cit., p.31.

¹⁷⁸ Citado em Carlos Eduardo Sarmiento, *Chagas Freitas*, op.cit., p.31. Grifo meu.

Uma premissa fundamental do discurso populista era a valorização do papel interventor do Estado na solução dos problemas sociais. O poder executivo, no entanto, encontrava-se personificado por um líder carismático. Mesmo quando veiculado pela oposição, a gramática do discurso era a mesma, só modificando quem ocupava o lugar do herói ou do inimigo das massas populares.

Segundo a retórica populista, só um líder autêntico era capaz de compreender, traduzir e concretizar a “vontade popular”. Esta, por sua vez, era uma entidade homogênea, absoluta e protagonista principal da cena democrática. Dentro da lógica populista, as únicas ameaças à democracia – o governo do povo, para o povo e pelo povo – e à harmonia social eram a insensibilidade das elites política e econômica e a ação dos falsos líderes – os demagogos ou mistificadores. Para estes, no entanto, a retórica populista mantinha sempre evidente a iminência da vingança popular, através do voto.

Na versão de Vargas e da *Última Hora*, a derrota do candidato oficial à prefeitura de São Paulo deixava uma lição: o distanciamento entre os partidos e o povo havia deixado espaço para a exploração demagógica das massas. Mesmo antes das eleições, realizadas em 22 de março, a *Última Hora* alertava em sua manchete principal: “*Comunismo e aventureirismo de mãos dadas – TORRENTE DEMAGÓGICA EM SÃO PAULO PÕE EM CHEQUE A DEMOCRACIA!*”. E descrevendo Jânio como “o demagogo-místico”, que “conduz Cristo numa das mãos e Lênin na outra”, o jornal dizia:

“Jânio Quadros ultrapassa, pelas suas promessas e violência reivindicadora, os discursos dos mais histéricos dos comunistas.”

Em mensagem ao Congresso, em 15 de março, Vargas havia afirmado:

“De um modo geral, os quadros políticos não se manifestam suficientemente sensíveis às necessidades da estrutura econômica do País e às

*novas tendências populares – já bastante nítidas ao observador atento, por ocasião das eleições de 1950 (...).”*¹⁷⁹

Nos dias seguintes às eleições, a **Última Hora** amplificou o recado de Vargas: no recente pleito municipal o povo teria repetido a mensagem enviada às elites políticas por ocasião das eleições presidenciais de 1950, em que elegeram Getúlio como expressão de seus anseios por reformas sociais. Em 24 de março, a manchete principal da **Última Hora** – “*Partidos e políticos divorciados do povo*” – chamava a atenção para o texto editorial publicado também na primeira página e que refletia “*com absoluta fidelidade o pensamento de Vargas*”¹⁸⁰. No dia seguinte, o recado presidencial estava na manchete – “*Vargas alerta os políticos, distanciados das massas: MEDIDAS RADICAIS EM DEFESA DO POVO*” – e na coluna *O dia do presidente*, na nota “*Advertência aos homens sentados sobre o vulcão*”, sobre o encontro do chefe do governo com congressistas:

“(...) A um desses parlamentares, disse textualmente o presidente:

*- Eles não aprenderam ainda a lição de 1950. O povo está cada vez mais consciente do poder que tem nas mãos com a arma do voto secreto.”*¹⁸¹

O Dia, por sua vez, em seguidos editoriais “devolveu” a Vargas a responsabilidade pela situação, culpando “*as falhas que estão inspirando a política trabalhista*”:

*“A justiça social no Brasil, como bem assinalou o presidente da República, ainda é uma dívida de generosidade. Mas a culpa, infelizmente, não cabe senão ao próprio governo, cujo aparelho de ação está falhando deploravelmente nas mãos inexperatas dos seus comandantes.”*¹⁸²

¹⁷⁹ Citado na Última Hora em 24/03/53, p.1.

¹⁸⁰ *O dia do presidente*, Última Hora, 25/03/53, p.3.

¹⁸¹ *O dia do presidente*, Última Hora, 25/03/53, p.3.

¹⁸² “*A justiça social e o governo*”, O Dia, 24/03/53, p.2.

Também em março de 1953 eclodiu em São Paulo a chamada Greve dos 300 mil, que causou profundo impacto na política nacional. Iniciado em 26 de março, o movimento chegou a paralisar 276 empresas industriais. Em seu estudo sobre esta greve, José Álvaro Moisés destacou que, naquele caso, o conflito foi além do que havia sido definido como limites seus pelas normas existentes no sistema político, apontando para uma tendência à radicalização por parte dos trabalhadores.¹⁸³

O movimento foi marcado pela ampla mobilização surgida de forma espontânea, superando a capacidade de organização e mobilização dos sindicatos. Os líderes da greve, ligados ao Partido Comunista, focaram as acusações sobre o Estado, responsabilizado pela defasagem entre o custo de vida e o valor dos salários. Os grevistas rejeitaram as ofertas dos patrões, negaram-se a discutir as propostas conciliatórias feitas pelo Tribunal Regional do Trabalho e forçaram o governador a intervir como mediador, quando, na realidade, sua função era a de reprimir o movimento. Após 29 dias, a greve terminou com a vitória dos trabalhadores.¹⁸⁴

A interpretação da *Última Hora* sobre o movimento grevista deu continuidade à tese da exploração demagógica do povo, minimizando o conflito real. Nos dias 1º e 2 de abril, por exemplo, foram as seguintes as manchetes na primeira página do jornal getulista, face aos violentos choques entre manifestantes e a polícia:

“Líderes ademaristas insuflam desordens em São Paulo”

“O ministro Negrão de Lima denuncia à Nação: EXPLORAÇÃO POLÍTICA DO SOFRIMENTO POPULAR”

“Demagogos e arruaceiros provocaram o conflito”

“Responsáveis pelas desordens: comunistas, ademaristas e policiais”

“Ademar inicia a luta pelos Campos Elíseos nas ruas de São Paulo”

¹⁸³ José Álvaro Moisés, Greve de massa e crise política (Estudo da greve dos 300 mil em São Paulo – 1953/54), SP, Livraria Editora Polis, 1978, pp.40 e 91.

¹⁸⁴ *Ibid.*, pp.70-83.

A *Última Hora* esforçou-se em mostrar “*onde acabam as justas reivindicações dos trabalhadores e onde começa a exploração*”¹⁸⁵, também chamando a atenção para a postura conciliadora do Ministério do Trabalho e para o caráter popular do governo Vargas.

Ainda no dia 2 de abril, contrastava com a virulência da acusação contra Ademar de Barros na primeira página (acentuada pela foto dramática de um homem sendo perseguido por um policial com o cassetete em riste), a comicidade das charges e dos textos, na contracapa do caderno, sobre a situação política em São Paulo. De autoria de Augusto Rodrigues, a página mostrava um desenho de Ademar de Barros empunhando uma bandeirinha do PCB. A página traduziu para a linguagem popular, em charges e textos bem-humorados, a posição do jornal, que construía a imagem de Ademar de Barros como o grande derrotado das eleições municipais. Entre os textos da página, um intitulado *Coitado do Ademar*:

“O choro do Ademar é o maior. A vitória do Jânio foi a derrota do prestígio da ‘caixinha’. Quando o líder pessepista pensou nos meios legais, pensou nos seus, que o tornaram famoso, não se sabe muito se bem legais, mas legalíssimos para quem está sempre legal com a ‘caixinha’. O povo não gosta de ‘caixinha’ nem de ‘marmelada’. Não tolera isso nem em jogo de futebol. E por isso usou os meios legais no duro. E tudo rolou, caiu como um jenipapo maduro que cai no jenipapeiro. Pesadão, a sua queda foi a mais retumbante. Ademar pensa e diz que até um poste seria eleito prefeito de São Paulo. Ele não quer aceitar a vitória do Jânio. Ele pensa na vitória do poste.”

Em 27 de março, quando começavam a chegar as primeiras notícias sobre a greve em São Paulo, *O Dia* havia publicado na primeira página a declaração de Ademar de Barros: “*O povo está descontente e eu dou razão ao povo*”. Segundo o líder do PSP, o povo estava desesperado e só havia votado em Jânio por ele ser de oposição: “*Um poste seria eleito na situação em que se colocou ou foi colocado o senhor Jânio Quadros*”. Ademar sustentou ainda que era preciso, com urgência,

¹⁸⁵ *O dia do presidente*, Última Hora, 02/04/53, p.3.

atender às reivindicações do povo “*com um plano corajoso e inteligente*” e desmentiu os boatos de rompimento com o governo Vargas.¹⁸⁶

N’*O Dia*, as notícias sobre a greve paulista disputaram o espaço da primeira página com as manchetes e fotos sensacionalistas sobre a “santa milagrosa” de Vilar dos Teles. Em editoriais e no noticiário, o jornal repetiu – apenas trocando os sinais – a argumentação getulista, segundo a qual as reivindicações populares estavam sendo manipuladas politicamente. Na versão do matutino ademarista, um deputado petebista havia incentivado a greve, os comunistas estavam infiltrados no governo federal, e eram o governo e os partidos, e não os políticos e os partidos, que estavam “*divorciados do povo*”.¹⁸⁷

N’*O Dia*, a coluna *Cartas do Barnabé* foi também espaço para a veiculação das críticas a Vargas. O personagem “*Barnabé Massaroca*”, que tradicionalmente enviava cartas aos políticos, em 26 de abril dirigiu-se a Getúlio, em sua abordagem popular:

“Pois, quinta-feira, senhor presidente, acompanhado da Marocas – coitadinha, do Juquinha, do Epaminondas e do resto da tribo, eu fui à igreja de São Jorge rezar por vossa excelência. Sim, por vossa excelência. Meu compadre Eleitério, que estuda os astros (...) disse outro dia: – O Velhinho está atravessando uma fase muito delicada! (...) na impossibilidade de requisitarmos os serviços da rádio-patrolha, resolvemos ir para a igreja, porque é o único lugar em que pobre tem vez, onde a misericórdia divina é servida a todos equitativamente (...) – São Jorge, que foi que deu no Velhinho? ... Ele era tão nosso amigo (...) fomos buscá-lo em Itu para voltar ao governo, certos de que ele não desmentiria as nossas esperanças nem trairia os compromissos assumidos conosco na campanha eleitoral. (...) Íamos subir com ele as escadas do Catete, e eu até dei brilho nos sapatos (...) Os tubarões ficariam do lado de fora (...) e só o povo, levando nos braços o seu ídolo vitorioso, chegaria com ele às sacadas do Palácio. (...) Na hora da festa, nós ficamos em baixo gritando e batendo palmas, mas quem surgiu na janela foi o doutor Ricardo Jafet. (...) São Jorge,

¹⁸⁶ “O povo está descontente e eu dou razão ao povo”, *O Dia*, 27/03/53, pp.1 e 6.

¹⁸⁷ “Graves acontecimentos em São Paulo – O deputado do PTB Eusébio Rocha estava incentivando a greve”, *O Dia*, 01/04/53, p.1.

“Comunismo no governo e interesse de intervenção em São Paulo”, *O Dia*, 09/04/53, p.2.

“Governo e partidos políticos divorciados do povo”, *O Dia*, 29/04/53, p.2.

despache os seus caboclos de confiança e salve o nosso Velhinho ou nos explique o que é que há com ele, porque nós não estamos entendendo patavina..."¹⁸⁸

A observação de outros órgãos da imprensa durante a greve paulista permite ampliar a visão do embate retórico que se travava no cenário político. **O Radical** e o **Diário Trabalhista**, pequenos jornais populares de cunho político e favoráveis a Vargas, responsabilizaram os comunistas pela exploração de "greves pacíficas e em caminho de solução".¹⁸⁹ Em conformidade com a retórica populista, a versão dos jornais afirmava que o povo era pacífico, mas que a indignação contra falsos líderes poderia levá-lo a atitudes radicais. No entanto, enquanto na **Última Hora** e n' **O Dia** a ameaça seria expressa pelo voto, em **O Radical** ela ganhava contornos mais agressivos. Como no editorial de 9 de abril:

*"Os acontecimentos em São Paulo estão saindo de acordo com o desejo dos fomentadores da desordem, dos anarquistas, dos comunistas, dos desavargonhados 'tubarões' de todas as coisas que se vendem ao povo (...) não se esqueçam os que assim agem, que tudo tem um limite, que a paciência coletiva pode estourar, e aí ninguém poderá prever o desenrolar dos acontecimentos. Aí ninguém vá estranhar que no amanhecer de qualquer dia, se vejam pendurados nos oitizeiros da avenida, os ladrões do povo, com a língua inchada e o pescoço apertado por cordas de manilha. Aí ninguém vá pôr a culpa no governo, que tudo tem feito para melhorar o custo de vida e que claramente é sabotado (...)."*¹⁹⁰

Apenas no órgão comunista **Voz Popular** os rumos da greve paulista apareciam como resultado da ação enérgica dos trabalhadores, que em sua autonomia e racionalidade teriam partido para uma "batalha campal" contra "esse governo impopular". Em sua edição de 25 de abril, a **Voz Popular** narrava "a grandiosa greve do operariado paulista", a vitória do povo que "não se dobrou à prepotência fascista".¹⁹¹

¹⁸⁸ *As cartas do Barnabé*, O Dia, 26/04/53, p.2. Grifo meu.

¹⁸⁹ "As arruaças comunistas em São Paulo", Diário Trabalhista, 05/04/53, p.1.

¹⁹⁰ *Pela ordem*, O Radical, 09/04/53, p.2. Grifo meu.

¹⁹¹ *Voz Popular*, 25/04/53.

No outro extremo desse contexto retórico, o **Diário Carioca**, jornal udenista e ferrenho opositor do getulismo, encerrava Ademar, os comunistas e Jango – e por tabela Vargas – no bloco dos demagogos e agitadores.¹⁹² Representante da elite liberal do País, o **Diário Carioca** combatia o ex-ditador e os aspectos herdados do Estado Novo pela democracia pós-1945, como o sistema corporativista de acesso ao Estado (e de controle da atividade sindical por parte deste) e uma forma de se fazer política caracterizada pela relação imediata entre o líder carismático e o eleitorado (e onde a herança da política social e do aparato propagandístico do Estado Novo desempenhavam papel decisivo):¹⁹³

“A legislação do Trabalho e da Previdência, sempre tão endeusada, não consegue estabelecer a paz social.”¹⁹⁴

“Em São Paulo, também se está sentindo a mesma interferência nas greves (...). Vamos admitir, por enquanto, que tal interferência seja antes a manobra provocadora dos petebistas, dos Jangos, dos parasitas e aproveitadores, até que se prove irrefutavelmente que o governo está sofrendo de um complexo suicida. Vamos agora ver se Getúlio-governo será capaz de conter e corrigir Getúlio-sedicioso.”¹⁹⁵

No contra-ataque, a cobertura da **Última Hora** nas comemorações do 1º de maio de 1953 mostrou um Vargas respeitado pelos trabalhadores e que empreendia a construção de uma estrutura social justa, garantida pela liberdade democrática e pelo desenvolvimento econômico, como na primeira página do dia 2, onde uma foto mostrava o presidente acenando aos trabalhadores:

“Vargas anuncia em Volta Redonda – ESTÁ MORRENDO O MUNDO DO EGOÍSMO E DA INJUSTIÇA – Emancipação do trabalhador pelo

¹⁹² “Desarticulado o golpe em São Paulo – Os agitadores eram de Ademar, comunistas e sobretudo Jango”, *Diário Carioca*, 07/04/53, p.1.

¹⁹³ Sobre a atuação da imprensa de oposição a Vargas, ver Fernando Lattman-Weltman, *Cidadania e razão na imprensa escrita: retórica e prática excludente em períodos democráticos (Os anos 50 e 90)*, RJ, CPDOC/FGV (CPDOC- 1555f), 1997.

¹⁹⁴ *Nossa opinião*, *Diário Carioca*, 28/03/53, p.2.

¹⁹⁵ “A greve no cais do porto”, *Diário Carioca*, 29/03/53, p.1.

reconhecimento de seus direitos – Emancipação econômica do país através da formação de uma indústria de base – Fim do caciquismo político com plena liberdade ao voto e respeito integral às manifestações da vontade popular – Sindicatos livres e estrita fiscalização das leis de proteção ao trabalho – Assistência e previdência social mais efetivas – “O mundo que nasce, o mundo que começamos a realizar, é aquele em que todos têm direito à participar da riqueza comum, porque para ela contribuem com o seu esforço: mundo de oportunidades abertas para todos, sem privilégios nem desigualdades”

O Estado Novo havia transformado o Dia do Trabalho no lugar do encontro de Getúlio com os trabalhadores, em que o evento comemorativo – nele incluído o discurso do presidente – efetuava a encenação pedagógica do “Pai” que presenteava aos “filhos” com os direitos sociais.¹⁹⁶ Em maio de 1953, quando Vargas passava por uma grave crise de popularidade, a cobertura feita pela *Última Hora* participou do esforço do governo de manutenção da carga simbólica do evento como dia de confraternização, de celebração da cooperação das classes sociais com o Estado.

Assim, a chegada ao festejo de delegações de operários paulistas, chefiados por Nelson Rustici, presidente do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Têxtil de São Paulo e um dos líderes da Greve dos 300 Mil, foi capitalizada pelo jornal a favor de Getúlio. Segundo a notícia, Vargas havia quebrado o protocolo para ouvir, durante 40 minutos e “*em plena rua*”, ao discurso de Rustici. “*Quero ouvir os trabalhadores paulistas*”, teria dito Vargas. A reportagem demarcava a legitimidade do interlocutor – autoridade sindical que liderou “*cerca de 3 mil pessoas*” a Volta Redonda – e o fato de que “*as graves acusações*” feitas recaíam sobre o Ministério do Trabalho, e não sobre o presidente da República:

“O presidente ouviu todo o discurso em pé, no seu automóvel, agradecendo as manifestações prestadas pelo operariado paulista. Era uma

¹⁹⁶ Angela de Castro Gomes, *A invenção do trabalhismo*, op.cit., pp.200-201.

Maria Emília Lima, *A construção discursiva do povo brasileiro – Os discursos de 1º de maio de Getúlio Vargas*, Campinas, Editora da Unicamp, 1990, p.73.

*prova de confiança que as principais entidades trabalhistas de São Paulo depositam no seu governo.*¹⁹⁷

A Greve dos 300 Mil evidenciou o embate dentro do próprio governo federal sobre o aumento do salário mínimo, culminando com uma reforma ministerial em junho de 1953, quando João Goulart – elemento de confiança de Vargas nos meios sindicais – assumiu o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio. A reforma atingiu outras pastas e, do ponto de vista partidário, manteve a combinação básica PSD-PTB, excluindo o PSP de Ademar de Barros. Naquela altura, embora o partido continuasse integrando a maioria governamental no Congresso, a imprensa ademarista já investia decididamente contra Vargas.¹⁹⁸

A partir de 1953, Vargas ressentiu-se cada vez mais de um apoio político-partidário organizado para enfrentar a oposição aguerrida da UDN. De um lado, Getúlio buscou recuperar suas bases de apoio popular, atribuindo aos sindicatos uma função básica em sua proposta de governo. De outro lado, partidos como o PSD e PSP consolidaram sua independência de compromissos em relação a Getúlio. No final de 1953, as dificuldades de Vargas tornaram-se ainda mais complexas, devido à proximidade das eleições parlamentares de outubro de 1954, que poderiam influir decisivamente sobre os rumos da sucessão presidencial de 1955. Nesse contexto, a exclusão do getulismo tornou-se o objetivo prioritário não só da UDN, mas também de outras forças políticas.¹⁹⁹

Em 1º de janeiro de 1954, já em plena campanha para as eleições ao governo de São Paulo, Ademar de Barros admitiu publicamente seu afastamento em relação a Getúlio, acusando o presidente de haver rompido com os compromissos da frente populista de 1950. Logo em seguida, a bancada do PSP desligou-se da maioria governamental, assumindo posição de independência em relação ao governo.²⁰⁰

A atuação de Goulart durante o período Vargas, com suas ligações com o meio sindical e sua proposta de aumento de 100% do salário

¹⁹⁷ “3.000 operários paulistas a Vargas, em plena rua: o Ministério do Trabalho contra os trabalhadores”, Última Hora, 02/05/53, p.3.

¹⁹⁸ Alzira Alves de Abreu (coord.)...[et al.], Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro, op.cit.,p.5963.

¹⁹⁹ Alzira Alves de Abreu (coord.)...[et al.], Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro, op.cit.,p.5964.

mínimo, colocou esse político sob suspeita de preparar a "subversão social", a "revolução comunista".²⁰¹ Em fevereiro de 1954, um memorial assinado por 42 coronéis e 39 tenentes-coronéis foi encaminhado ao ministro da Guerra, general Ciro do Espírito Santo Cardoso, em protesto contra a exiguidade dos recursos destinados ao Exército e a proposta governamental de elevação do salário mínimo em 100%.²⁰²

Em 22 de fevereiro João Goulart foi destituído do ministério. Apesar de ter cedido às pressões para a saída de Goulart, Vargas demonstrou claramente sua intenção de levar adiante a aproximação entre o governo e as classes trabalhadoras. Em 21 de fevereiro, véspera da destituição de Jango, o presidente participou de um comício de trabalhadores em Volta Redonda, onde assegurou o compromisso do governo em "*velar pelos vossos interesses*".²⁰³

Com a saída de Goulart, o presidente tornou-se novamente o alvo preferencial da campanha oposicionista. Os líderes da UDN, encorajados pelo Manifesto dos Coronéis, consolidaram suas ligações com os militares antigetulistas. Também o caso da CPI da *Última Hora* forneceu aos opositores de Vargas uma oportunidade de explorar os receios da classe média sobre a "imoralidade" e a "corrupção" existentes no governo, receios que eram partilhados pelas classes armadas. A trama para a deposição de Vargas começou a ganhar consistência.

Em 1º de maio de 1954, em discurso pronunciado em Petrópolis, Vargas anunciou que o aumento do salário mínimo seria de 100% e terminou com um vigoroso apelo à mobilização das massas trabalhadoras:

"A minha tarefa está terminando e a vossa apenas começa. O que já obtivestes ainda não é tudo. Resta ainda conquistar a plenitude dos direitos que vos são devidos e a satisfação das reivindicações impostas pelas necessidades (...). Há um direito de que ninguém vos pode privar, o direito do voto. E pelo voto

²⁰⁰ Ibid., p.5965.

²⁰¹ Alzira Alves de Abreu, Crise e sucessão 1954-1955: o papel da imprensa na formação de uma identidade política, Rio de Janeiro, CPDOC/FGV (CPDOC- 1396f), 1995, p.5.

²⁰² Alzira Alves de Abreu (coord.)...[et al.], Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro, op.cit.,p.5965.

²⁰³ Idem.

*podeis não só defender os vossos interesses como influir nos próprios destinos da nação. Como cidadãos, a vossa vontade pesará nas urnas. Como classe, podeis imprimir ao vosso sufrágio a força decisória do número. Constituí a maioria. Hoje estais com o governo. Amanhã sereis o governo.”*²⁰⁴

Nos dias seguintes, a **Última Hora** amplificou o discurso presidencial:

“Getúlio alerta os trabalhadores sobre a força do voto” (03/05/54, 1ª p.)

“A fidelidade de Vargas à causa da reforma social” (O dia do presidente, 03/05/54, p.3.)

“Agora, o congelamento geral de preços” (04/05/54, 1ª p.)

“Agradecimento dos trabalhadores paulistas ao presidente Vargas: Vitória maiúscula de nossas reivindicações” (04/05/54, p.3.)

“Aplausos dos trabalhadores de todo o país ao novo salário mínimo” (O dia do presidente, 07/05/54, p.3.)

À radicalização getulista correspondeu uma imediata reação contra o decreto presidencial. A UDN, a imprensa oposicionista e entidades patronais de todo o País protestaram contra a medida. Em 5 de maio, **O Dia** exclamava em seu editorial “*O circo vai pegar fogo?*”:

*“Não há dúvida nenhuma de que no dia 1º de maio deste ano foi desfraldada pelo ex-Ministro do Trabalho uma bandeira revolucionária. (...) E as cerimônias foram como que uma espécie de ensaio geral da grande comédia sindicalista com que se pretende dar às massas trabalhadoras a ilusão de que de fato dirigem o Brasil. (...) Os efeitos imediatos da oratória inflamada do 1º de maio já se fazem sentir por toda parte (...) Subiram da noite para o dia os preços (...) Fábricas do interior começam a despedir empregados. Comerciantes reduzem os seus quadros de servidores, declarando-se impossibilitados de enfrentar as despesas decorrentes dos aumentos compulsórios. A situação é francamente de alarme, quase de pânico.”*²⁰⁵

²⁰⁴ Citado em Alzira Alves de Abreu (coord.)...[et al.], Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro, op.cit.,p.5966.

²⁰⁵ O Dia, 05/05/54, p.2. Grifo meu.

No quadro da crise política vivida em 1954, os jornais intensificaram as emoções, aqueceram as sensibilidades. Como nos lembra Maria Helena Capelato, “*a sensibilidade política não é um estado de fato mas o resultado de múltiplas mensagens, apelos, interpelações, dramatizações que mantêm ou modificam diariamente os sentimentos coletivos*”.²⁰⁶ Em **O Dia** e na **Luta Democrática**, ambos na oposição a Vargas, renovava-se cotidianamente a visão da crise. A questão a ser destacada, no caso dos dois matutinos, é como se fez – em jornais identificados com as classes populares – a desqualificação de um ganho, como é o caso do aumento do salário mínimo. A estratégia, expressa no citado editorial de **O Dia**, foi acenar com o fantasma do desemprego e do aumento dos preços.

Na primeira página da **Luta Democrática** do dia 4 de maio, enquanto a manchete acusava “*Roubado o trabalhador com o novo salário mínimo*”, o já citado versinho de *Cantando e rindo* dizia:

“O novo salário mínimo, de cujas conseqüências os próprios beneficiados estão com medo, foi recebido como puro ato pré-eleitoral.

*Não adianta velhinho
Querer voltar ao cartaz...
Se o salário veio agora,
Eleição vem logo mais...”*

No dia seguinte, Tenório Cavalcanti escreveu sobre o “*engodo do salário mínimo*”. Na oposição e em um momento de acirramento da disputa política, o discurso tenorista citava claramente o conflito que a retórica populista costumava disfarçar – a luta de classes:

“O sr. Getúlio Vargas vem de golpear fundo a estabilidade do regime, provocando a luta de classes, fomentando a anarquia, pregando a desordem e convulsionando a economia nacional, numa arrogante demonstração revolucionária. (...) Urge uma reação exemplar que evite a hecatombe urdida pelo mais cruel dos brasileiros! (...) A Nação não suporta a luta de classes que o

²⁰⁶ Capelato cita as formulações teóricas de Pierre Ansart. Ver em Maria Helena Capelato, *Multidões em cena*, op.cit., pp.64-65.

sr. Getúlio Vargas tenta acirrar. O operariado só sofrimentos enfrentará se fôr levado a embates com as demais classes. A revolução preconizada pelo sr. Getúlio Vargas para garantia do regime terá de ser abortada no nascedouro.”

207

Logo abaixo do texto, uma foto de Tenório Cavalcanti cercado por populares, na estação das barcas em Niterói, constrói a imagem de sua popularidade – e de seu populismo, se lembrarmos o valor positivo da noção na época – , conferindo autoridade ao artigo acima:

*“A gratidão do povo – Poucos parlamentares têm cumprido os seus mandatos correspondendo às aspirações populares, daí por que, na sua grande maioria, os representantes do povo encontram sérias dificuldades para renovar a sua eleição. Entre os atuais legisladores, Tenório Cavalcanti faz parte daqueles que o povo vai devolver ao Congresso Nacional, a 3 de outubro. (...)”*²⁰⁸

Tenório Cavalcanti era o populismo na UDN, ou parafreaseando a definição dada em **O Radical**, era o udenismo “em mangas de camisas”. Tenório, com suas práticas personalistas e clientelistas, era a expressão da importância vital do voto para a sobrevivência de qualquer partido no contexto democrático. Em outubro de 1954, o “Homem da Capa Preta” não só se reelegeu, como também obteve a maior votação no estado.

Encarnando o papel de “**Tribuna da Imprensa dos pobres**”, a **Luta Democrática** repetiu a argumentação lacerdista²⁰⁹, baseada em temáticas como a defesa da democracia, a moralidade na condução da administração pública e o anticomunismo. A **Luta Democrática** – portavoz da liderança carismática de Tenório – disseminou o discurso udenista através do idioma populista. Contribuiu para isso o típico tom moralizador do jornalismo sensacionalista, que enfatizou as denúncias, dando-lhes a roupagem de “defesa do povo”. Em julho de 1954, por exemplo, em seu artigo “*A ceva dos corruptores e corruptos*”, Tenório engrossava o coro

²⁰⁷ “O engodo do salário mínimo”, *Luta Democrática*, 05/05/54, p.3. Grifo meu.

²⁰⁸ Legenda da foto, *Luta Democrática*, 05/05/54, p.3.

²⁰⁹ Sobre a retórica de Lacerda através de seu jornal, ver Luiz Vítor Tavares de Azevedo, *Carlos Lacerda e o discurso de oposição na Tribuna da Imprensa (1953-1954)*, op.cit..

udenista a favor do *impeachment* de Vargas²¹⁰: “são inúmeros os atentados e violações que justificam a perda de mandato do sr. Getúlio Vargas”.²¹¹

3.3.c) A crise de agosto e as eleições de outubro de 1954:

O estudo de Alzira Alves de Abreu e Fernando Lattman-Weltman, sobre a participação da imprensa na crise de agosto de 1954, mostrou que os principais órgãos do País, com exceções bem delimitadas e significativas, atuaram decisivamente tanto na formação de um consenso a respeito da crescente inviabilidade política e moral do prosseguimento do mandato do presidente Getúlio Vargas, quanto na intermediação do diálogo e da articulação entre os diferentes grupos das elites políticas aptas a intervir, de algum modo, na resolução do impasse. Em particular, os setores militares.²¹²

Em outro trabalho, Alzira Abreu destaca que, na rápida evolução da crise de agosto (do atentado contra Lacerda no dia 5 ao suicídio de Vargas, na virada do dia 24 para o 25), sobressai o apelo à renúncia de Vargas na cobertura dos principais jornais, o que não quer dizer que a imprensa tivesse um comportamento homogêneo quanto a posições político-ideológicas. Havia uma disposição de solucionar a crise dentro dos preceitos constitucionais. Havia um apelo à moralidade, à justiça, à punição dos responsáveis pelo crime e à restauração de legitimidade do poder governamental, que era incompatível com a permanência de Vargas no Catete.²¹³

²¹⁰ Embora a moção de impedimento já tivesse sido derrotada no Congresso em 16 de junho de 1954, por 136 votos contra 35.

²¹¹ “A ceva dos corruptores e corruptos”, Luta Democrática, 02/07/54, p.3.

²¹² Alzira Alves de Abreu e Fernando Lattman-Weltman, “Fechando o cerco: a imprensa e a crise de agosto de 1954”, op.cit.. Os autores analisaram os jornais Correio da Manhã, O Globo, Diário de Notícias, Diário Carioca, O Jornal, O Estado de São Paulo e a Folha da Manhã. Última Hora e Tribuna da Imprensa, situados nos dois extremos da crise política não foram incluídos na análise.

²¹³ Alzira Alves de Abreu, Crise e sucessão 1954-1955: o papel da imprensa na formação de uma identidade política, op.cit., pp.1-3.

Durante a crise, a **Última Hora** manteve-se em sua posição de apoio incondicional a Vargas. O discurso em defesa do presidente baseou-se na afirmação da ordem constitucional e das conquistas sociais. A **Última Hora** procurou elucidar o crime da Toneleros e desmentir as acusações contra Getúlio. Também elogiou a tradição legalista das Forças Armadas e abriu espaço para defensores do projeto trabalhista, a exemplo da declaração do presidente do sindicato dos portuários:

“(...) como dirigente de classe, não posso calar-me ante essa onda de agitações desencadeadas pela ala mais tenebrosa e anti-operária da UDN (...). Que querem, agora, esses falsos porta-vozes da opinião pública? Dizem que falam em nome do povo. Mas pergunto, que fizeram eles, nos jornais e no Parlamento, em defesa do povo? Nada. Absolutamente nada, esta é a verdade.”

214

Observando as primeiras páginas da **Última Hora** no período, destaca-se também o aspecto criminal do atentado (sem detrimento do aspecto político), que abastece o noticiário e gera manchetes de apelo sensacionalista. É a seguinte a sequência de algumas das manchetes principais do vespertino no período:

“Espetacular caçada para a captura de Climério, o assassino do Major – DESVIA-SE PARA CAXIAS O CÊRCO DA POLÍCIA” (09/08/54)

“O Alto Comando das Forças Armadas decide: GARANTIR O REGIME CONTRA A DESORDEM” (10/08/54)

“Unidos Exército, Marinha e Aeronáutica em defesa da Constituição – REAÇÃO CONTRA A DITADURA DA DESORDEM!” (12/08/54)

“Vargas adverte aos fomentadores da provocação e da desordem: NÃO PERMITIREI QUE AGENTES DA MENTIRA LEVEM O PAÍS AO CAOS” (13/08/54)

“Capturado vivo na selva o assassino do major Vaz” (17/08/54)

“Primeiras fotos dos pistoleiros presos!” (19/08/54)

“O Brasil escapa à guerra civil” (23/08/54)

²¹⁴ Última Hora, 19/08/54, p.7. Citado em Jorge Ferreira, “O carnaval da tristeza: os motins urbanos do 24 de agosto” IN: Angela de Castro Gomes (org.)...[et al.], Vargas e a crise dos anos 50, op.cit., p.70.

“SÓ MORTO SAIREI DO CATETE!” (23/08/54, contracapa)

Em **O Dia**, a coluna de Chagas Freitas na primeira página, já no dia seguinte ao atentado, integrou o cômico que acusou o comprometimento de Vargas (a partir do dia 6) e pediu sua renúncia (a partir do dia 10).²¹⁵

*“Ninguém tem dúvida sobre quais os mandantes do atentado. ‘Está na cara’ – diria o homem da rua. (...) A oligarquia Vargas já tripudiou demais sobre este pobre povo indefeso. Agora, basta! Qualquer pessoa de mediano bom-senso, chamada à esclarecer o assassinato da madrugada passada, iniciaria suas investigações pelos porões do Catete.”*²¹⁶

*“Embora ninguém atribua ao presidente responsabilidade direta no assassinato, a verdade é que vai se generalizando a convicção de que, com o sr. Getúlio Vargas no poder, não serão presos os sicários nem identificados os mandantes. (...) Sim, presidente, renuncie!”*²¹⁷

Desde o seu aparecimento em abril de 1954, a coluna de Chagas Freitas em **O Dia** repercutia as principais questões tratadas nas páginas do jornal, fazendo do jornalista o ponto de convergência das campanhas empreendidas pelo matutino. No entanto, conforme descreve Carlos Eduardo Sarmiento, os artigos de Chagas Freitas haviam se pautado pelos ataques a adversários imprecisos, como exemplificado por seu texto de estréia: *“filas, água, preço do café, violências da polícia e a bagunça geral que cresce no país”*.²¹⁸

“Todos esses problemas eram arrolados como fenômenos associados, decorrentes do estado de anomia em que se encontrava a nação. A conjuntura era bastante propícia para a adoção desse discurso.”

²¹⁵ Segundo Alzira Abreu e Fernando Lattman-Weltman, estas são as datas em que os principais jornais por eles analisados se lançaram à acusação de Vargas (dia 6) e ao apelo por sua renúncia (dia 10). Ver em Alzira Alves de Abreu e Fernando Lattman-Weltman, “Fechando o cerco: a imprensa e a crise de agosto de 1954”, op.cit., p.34: “À rapidez com que esses veículos passam à fase de acusação, sucede-se sem dificuldade a adoção unânime e simultânea da tese da renúncia (...)”.

²¹⁶ “Agravado à Nação”, *O Dia*, 06/08/54, p.1.

²¹⁷ “Sim, presidente, renuncie!”, *O Dia*, 10/08/54, p.1.

²¹⁸ Carlos Eduardo Sarmiento, *Chagas Freitas*, op.cit., pp.41-42.

(...) *A crise política do governo Vargas era assim percebida como uma manifestação sintomática da desestruturação social, política e econômica do país. (...) Sem jamais precisar a direção de seus ataques, Chagas escrevia febrilmente, cobrindo uma diversidade de temas que só enfatizavam o quadro crítico que as páginas do diário pintavam*”, analisa Sarmento.²¹⁹

Os artigos publicados na primeira página pavimentaram o caminho para que em 28 de julho Chagas anunciasse: “*Hoje escreve o candidato*”.²²⁰ Transformado em arauto dos trabalhadores suburbanos, destemido defensor das populações carentes do Rio de Janeiro, o jornalista lançava sua candidatura à Câmara dos Deputados.²²¹

“Á medida que a crise política do governo Vargas se acentuava, sua coluna parecia soar fora do tom”, continua Sarmento, chamando a atenção para o fato de que a radicalização do cenário político não favorecia um discurso que se recusava a adotar posições definidas.²²² No entanto, o impacto causado pelo atentado da Toneleros obrigou Chagas a engrossar as fileiras daqueles que pediam a renúncia do presidente, “temendo ser engolfado pela onda de repúdio a Vargas que perceptivelmente crescia em meio à opinião pública carioca”.²²³

Assim, ao longo de duas semanas, também o noticiário de **O Dia** passaria a privilegiar a cobertura inflamada da conjuntura política, em detrimento das demandas populares. O aspecto *sensacional* dos acontecimentos políticos, no entanto, enfrentou a concorrência de outros temas tradicionais do jornalismo popular, como mostra a sequência dos “zincos” – as manchetes principais, em letras garrafais – de **O Dia**:

“*BACANAL EM FAMÍLIA – O filho era amante da mãe e o pai da filha – Irmão e irmã também mantinham relações pecaminosas*” (07/08/54)

“*COVIL DE LADRÕES – Em pleno centro da cidade*” (08/08/54)

“*CAÇA AO CRIMINOSO em todo o território nacional*” (10/08/54)

²¹⁹ Carlos Eduardo Sarmento, *Chagas Freitas*, op.cit., p.42.

²²⁰ “*Hoje escreve o candidato*”, *O Dia*, 28/07/54, p.1.

²²¹ Carlos Eduardo Sarmento, *Chagas Freitas*, op.cit., pp.43-44.

²²² *Ibid.*, p.44.

²²³ *Idem.*

“ACUSADO LUTERO como mandante do crime” (11/08/54)
 “GREGÓRIO deu um ‘chilique’ ao ser interrogado” (12/08/54)
 “PAIXÃO DOENTIA levou o cutileiro ao desespero” (13/08/54)
 “ATENTADO contra a vida do prefeito” (14/08/54)
 “ENCURRALADO Climério por paraquedistas voluntários” (17/08/54)
 “NÃO ME MATEM pelo amor de Deus! – pediu Climério” (18/08/54)
 “ENTERRADA VIVA – O marido tramou a eliminação da mulher” (19/08/54)
 “A LOURA assaltante era homem” (20/08/54)
 “ROBERTO ALVES²²⁴ foi preso ontem no Galeão” (21/08/54)
 “PRESO DELEGADO Brandão Filho²²⁵, ex-titular da Ordem Política” (22/08/54)
 “PUS E LAMA escorrem sobre a nação estarecida” (24/08/54)
 “AFASTA-SE VARGAS DO GOVERNO” (24/08/54 – edição extra)
 “LAMENTA O PAÍS A MORTE DO PRESIDENTE VARGAS” (25/08/54)
 “FUNERAIS DE VARGAS HOJE EM SÃO BORJA” (26/08/54)
 “OITO TARADOS arrastaram as duas mulheres para o mato” (27/08/54)

Na crise de agosto, a **Luta Democrática** repetiu o discurso extremista que Carlos Lacerda fazia através da **Tribuna da Imprensa**. O jornal de Tenório, que desde o seu aparecimento em fevereiro acusava o ex-ditador do Estado Novo e seu genro, Amaral Peixoto, por “crimes” diversos, agora tinha no atentado da Toneleros o estopim para a deflagração da crise final do governo. Neste sentido, a **Luta Democrática** executou a estratégia lacerdista de enfatizar a questão da honra e da indignação militares, fazendo a convocação da classe à liderança do processo de afastamento de Getúlio do poder. Já a manchete do dia 6 foi “O atentado contra a vida de Carlos Lacerda provocou INDIGNAÇÃO NAS FORÇAS ARMADAS”.

Na **Luta Democrática**, o apelo sensacionalista das primeiras páginas acentuava o clímax. As manchetes principais dos dias 7 e 8 – “NUA, presa ontem a amante de Mineirinho pela polícia” e “A POLÍCIA MATA E OS CORPOS DESAPARECEM – Metralhado o repórter de Luta Democrática e sequestrado o de O Dia” – tratavam da caçada policial ao bando de “Mineirinho” e as dificuldades encontradas pelos jornalistas na

²²⁴ Ex-secretário particular de Vargas.

cobertura do fato, impostas pelos métodos pouco ortodoxos (e nada legais) usados pelo delegado responsável.

Lugar por excelência da exposição de “fascínoras”, a primeira página da sensacionalista **Luta Democrática** acusava em 10 de agosto: “*Lutero Vargas mandante do crime*”. No dia 12, em seu artigo na página 3, Tenório pedia “*Um médico para o Brasil!*”:

“Já se disse que a Nação naufraga no lodo da corrupção, na lama da imoralidade. (...) Mas se o ferro, o remédio e o fogo não curam, é porque não tem mais cura. (...) Ninguém nega que o processo político por nós aceito não é o indicado. Também não se nega que os médicos escolhidos não têm sido felizes. (...) Oito anos de verdade, oito anos de democracia, não bastam para extirpar as raízes do cancro da demagogia, entranhados no coração do povo, em 15 anos de escravidão!”

A **Luta Democrática** traduziu a crise política e a campanha udenista para a linguagem sensacionalista. Na manhã do dia 24, chamava a atenção em sua primeira página a manchete “*O REI DO BICHO ERA GREGÓRIO, o homem forte do Catete*”. Segundo o jornal, “*revelações sensacionais dos ‘arquivos secretos’ do ‘tenete’ Gregório*” mostravam “*a podridão governamental que vem contaminando o País há muito tempo*”, como o envolvimento de Gregório Fortunato com “*o jogo-do-bicho e outras contravenções*”.

Segundo o exame feito por Alzira Abreu e Fernando Lattman-Weltman, na cobertura feita pela imprensa nos dias 24 e 25 de agosto é visível a diferença entre a forma de noticiar o suicídio pelos jornais populares e pelos jornais voltados para as classes médias e para as elites. Os primeiros, caracterizados por fazerem um jornalismo de denúncias sensacionalistas e por utilizarem uma linguagem popular, trouxeram em suas páginas enormes manchetes e grande número de fotografias mostrando a emoção do povo, pessoas chorando, desmaiadas

²²⁵ Ex-titular da Delegacia de Ordem Política e Social.

ou em atitudes de protesto contra os opositores de Vargas. Os autores incluem neste grupo, entre outros, **A Notícia** e a **Última Hora**.²²⁶

Já os jornais voltados para as camadas médias e altas e para a elite – como **O Globo**, **Diário de Notícias**, **Diário Carioca**, **Correio da Manhã**, **O Estado de São Paulo** e **Folha da Manhã** – foram comedidos nas manchetes e nas fotografias, não havendo a preocupação com o despertar da emotividade.²²⁷

Seguindo a linha dos jornais populares, no dia 25 a **Luta Democrática** exibiu as “*cenos pungentes diante do corpo de Vargas*”, conforme anunciava sua manchete principal. Ainda na mesma manchete, o diário destacava: “*Homens de todas as classes sociais esperam horas e horas nas filas para ver, pela última vez, o chefe de Estado que governou o País durante muitos anos*”.

Na página 2, ao lado da publicação da carta-testamento de Vargas, a continuação da reportagem relatava a comoção popular pela morte do presidente:

*“Durante toda a noite prosseguiu a verdadeira romaria da população ao Catete (...). Inúmeras cenas comovedoras foram registradas, tendo alguns dos visitantes se ajoelhado ante os despojos do ex-Chefe do Governo, rezando em altas vozes pela paz de sua alma. Outros chegaram a entoar o hino nacional brasileiro.”*²²⁸

Na **Luta Democrática**, no entanto, a comoção popular causada pelo suicídio transfigurava-se em subversão. “*Grupos de getulistas depredaram carros e arrancaram cartazes dos candidatos udenistas*”, disse a reportagem do jornal, que comentava também os ataques de “*elementos extremistas*” à embaixada americana, ao edifício da Esso, aos jornais **Tribuna da Imprensa**, **O Mundo** e **O Globo**, além da **Rádio Globo**: “*grupos marchavam em sua trajetória destruidora*”. Fotos

²²⁶ Alzira Alves de Abreu e Fernando Lattman-Weltman, “Fechando o cerco: a imprensa e a crise de agosto de 1954”, op.cit., p.40. Foram examinados pelos autores os jornais O Radical, A Pátria, Diário da Noite, A Notícia e Última Hora.

²²⁷ Idem.

²²⁸ “*Cenas pungentes diante do corpo de Vargas*”, Luta Democrática, 25/08/54, p.2.

mostravam os flagrantes da revolta popular contra a **Rádio Globo** e os jornais.²²⁹

Enquanto isso, em seu texto na página 3, Tenório Cavalcanti escrevia sobre o Duque de Caxias, patrono do Exército, em homenagem ao Dia do Soldado. A coincidente data comemorativa do Exército parece ter servido como pretexto para o elogio udenista ao papel das autoridades militares no desfecho da crise política. Segundo Tenório, a escolha de Caxias (que “*construiu a Unidade Nacional, a Democracia nas Nações escravizadas pela tirania de caudilhos*”) como patrono demonstrava que “*as Forças Armadas, como a posteridade, nunca erram em suas crenças definitivas*”. O artigo dá continuidade à estratégia discursiva da oposição, de apelo às classes armadas para a manutenção da ordem:

*“Nesta hora em que o País luta contra a morte, no meio das paixões tumultuárias que ameaçam lançar pais contra filhos e irmãos contra irmãos, evoquemos Caxias para que nos auxilie a repôr no caminho do bem e do amor à liberdade os que se perderam nas veredas da desordem.”*²³⁰

As imagens ambíguas das manifestações populares – ora como tristeza, ora como fúria – nos mostram como a encenação do popular realizada nas páginas dos jornais revela o sentido contraditório e ambíguo – como escreveu Canclini – dos que padecem a história e ao mesmo tempo lutam nela. Nas páginas da **Luta Democrática**, a dramaticidade das fotos da revolta do povo contra a **Rádio Globo** e os jornais oposicionistas expressa a contradição vivida naquele momento pela oposição udenista, pega de surpresa pela reviravolta operada pelo suicídio de Vargas junto à opinião pública. O impasse, no entanto, impunha-se não só à oposição mas às elites em geral, na medida da potencialidade de tais eventos de expressar os conflitos latentes na sociedade.

²²⁹ A Rádio Globo havia dado amplo espaço aos ataques de Carlos Lacerda contra Vargas, principalmente nos programas comandados pelo radialista Raul Brunini. Convidado por Lacerda, Brunini filiou-se à UDN e em outubro de 1954 elegeu-se vereador pelo DF, tendo sido o candidato mais votado. Alzira Alves de Abreu (coord.)...[et al.], Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro, op.cit., p.862.

²³⁰ *O exemplo de Caxias*, Luta Democrática, 25/08/54, p.3.

A **Luta Democrática** – assim como os alvos do ódio popular **Tribuna da Imprensa** e **Rádio Globo** – havia sido importante porta-voz da “criminalização” de Getúlio, construindo para o público a imagem do caudilho, corrupto, imoral, violento e assassino. O ato extremo do suicídio, no entanto, reverteu o clima político, restituindo a adesão popular ao líder morto.

No dia 1º de setembro, a primeira página da **Luta Democrática** trazia a manchete dramática: “**VOU COM GETÚLIO! – O infeliz trabalhador deu um tiro no peito**”. A legenda da foto explicava que o operário havia tentado se matar por “*saudades de Getúlio*”. Em seu estilo folhetinizado, o jornal sensacionalista narrava o drama do trabalhador, que em seu ato desesperado era identificado também como “o *tresloucado*”:

*“Durante os dias que se passaram após o suicídio de Vargas, João mostrava-se cabisbaixo. Já não era aquele jovem trabalhador e alegre. No trabalho, à hora do almoço, sentava-se longe dos companheiros e não mais conversava. No final do dia saía com a marmitta debaixo do braço e tomava o rumo de sua residência.”*²³¹

A notícia, em sua dramaticidade, cumpriu a função do jornalismo popular, de reconhecimento do universo das classes trabalhadoras. Nos jornais aqui analisados, esta potencialidade da imprensa popular serviu à disseminação da retórica populista, que, entre outras coisas, trabalhou pela afirmação de determinadas lideranças carismáticas e ao ataque contra a concorrência. No caso desta notícia publicada na udenista **Luta Democrática**, no entanto, tal potencialidade do jornal como lugar de reconhecimento dos dramas populares ultrapassou a intenção oposicionista do discurso comumente veiculado pelo matutino. Apesar de chamá-lo de “tresloucado”, a notícia da **Luta Democrática** impunha o reconhecimento da dor sentida pelos populares na perda de Vargas.

Após o suicídio de Vargas, **O Dia** procurou capitalizar a comoção popular. Abrindo suas páginas às imagens do lamento da “*enorme massa*

*popular*²³² também o jornal de Chagas Freitas exercia sua função como lugar do reconhecimento das dores dos humildes. Como ressaltou Carlos Eduardo Sarmiento, em editorial o diário apresentou um Vargas sacralizado, como se promovesse um manobra de ocultamento das sérias denúncias dirigidas contra o presidente.²³³

Surpreendido pelo impacto da morte de Vargas, Chagas Freitas havia se afastado de sua coluna, retornando somente em setembro. Segundo Sarmiento, a tentativa de radicalização do discurso o conduziu a um território desconhecido e mutável, sobre o qual não tinha controle e que não lhe dava a sensação de segurança necessária para se manifestar:

“Essa experiência delimitou o horizonte de possibilidades de atuação de Chagas Freitas, um ator político que defendia uma agenda social imprecisa e que, carente de carisma pessoal, ganhava espaço em conjunturas em que prevaleciam a desmobilização e a indefinição do cenário político-ideológico.

*Para escapar do risco de ver ameaçada a posição política que construía e, conseqüentemente, sua candidatura à Câmara dos Deputados, Chagas Freitas levaria o jornal no período seguinte a adotar definitivamente o tom de órgão de propaganda política.”*²³⁴

Diariamente era estampada na primeira página e também nas demais anúncios de sua candidatura, com os dizeres: *“Com Ademar! Chagas Freitas para deputado – a voz livre de **O Dia**. Sempre ao lado do povo. Sempre em defesa dos trabalhadores. Sempre contra os poderosos”*. Também era divulgado o endereço do escritório político do candidato, onde eram distribuídas as cédulas de votação de Chagas Freitas e dos *“vereadores populistas”*.²³⁵ No dia 24 de setembro, **O Dia** anunciou também na primeira página, abaixo do texto de Chagas Freitas, a participação do jornalista em programa da Rádio Guanabara, ondealaria *“sobre os grandes problemas do momento”*.

²³¹ “*Vou com Getúlio!*”, Luta Democrática, 01/09/54, pp.1-2.

²³² O Dia, 25/08/54.

²³³ Carlos Eduardo Sarmiento, *Chagas Freitas*, op.cit., p.45.

²³⁴ Ibid., pp.45-46.

Pequenos boxes espalhados pelas páginas do jornal conclamavam os leitores a votar em Chagas Freitas, destacando sua atuação como diretor de **O Dia** e **A Notícia**, “*cuja voz diariamente se ergue em defesa dos trabalhadores*”. Como em um exemplo do dia 25, em que o texto exclamava: “**COMERCIÁRIO! INDUSTRIÁRIO! Qual foi a voz que se levantou em defesa da imediata participação dos trabalhadores nos lucros das empresas?**”. “*Foi a de CHAGAS FREITAS*”, dizia o jornal, transcrevendo em seguida o trecho de um artigo do jornalista. E completava: “*Dois dias depois desse grito de alarma, o presidente da República pediu ao Congresso pressa para o referido projeto*”.²³⁶

A dois dias das eleições, a edição de **O Dia** em 1º de outubro circulou com três páginas inteiras de propaganda política, trazendo inclusive a própria cédula eleitoral do PSP encartada, garantindo assim o acesso dos leitores ao instrumento fundamental do voto. Nestas páginas, além da plataforma política de Chagas Freitas e da lista dos candidatos do PSP, o jornal trouxe a publicação do “*Compromisso de honra dos candidatos populistas – Vibrante manifesto do PSP ao eleitorado carioca*”.

O manifesto trazia as promessas dos “*candidatos do Ademar*”. Ao centro, uma foto do líder pessepista e Vargas, num amistoso abraço: “*Ademar de Barros e Getúlio Vargas, numa fotografia histórica em Itú, ao iniciarem, juntos, a grande campanha democrática de 1950*”. A foto cumpria uma dupla missão: permitia ao PSP tomar carona na herança getulista, potencializada pelo recente sacrifício do presidente, ao mesmo tempo em que igualava em importância os dois líderes, responsáveis pela vitória democrática de 1950, realizada “*nos braços do povo*”.

Na **Luta Democrática** durante o mês de setembro, Tenório Cavalcanti baseou seu discurso pré-eleitoral na afirmação de que o povo devia usar a “*arma do voto*” como antídoto ao regime de corrupção que havia predominado sob a administração getulista. Sem esquecer a eterna ameaça do retorno à ditadura (“*Lembraí-vos de 1937!*”), Tenório evocava o recente “*mar de lama*”:

²³⁵ Ver, por exemplo, O Dia de 29/09/54, p.6.

²³⁶ O Dia, 25/09/54, p.3.

“Da manifestação das urnas dependerá a impossibilidade de retornar o Brasil a uma nova era gregoriana.”²³⁷

A **Luta Democrática** também fez propaganda dos demais candidatos udenistas e divulgou os locais de distribuição de cédulas do partido em todo o Estado do Rio de Janeiro. Mas talvez tenha sido a primeira página do jornal no dia 29 de setembro, no entanto, o elemento mais impactante do esforço de promoção eleitoral. “*Tenório, o São Jorge matando o dragão*”, dizia a manchete da **Luta Democrática**. Abaixo, o desenho do “santo guerreiro” cravando sua lança no governo fluminense, o dragão da vez. A imagem retórica havia sido criada pelo deputado Alberto Torres, em comício em Caxias. Abaixo do desenho, a foto de Tenório Cavalcanti – “*a metralhadora que garante a liberdade do povo de Caxias*” – no comício, com a legenda: “*Na fisionomia do povo sente-se o entusiasmo cívico dos admiradores de Tenório*”.²³⁸

Na **Última Hora**, a imagem de Vargas manteve-se viva durante todo o período pré-eleitoral. No registro de homenagens e na evocação das palavras do presidente morto, o jornal participava do esforço petebista em afirmar o partido como depositário da herança política de Getúlio. A carta-testamento havia transformado o nome de Vargas em bandeira do nacionalismo e do trabalhismo, consolidando seu próprio mito, e foi imediatamente incorporada pelo PTB ao seu programa.²³⁹

A **Última Hora** publicou propagandas de candidatos petebistas, como Danton Coelho e Lutero Vargas, em que se reforçava a imagem de “herdeiros”. Em página inteira, o anúncio de Danton Coelho, então já diretor do jornal, dizia: “*E não se esqueça: o PTB é a continuação da obra e da luta de Getúlio Vargas*”.²⁴⁰

Como reação à publicação por **O Globo** do chamado *Livro Negro da Corrupção*, que dava continuidade à campanha udenista contra Vargas e a **Última Hora**, em 27 de setembro o jornal de Samuel Wainer dedicou sua primeira página à “*Verdadeira História de O Globo – Símbolo da*

²³⁷ “*Vacilar é suicídio*”, *Luta Democrática*, 26/09/54, p.3.

²³⁸ *Luta Democrática*, 29/09/54, p.1.

²³⁹ Alzira Alves de Abreu (coord.)...[et al.], *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*, op.cit., p.5970.

Venalidade e da Traição Nacional”, em que “*impressionante avalanche de documentos prova o escandaloso e ilegal financiamento do ‘Grupo Roberto Marinho’ pelo Banco do Brasil e Caixa Econômica*”. A campanha contra Roberto Marinho teria novo capítulo no dia seguinte: “*Marinho enriqueceu com o DIP, fez fortuna no último governo e agora é pago para enlamear a memória de Getúlio Vargas*”.²⁴¹

No dia 30, a *Última Hora* circulou com propaganda de página inteira do PTB, que trazia o retrato de Vargas e cédulas do partido para o leitor recortar. Na capa da Segunda Seção, a reportagem de Edmar Morel sobre os “*Dez anos de crimes da UDN contra o povo*”, listava os “pecados” cometidos pelo partido. Entre eles, o “*golpe da inelegibilidade*”, a “*aliança com os traidores da Pátria*”, a “*chantagem do impeachment*” e a postura contra o salário mínimo, contra a participação dos trabalhadores nos lucros das empresas e pela “*liberação dos aluguéis de casa*”.²⁴²

Completando o esforço de campanha, na véspera das eleições o vespertino de Wainer publicou na primeira página o chamamento de Danton Coelho: “*Vingamos amanhã o sangue de Vargas!*”. Uma página inteira foi dedicada a lembrar a obra de Getúlio (Petrobrás, direitos da mulher, Volta Redonda, institutos de pensões, casa popular, salário-família, direitos trabalhistas), culminando com o aviso: “*Cada voto nos candidatos do PTB é uma flôr no túmulo de Getúlio*”.²⁴³

Conforme escreve Carlos Eduardo Sarmiento, o clima passional que marcou o debate político após o suicídio de Vargas levou a grande maioria dos eleitores a optar por candidatos que se situassem de forma clara, ou no ataque, ou na defesa do legado varguista. Dessa maneira, os candidatos do PTB e da UDN à Câmara dos Deputados obtiveram em conjunto mais de 70% dos votos válidos. Carlos Lacerda e Lutero Vargas tiveram as votações mais expressivas de seus partidos, como deputados

²⁴⁰ Última Hora, 18/09/54, p.5.

²⁴¹ Última Hora, 28/09/54, p.1.

²⁴² Segunda Seção, Última Hora, 30/09/54.

²⁴³ Última Hora, 02/10/54.

pelo Distrito Federal.²⁴⁴ Tenório Cavalcanti foi reeleito deputado federal pela UDN, com a maior votação do estado do Rio.

O estreante Chagas Freitas foi eleito deputado federal pelo PSP no Distrito Federal, em uma das duas únicas cadeiras da bancada carioca do partido (a outra foi ocupada por Benjamin Farah). Os candidatos praticamente triplicaram a votação que o PSP havia obtido quatro anos antes, o que dava indícios da eficácia da estratégia de divulgação através de **O Dia** e **A Notícia**. Principalmente no caso de Chagas, que, diferentemente de Farah, não dispôs ao longo do período de um mandato parlamentar ou de posições de relevo na estrutura do diretório regional do partido. Seus votos podem ser inteiramente creditados à sua atuação através da imprensa.²⁴⁵

Sarmiento chama a atenção para o fato de que a lógica que orientou a escolha dos candidatos à Câmara dos Vereadores não foi afetada pela polarização e nacionalização do debate político, como havia ocorrido nas eleições para o Congresso. O mosaico de legendas representadas na Câmara dos Vereadores em 1954 indicava uma característica específica das eleições municipais cariocas: a eficácia dos políticos com base eleitoral localizada.

Segundo o autor, essa distinção de perfil de representação entre a Câmara dos Deputados e a Câmara Municipal expressa a tensão nacional-local que imprimia sua marca à vida política carioca. O Rio de Janeiro era a capital do País e ao mesmo tempo uma metrópole com mais de 2,5 milhões de habitantes e inúmeros problemas decorrentes do crescimento urbano. *“Entre a ‘capital federal’ e a ‘cidade de São Sebastião’ oscilava o conjunto de referenciais que constituíam o campo político carioca”*, escreve Sarmiento.²⁴⁶

Essa característica da política carioca resultou na formação de “dobradinhas” entre candidatos a deputado federal com discurso mais nacionalizante e candidatos a vereador com bases eleitorais delimitadas. Para a estratégia do PSP em 1954, essa confluência se mostrou eficaz, já

²⁴⁴ Carlos Eduardo Sarmiento, *Chagas Freitas*, op.cit., pp.47-48.

²⁴⁵ Idem.

que à pregação populista do partido se associaram alguns candidatos de expressão localizada.²⁴⁷

As páginas de **O Dia**, articulando a retórica populista e a valorização de comunidades locais, expressavam a estratégia pessepista. No pleito de 1954, o jornal se mostrou um eficiente instrumento para o ademarismo e deu a partida em sua história como pilar da política chaguista no estado. Nas mãos de Tenório Cavalcanti, a **Luta Democrática** teve função similar, mesclando o atendimento às populações suburbanas ao discurso populista de seu diretor.

Ancorados na atuação fundamental de seus jornais, Chagas Freitas e Tenório Cavalcanti lastrearam suas identidades em um mesmo capital político. Embora Tenório tivesse uma personalidade mais carismática, dividia com Chagas o apelo de ser um paladino das massas. A percepção do perigo representado pela concorrência de Tenório levaria Chagas a recuar em seu apoio a Carlos Lacerda nas eleições ao governo estadual em 1960. Temendo o bom desempenho demonstrado por Tenório (que concorria pelo PST) durante a campanha, Chagas procurou nos últimos dias da disputa dirigir votos para o candidato petebista, Sérgio Magalhães.²⁴⁸

A **Última Hora**, por sua vez, órfã de Vargas, enfrentaria uma fase de dificuldades financeiras mas prosseguiria como importante porta-voz da ideologia trabalhista forjada por Getúlio. O golpe militar em 1964, no entanto, foi fatal para o jornal. Já nos primeiros momentos do regime militar começou a perseguição a Samuel Wainer e à **Última Hora**, defensores do governo de João Goulart. O jornal enfrentou inúmeros percalços econômicos decorrentes da perseguição política, e acabou sendo vendido por Wainer em 1972. Nas mãos de outro grupo, a **Última Hora** não seria mais o veículo do legado varguista.

Também o destino da **Luta Democrática** foi selado pelo golpe de 1964. Tenório foi cassado já no primeiro Ato Institucional. A pressão

²⁴⁶ Ibid., p.49.

²⁴⁷ Carlos Eduardo Sarmiento, Chagas Freitas, op.cit., p.50.

²⁴⁸ Ibid., pp.75-77.

política atingiu o jornal, que entrou em processo de declínio e descaracterização.

Em contraste com o destino da *Luta Democrática* e da *Última Hora, O Dia* tornou-se, durante a ditadura, o jornal de maior circulação do país e o sólido alicerce do esquema político articulado, no pós-1964, sob a liderança de Chagas Freitas. O jornal manteve o perfil sensacionalista e sua pauta de assuntos dedicada aos problemas do Grande Rio (como abastecimento e violência), mas tornou-se pouco permeável às oscilações da conjuntura política. Essa linha editorial foi consequente com a forma da oposição chaguista durante a ditadura, tida como uma oposição *aderida* ao governo.

3.4. Qual cidadania? Reconhecimento e controle na imprensa sensacionalista e populista

A imprensa (e os modernos meios de comunicação de massa) são atores e instituições de peso estratégico para a definição dos conteúdos e expectativas que definem o exercício da cidadania e suas repercussões políticas.²⁴⁹ No contexto do segundo governo Vargas, em meio ao processo de incorporação das massas populares à vida política, a linguagem populista disseminada através dos jornais *Última Hora, O Dia* e *Luta Democrática* expressou uma forma de relação política, que, por sua vez, definia certas características para o exercício da cidadania. A historicização das *performances* jornalísticas revela, ainda, tais textos como tensão, onde os idiomas políticos (e as propostas que eles carregam) são confrontados com as suas próprias contradições, impostas pela realidade.

A democracia pós-1945 havia herdado a cultura política forjada pelo Estado Novo, onde os direitos sociais tinham predomínio sobre os

²⁴⁹ Fernando Lattman-Weltman, Cidadania e razão na imprensa escrita: retórica e prática excludente em períodos democráticos (Os anos 50 e 90), op.cit., p.1.

direitos políticos e civis. O Estado Novo havia proposto uma “nova” democracia, não mais política, e sim social e nacional. Na democracia estadonovista, o cidadão não se definiria mais pela posse dos direitos civis e políticos, mas pela posse dos direitos sociais, e a realização plena da cidadania deveria ocorrer pela promoção da justiça social, a ser empreendida pelo Estado.²⁵⁰

A ditadura varguista operou a substituição do cidadão/indivíduo da doutrina liberal pelo cidadão/trabalhador. Como mostrou Angela de Castro Gomes, a dimensão privada e pública do homem era definida pela relação trabalhador/cidadão, isto é, como membro socialmente útil do Estado.²⁵¹

E, como a preliminar da "democracia social" negava o dissenso, o espaço público era definido como área de canalização de interesses privados que se exprimiriam organizadamente (via estrutura sindical), sob arbitragem estatal. Não se tratava de eliminar a diversidade de interesses da "realidade social" mas a premissa de incontornáveis contradições, afirmando o papel diretivo e arbitral do Estado. A dimensão pública, identificada ao Estado e à ação de seus órgãos especializados, guardava, assim, as virtudes da política, finalmente "saneada e franqueada" à participação. Já a dimensão privada, ainda que continuasse tendo um potencial ameaçador, quando devidamente "orientada" exercia papel estratégico ao permitir o conhecimento das verdadeiras necessidades e desejos da população.²⁵²

Conforme a autora, *"projeto corporativo e fortalecimento do sistema presidencial de governo eram as duas pedras de toque de um ideal de modernização da política brasileira que reinventaria as fronteiras da dicotomia entre público e privado, promovendo "combinatórias" sofisticadas e plenas de ambiguidades. A complexa dinâmica dessa proposta iria deitar raízes na "realidade nacional", conseguindo produzir símbolos e idéias que alcançaram um amplo compartilhamento junto à*

²⁵⁰ Angela de Castro Gomes, "A política brasileira em busca da modernidade: na fronteira entre público e privado", op.cit., pp.515-518.

Maria Helena Capelato, *Multidões em cena*, op.cit., pp.173-175.

²⁵¹ Angela de Castro Gomes, "O redescobrimento do Brasil" IN: Lúcia Lippi de Oliveira ...[et al.], *Estado Novo – ideologia e poder*, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1982, p.127.

²⁵² Angela de Castro Gomes, "A política brasileira em busca da modernidade: na fronteira entre público e privado", op.cit., p.520.

*população e deixaram marcas profundas e duradouras na vida política do país".*²⁵³

Com o fim do Estado Novo, as lideranças políticas tiveram que lidar com essa herança construída durante o período autoritário. Reaberto o jogo político, as elites liberais do País confrontaram-se com a realidade de uma democracia onde a experiência e as marcas do regime recém-deposto se fez notar de modo imediato, espelhadas nas formas adquiridas pelo Estado brasileiro e seus principais canais de acesso, representação e intermediação de interesses políticos.

Como nota Fernando Lattman-Weltman, *“a problemática da cidadania aparecia então com toda a força nos debates, dada a entrada da massa no processo político-eleitoral, massa que aprendera a creditar os seus direitos sociais ao antigo líder, e que agora o beneficiava no exercício de seus direitos políticos, através de mecanismos ou caminhos traçados em sua longa e transformadora passagem pelo poder. Mecanismos oriundos do arbítrio e que, no entanto, agora alteravam as coordenadas do livre jogo democrático”*.²⁵⁴

Em sua análise sobre as práticas discursivas da imprensa liberal e de oposição a Vargas na década de 1950, Fernando Lattman-Weltman chama a atenção para a especificidade da articulação entre os direitos civis, sociais e políticos na retórica de tais jornais:

“A defesa dos direitos primordiais de uma ordem liberal autêntica, portanto, os direitos civis, que a ditadura solapara e que agora a democracia deveria restaurar, encontrava-se assim ameaçada pela legitimidade dos direitos sociais (e pela pressão por sua extensão e ampliação). E o que era pior (e insuportável para as elites liberais, tão ciosas de seus modelos): ameaçados pelo exercício dos direitos políticos, que “conspurcados”, segundo elas, poderiam servir, novamente, à

²⁵³ Angela de Castro Gomes, “A política brasileira em busca da modernidade: na fronteira entre público e privado”, op.cit., pp.517-518.

²⁵⁴ Fernando Lattman-Weltman, Cidadania e razão na imprensa escrita: retórica e prática excludente em períodos democráticos (Os anos 50 e 90), op.cit., pp.5.

supressão da ordem constitucional (dado o retorno ao poder, em 1950, do ex-ditador).”²⁵⁵

Do outro lado, o idioma político veiculado pelos jornais populares ligados a lideranças populistas deu continuidade à valorização do cidadão-trabalhador feita pelo discurso estadonovista e manteve também o recurso à idéia da “harmonia social”, embora os embates entre as diferentes facções políticas levassem em certos momentos à construção da imagem do radicalismo iminente. Mas não só o “mundo do trabalho” foi valorizado. Abrindo-se às manifestações da cultura popular (como a religiosidade), estes jornais empreenderam também o reconhecimento de outras dimensões da vida das classes populares.

A identificação destes jornais com o *popular* fez deles não só espaço de defesa dos direitos das classes desprivilegiadas, mas também lugar da própria experiência da cidadania, como fica claro nas seções de queixas, nas colunas sobre problemas trabalhistas e em iniciativas como os tribunais populares, por exemplo. “*Aqui o povo está fazendo justiça pelas próprias mãos*”, anunciou a **Última Hora** no título da reportagem sobre o júri popular realizado no Méier.²⁵⁶ Mantinha-se, no entanto, na **Última Hora**, a figura de Vargas como aquele que doava o direito, repetindo o discurso forjado no Estado Novo:

*“Disposto a se defender, o povo assumirá as responsabilidades que lhe deseja atribuir o presidente da República (...).”*²⁵⁷

No contexto democrático, a **Última Hora**, **O Dia** e a **Luta Democrática** foram lugar da afirmação dos direitos sociais, civis e políticos das classes populares. Ainda que o discurso dos três estivesse sujeito às injunções impostas pela disputa política entre as lideranças às quais estavam ligados, todos empreenderam a “defesa do povo”, o que incluiu, por exemplo, o reconhecimento da cidadania de grupos marginalizados (favelados, negros, umbandistas e outros) e a defesa da

²⁵⁵ Fernando Lattman-Weltman, *Cidadania e razão na imprensa escrita: retórica e prática excludente em períodos democráticos (Os anos 50 e 90)*, op.cit., pp.6.

²⁵⁶ Última Hora, 11/07/51, contracapa.

idéia de que a questão social não devia ser tratada como questão de polícia:

*“Essa história de se querer dar solução a todos os problemas do Brasil por intermédio da polícia é coisa que já devia ter acabado há muito tempo. (...) Somos ou não somos um povo cristão? Temos ou não temos uma política social?”*²⁵⁸

Na *Última Hora*, n’*O Dia* e na *Luta Democrática*, a cobertura do movimento sindical, com as demandas e conquistas dos trabalhadores, oferecia a visão da maturidade do povo no exercício da cidadania. Mas, como vimos anteriormente, das páginas políticas às páginas policiais, diferentes representações do povo foram construídas por estes jornais, revelando as dificuldades da inclusão social e política de grupos situados à margem da sociedade. A retórica populista presente nos jornais *Última Hora*, *O Dia* e *Luta Democrática* expressou permanentemente imagens de ordem e de desordem, articulando simultaneamente o reconhecimento e o controle da força popular. Assim, a aliança entre a linguagem sensacionalista e a linguagem populista reunia “malandros”, “tarados” e “subversivos” sob o título comum de “desordeiros” ou “fora da lei”.

Transformada em “sexo, crime e sindicato”, a fórmula sensacionalista possibilitou aos veículos dominados por líderes populistas a disseminação de um conteúdo político através da manipulação de referências simbólicas da cultura popular. Foi fundamental para estes jornais, em seu papel de instrumento político, o tom moral e a construção de imagens de forte apelo emocional, que os aproximava de formas narrativas populares. O discurso populista disseminado pela linguagem sensacionalista se fazia através de atos de fala carregados de dramaticidade. O próprio texto fazia-se um acontecimento dramático, onde efetuava-se também o auto-reconhecimento dos populares em sua luta por melhores condições de vida.

²⁵⁷ “A saúde e a bolsa do povo defendidas no júri de Ramos”, *Última Hora*, 28/07/51, p.1.

²⁵⁸ Editorial “Polícia e assistência”, *O Dia*, 17/06/51, p.2.

Através da linguagem sensacionalista, a *Última Hora*, *O Dia* e a *Luta Democrática* construíram a visão de uma atualidade concebida como trágica, o que enfatizou o papel de “defensores do povo” exercido por eles e por suas lideranças. Como resultado da seleção dos jornais, mesmo as manifestações dos leitores repetiam as premissas dessa relação, como no trecho já citado:

*“Exmo. Senhor Doutor Tenório Cavalcanti,
Tendo conhecimento que o senhor defende o fraco que não sabe lutar da
mão do forte, venho, por meio desta, lhe pedir um grande favor (...).”*

Em seu perfil de jornais populares, atuando como espaço do reconhecimento social das classes desfavorecidas, a *Última Hora*, *O Dia* e a *Luta Democrática* estabeleceram vínculos entre o público e as lideranças populistas às quais estavam relacionados. Tal como afirmado pela retórica populista, somente um líder genuinamente popular poderia compreender e realizar a “vontade popular”. Segundo a *Última Hora*, a vontade popular não pedia “grandes reformas políticas”, nem “alterações profundas na nossa estrutura social”. Conforme o jornal, o povo pedia apenas “que o governo aproxime-se mais de suas necessidades, caminhe mais rapidamente para o encontro de suas soluções”.²⁵⁹

A afirmação do direito político das massas populares foi elemento constante e central do discurso populista veiculado por estes jornais. O voto era a “arma do povo” e era o que construía a legitimidade do verdadeiro líder. Nesta relação, marcada pelo personalismo, a figura do líder obscurecia o papel dos partidos.

Cabe ressaltar, no entanto, que, se por um lado a linguagem populista disseminada através dos jornais *Última Hora*, *O Dia* e *Luta Democrática* expressou uma forma de relação política; por outro a análise dos textos jornalísticos revela uma tensão, onde o discurso político é confrontado com as suas próprias contradições, impostas pela realidade. Como na reportagem “*Piedade não lucrou com o mandato que deu aos políticos*”, da *Última Hora*, em 5 de janeiro de 1953.

Fazendo um "exame de consciência do eleitor carioca", o vespertino recolheu "nas ruas os depoimentos do povo sobre seus mandatários". A matéria denunciava o predomínio do "eleitorado de cabresto", formado na base das práticas clientelistas. "Os médicos centralizam a política", relatou o jornal sobre a situação no bairro da Piedade, "o que revela que o consultório clínico é um bom centro de catequese eleitoral. (...) A sede do diretório do PTB do bairro fica, por exemplo, no próprio consultório de João Machado". A matéria seguia dizendo que, no entanto, os políticos de Piedade dificilmente se reelegeriam. E citava o depoimento de um eleitor do político Rafael Quintanilha: "Pois não é que o homem desconhece o povo, não faz um favor a ninguém?".²⁶⁰

A reportagem revela as ambiguidades do discurso dessa imprensa popular, sensacionalista e populista. O exame de consciência proposto pelo jornal e a denúncia do *eleitorado de cabresto* não impedia a permanência de uma concepção de representação política que aproximava a idéia de favor ao exercício da cidadania. Tais ambiguidades apontam para a tessitura complexa da linguagem política que se constrói através dos jornais, revelando um contexto tensionado por questões maiores que o embate entre as máquinas partidárias. Neste exemplo, sobressai a permanência da dicotomia entre as dimensões pública e privada da vida política. Mas, ainda assim, aqui as contradições não afetavam a ordem constitucional.

Mais grave era a frequente tematização da fome como situação-limite, que poderia transformar o povo "de boa índole" em "fera":

*"VIROU FERA TOCADO PELA FOME – Luta titânica dos policiais para domar o homem desesperado pela completa miséria – O drama da família aumentou a impaciência do nordestino"*²⁶¹

"O DESESPERO DA FOME – 300 mil flagelados cearenses perderam a paciência e ameaçam rebelar-se a qualquer momento – Mas já foi atirada aos

²⁵⁹ "O povo não está satisfeito", Última Hora, 19/06/51, pp.1-3.

²⁶⁰ "Piedade não lucrou com o mandato que deu aos políticos", Última Hora, 05/01/53, p.3.

²⁶¹ Luta Democrática, 10/06/54, p.5.

ares a insinuação de que a intranquilidade dos famintos é obra de comunistas...”

262

O Dia e a **Luta Democrática** lembravam permanentemente as palavras de Vargas proferidas em discursos, apropriando-se delas a seu modo: “o povo cansado de passar fome” e “voto não enche a barriga de ninguém”. Evidentemente, ao citar a afirmação feita durante o Estado Novo – “o povo, que não mata a fome com o direito do voto”²⁶³ – os jornais oposicionistas tentavam minar a formulação getulista do período democrático, que estabelecia as eleições de 3 de outubro de 1950 como a prova da legitimidade de Vargas como líder popular. Mas para além do embate entre as diferentes lideranças, sobressai a contraposição entre o voto (como instrumento constitucional) e a fome (como situação-limite, fronteira à irracionalidade), apontando assim para o fantasma da incapacidade política de equacionamento dos problemas sociais.

O presente trabalho baseia-se na afirmativa de que a experiência da linguagem tem uma dimensão central no entendimento da ação política. Baseia-se, ainda, na consolidação do papel da imprensa não só como relevante na conformação de idéias, mas também na importância desse seu lugar enquanto revelador da tessitura complexa do pensamento coletivo. Como já dissemos no primeiro capítulo, mais do que nos lugares onde o pensamento aparece formalizado, no discurso jornalístico afloram a emoção, a imaginação, o preconceito, os postulados implícitos, as representações coletivas e as categorias cognitivas.

A dispersão que caracteriza o discurso jornalístico favorece a visão de uma realidade contraditória, porque múltipla. Compreendendo a história das idéias como a história da experiência dos homens no uso das idéias, concebemos a imprensa como lugar da *aventura interpretativa* dos indivíduos sobre seu próprio tempo. A historicização dos atos de fala realizados através dos jornais desvela não só as intenções fundadoras do

²⁶² O Dia, 07/06/51, p.1.

²⁶³ A frase completa, do discurso proferido em 1944, era: “Sem a independência econômica [a liberdade] converte-se quase sempre em licenciabilidade e ludíbrio para o povo, que não mata a fome com o direito de voto, nem educa os filhos com o direito de reunião”. Citado em Maria Emília Lima, *A construção discursiva do povo brasileiro – Os discursos de 1º de maio de Getúlio Vargas*, op.cit., p.128.

discurso e seus significados, mas também os efeitos imprevistos da realidade, que abrem fissuras na ordem que os textos tentam construir.